THEATRO

DE

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Socio da academia real das sciencias de Lisboa

O CEDRO VERMELHO

I

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1874

THEATRO

DE

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

THEATRO

DE

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

O CEDRO VERMELHO

I

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1874

Pertence a propriedade d'este livro, no imperio do Brazil, ao sr. Agostinho José de Almeida, cidadão brazileiro, residente no Pará.

ADVERTENCIA

Se tiverem apparecido ou se apparecerem ainda algumas folhas impressas do *Cedro vermelho,* sem que pertençam á presente edição, previne-se o publico de que esse facto é devido a um abuso de confiança, com manifesta violação da lei de propriedade litteraria. Os detentores d'essas folhas não teem, nem tiveram nunca, titulo ou direito legal que justifique a detenção. Haviam contratado com o auctor a publicação da sua obra, mas não a tinham pago. Como este se queixasse, repetidas vezes, de não se fazerem escrupulosamente todas as emendas marcadas por elle nas provas typographicas, escandalisaram-se; e fiados em que não tinham assignado documento, que juridicamente podesse obriga-los, faltaram aos seus compromissos. Confessaram, todavia, que eram jus-

tas e fundadas as reclamações do auctor, como se vê do seguinte periodo da carta de um d'elles:

«Reconheço que v. tem rasão; e de certo que a inepcia, má vontade ou inexperiencia d'aquelles homens da typographia, reunidas á minha igual inexperiencia ou frouxidão, teem dado resultados deploraveis.»

Apesar d'estas ingenuas e positivas declarações, e não contentes com os prejuizos que a sua falta de fé, depois de um anno de espera, occasionava ao auctor, retiveram em si as folhas impressas do manuscripto que não compraram!

No primeiro impeto de indignação esteve o auctor tentado a leva-los aos tribunaes; depois resolveu estampar-lhes aqui os nomes, expondo-os ás naturaes consequencias da falta de probidade commercial; por fim, nem isso faz. Acha hoje naturalissimo que procedesse assim com elle o homem que ainda ha pouco tempo confessava dever-lhe tudo e lhe escrevia phrases tão succulentas como estas:

«E qualquer que seja sempre a minha posição e a sua, conservarei sempre uma eterna

gratidão por tantas finezas immerecidas, e a minha bôca só pronunciará o seu nome para o encher de bençãos e agradecimentos.»

Não se tomem estas revelações por immodestia do auctor, que as faz sómente com o fim de tornar mais frizantes, no seu caso, as palavras do grande orador romano: *Habemus confitentem reum.* «Temos um réu que confessa».

PREFACIO

O auctor d'este drama saía apenas da infancia quando o destino o levou ás praias que banha o Amazonas. Por lá viveu nove annos, ora embalado pelas ondas do gigante dos rios e dos seus lagos e tributarios, ora attrahido e encantado pela grande voz das florestas.

De volta á patria, não perdeu a memoria do formoso paiz onde passára a idade juvenil; a distancia, que diminue as proporções das cousas, foi impotente com elle, porque o seu pensamento lhe traz sempre presentes, revestindo-as de fórmas ainda mais grandiosas, todas as bellezas que viu alem do Oceano. O tempo e as enfermidades, que tudo gastam, não lhe esfriaram o enthusiasmo; a sua admiração, seguindo as leis de desenvolvimento da vida, cresceu com a idade e tentou por mais de uma vez traduzir-se em factos, embora modesta e obscuramente.

O *Cedro vermelho* aspira tambem á demonstração d'estas verdades e sentimentos. Não o dá o auctor como estudo acabado de costumes; é apenas um quadro imperfeito, composto com recordações da sua mocidade.

Tendo-se representado, ha dezoito annos, no theatro de D. Maria II, onde um publico illustrado e benevolo se dignou recebe-lo com singular favor, sáe hoje em livro, com as correcções e desenvolvimentos que pareceram convenientes para accentuar melhor os caracteres e tornar a leitura mais aprazivel.

Nas *notas e esclarecimentos*, que formam o segundo volume, tentou-se dar uma idéa da paizagem... Mas, que palheta acharia as tintas proprias e que pincel seria assás feliz para reproduzir, colorido com verdade, um painel d'aquella terra de prodigios?!... O auctor sabe que póde ser accusado de pretender disfarçar com o esplendor do scenario os defeitos insanaveis da sua obra; resigna-se, porém, se conseguir provar que não é indigno do titulo de 'amigo sincero do Brazil' com que foi honrado por um grande principe.

A

SUA MAGESTADE

O SENHOR D. PEDRO II

IMPERADOR DO BRAZIL

O CEDRO VERMELHO

DRAMA

Representado a primeira vez, em Lisboa, no theatro de D. Maria II
em 8 de maio de 1856

PESSOAS

LOURENÇO, O CEDRO VERMELHO — Indio Juruna.
FRANCISCO — Guarda marinha da armada portugueza.
DUARTE — Coronel da guarda nacional do Pará.
BRACELETE DE FERRO — Indio Juruna.
BRAZ .... } Tapuios.
THOMÉ .... }
ANTONIO .... }
JUIZ DA FESTA DE S. THOMÉ }
JOÃO — Escravo preto.
MATHILDE — Sobrinha de Duarte.
MIQUELINA .... } Tapuias.
JUIZA DA FESTA DE S. THOMÉ }

Tapuios, Tapuias, Pretos e Pretas.

Logar da scena: — Margens do lago Curumú,
na provincia do Pará.

EPOCHA — 1837.

Côres, trajos e adereços das personagens

LOURENÇO

No primeiro e segundo actos

Vestidura de pennas de arara, papagaio e tucano, sem mangas, descendo até aos joelhos, cingida ao corpo, e alargando em fórma de saial da cintura para baixo; os buracos por onde sáem os braços, bem como o do pescoço, debruados com juncos e pennas curtas, de diversas côres, levantadas para fazer grossura; collares de contas variadas; brincos triangulares, de vidro branco; cabello preto, comprido, apartado ao meio e caído para traz; cocar ou diadema de pennas vermelhas e amarellas, tendo na frente duas mais altas; pulseiras de missanga e pennas de peito de arara e papagaio; o mesmo enfeite nas curvas das pernas e nos artelhos; sem barba, nem pinturas no rosto; descalço; côr de bronze escuro. Armas: arco, mais alto que um homem, de madeira escura, com corda de curauá; frechas de differentes tamanhos, algumas do comprimento do arco, outras mais curtas, com ferros de osso, de taboca e de ferro, uns com feitio de punhaes, outros de arpão e azagaia; na parte anterior das frechas, azas de duas pennas, sendo uma de cada côr e postas com a rama em sentido

contrario; as mais curtas teem enfiado ao pé do bico um caroço de tucuman; algumas sem azas.

Nos tres ultimos actos

Saial de folhas de palmeira verde, e braceletes iguaes nos punhos, curvas das pernas e artelhos; cocar das mesmas folhas, cobrindo-lhe a cabeça até ás orelhas; no peito uma especie de arnez de pelle de jacaré, preso ao pescoço, costas e cintura com largas tiras de couro de anta; um rosario de coral ao pescoço, com uma cruz de oiro pendente. Armas: arco, frechas e espingarda. Na scena final, não traz cocar nem rosario, e o tangapema de Bracelete de Ferro substitue as outras armas.

FRANCISCO

Casaco de xadrez azul e branco, e calça da mesma fazenda; camisa branca, de collarinhos grandes, voltados para baixo; lenço preto no pescoço, com laço á maruja; chapéu de folhas de palmeira; sapatos pretos, de entrada baixa; meias de riscado azul e branco. No ultimo acto, bonnet de guarda marinha portuguez.

DUARTE

Calça e casaco de linho pardo de Hollanda; camisa branca, de collarinhos direitos; lenço de côr ao pescoço; bonnet da guarda nacional do Pará; sapatos pretos de entrada baixa; meias brancas.

BRACELETE DE FERRO

Saial de pennas de varias côres; uma pelle de onça, com parte da cabeça e focinhos do animal, serve-lhe de capacete e de manto; no braço direito

uma argola ou bracelete de metal branco, muito larga; nos artelhos e curvas das pernas, cintas de algodão, tecidas com pennas, e tendo pendentes caroços de inajá, seccos e cortados ao meio, que fazem ruido de cascaveis com o movimento; cabello riçado e atado no alto da cabeça, com uma folha de palmeira e duas pennas de arara levantadas, que só se vêem quando lhe cáe a pelle, depois de ferido. Armas: arco de pau avermelhado; frechas com tacuáras de taboca e de ferro; espada ou tangapema, de pau de arco, de fórma cylindrica, tendo o punho coberto com fio de tocum almecegado, pendente do pescoço para as costas; escudo oblongo, de couro de anta, debruado com pennas, e enfiado no braço esquerdo. Corpo todo pintado com tintas escuras e vermelhas, em riscos ondeados e caprichosos; beiços pretos; descalço.

BRAZ

Calça de algodão riscado, justa ás pernas e muito curta; camisa de riscado encarnado e branco, desabotoada no collarinho. Faca na cinta, em bainha de couro; arco, frechas com ferros de osso, e tacuáras de ferro. Côr acobreada; descalço.

THOMÉ

Calça branca de algodão fino; camisa de chita, de xadrez arroxado. A mesma còr de Braz; descalço.

ANTONIO

Calça de algodão de xadrez largo, branco e côr de tijolo; camisa de riscado azul. A mesma côr dos outros; descalço.

JUIZ

Calça encarnada, justa e curta; casaca verde-claro, de abas estreitas e compridas sobrepondo uma na outra, forrada de amarello, e com grandes botões de aço; camisa côr de canario, desabotoada no collarinho; sem lenço no pescoço; um grande laço de fitas brancas e encarnadas, preso n'uma casa da casaca; chapéu redondo, de palha de palmeira, com a cópa alta e aguda, e com fita côr de rosa, tendo esta as pontas caídas. A mesma côr dos outros; descalço.

JOÃO

Calça e camisa de algodão grosso, branco. A calça curta e estreita. Côr preta; descalço.

TAPUIOS

Calças de riscados variados; camisas de diversas côres. Alguns, com chapéus como o do juiz, mas sem fitas. Côr das carnes, variando entre o chumbo e o cobre; todos descalços.

PRETOS

Calças curtissimas, de algodão branco, grosso, justas ás pernas; sem camisas; descalços.

MATHILDE

Roupão até aos pés, de cassa branca, aberto no peito, deixando ver a camisa de cambraia fina orlada de rendas, apertado na cintura com uma fita escoceza, e aberto tambem da cintura para baixo de modo que descobre parte da saia de cassa differente; mangas largas, compridas e enfeitadas, assim como o corpo e saias, com fitas escocezas guarnecidas de rendas brancas. Manta de gaza ou

filó, quando sáe de nóite, no segundo acto. Collares e pulseiras de oiro. Penteado alto, elegante, em fórma de capacete, variando graciosamente de uns para outros actos. Flores naturaes no cabello. Sapatos de côr clara.

MIQUELINA

No terceiro acto: saia de cassa branca, um pouco curta, com folhos de renda azul clara, e enfeitada com flores naturaes. Camisa de cambraia branca, muito decotada, ornada de rendas alvadias. Mangas só até ao antebraço. Pulseiras e collar de contas de vidro. Cabello atado no alto da cabeça; pente de tartaruga, com virola de oiro na parte superior e pingentes do mesmo metal. Côr, como a dos tapuios; descalça. No quarto e quinto actos, saia de chita riscada e camisa de cassa ordinaria.

JUIZA

Saia côr de canario, enfeitada com laços de fita branca e côr de rosa, com as pontas caídas; camisa branca, muito decotada, com rendas côr de rosa; mangas abotoadas no antebraço, com botões de oiro; laços amarellos e côr de rosa nos hombros; rosario imitando coraes ao pescoço, com uma grande veronica de oiro; argolas do mesmo metal nas orelhas; pulseiras irmãs do rosario; cabello atado no alto da cabeça em fórma de concha; pente muito grande, de tartaruga, com virola e pingentes de oiro; flores naturaes á roda do pente; lenço branco na mão; anneis de tartaruga e de oiro. A mesma côr dos tapuios; descalça.

AS TRES MULHERES DO SAHYRÉ

Saias brancas de cassa; camisas da mesma fazenda, todas decotadas e com enfeites de rendas;

penteados altos, com pentes de tartaruga e flores no cabello; lenços brancos nas mãos. Côr, a dos tapuios; descalças.

TAPUIAS

Saias de chita, de côres claras e variadas; camisas brancas e de côres; lenços nas mãos; penteados differentes: umas prendem o cabello com pentes altos, de diversos feitios, e outras com travessinhas de metal e de tartaruga; pulseiras de contas e collares iguaes; brincos de oiro, coral, pedras, etc. Côr, como as outras; descalças.

PRETAS

Saias muito curtas, de differentes côres; camisas iguaes, sem mangas, muito decotadas; descalças.

ACTO PRIMEIRO

Margem meridional do lago Curumú. Á direita do espectador começa uma floresta, destacando-se d'ella algumas araucarias e palmeiras de mediana grandeza. Á esquerda, casa terrea, coberta com folhas de palmeira pindoba, já velhas, e vestida em partes de jasmineiros floridos e outras trepadeiras; as paredes da casa são de barro; as portas e janellas, de pau, com venezianas amarellas. Em torno da habitação, ananazes e bananeiras com fructo; rosas mogorins, assucenas, jasmins brancos e jasmins de Cayena em florescencia. Á frente da casa, um largo terreiro com mangueiras, laranjeiras, coqueiros, goiabeiras e cuieiras, todas com fructos. Ao fundo, o lago, sobre cujas aguas se debruçam dos arvoredos grandes festões de maracujá. Alem do lago avista-se vagamente a floresta da margem opposta. Duas redes atadas nas mangueiras; uma esteira no chão, com objectos de costura em cima; uma banca de madeira tosca e bancos á roda.

SCENA I

DUARTE, recostado em uma das redes; **FRANCISCO**, junto d'elle, de pé, apoiando-se n'uma espingarda com uma das mãos, e tendo um ramo de nenufares na outra; **MATHILDE**, sentada na esteira, com um bordado no regaço, olha distrahidamente para a floresta; **JOÃO**, á borda do lago, acabando de tecer um paneiro.

DUARTE

Que lhe pareceram as nossas plantações, Francisco?

FRANCISCO

Lindissimas! Sinto que o coronel me não tivesse convidado ha mais tempo para eu vir admira-las. É assombrosa a natureza do seu paiz! Que variedade de plantas, de fructos, de aves e de insectos deslumbrantes! Que florestas magnificas! que vastas campinas e que lagos immensos!... Senhora D. Mathilde, peço licença para lhe offerecer um ramo de nenufares. (Dando o ramo a Mathilde.) São formosissimas estas flores! Para as apanhar tive que expulsar de entre ellas um jacaré audacioso, que pretendia impedir-me de entrar nos seus dominios.

MATHILDE, acceitando friamente o ramo

Não são feias... porém, a flor do mururé grande é muito mais bonita.

DUARTE, a Francisco

Não se metta com jacarés; ha muitos n'este lago, e é arriscado brincar com elles.

FRANCISCO, mostrando a espingarda

Eu sei a maneira de os tratar sem que elles abusem da minha confiança.

DUARTE

É preciso muito sangue frio e muita cautela; o senhor não está costumado ainda

aos nossos lagos e aos nossos matos; peço-lhe que não se exponha.

FRANCISCO

Serei prudente para mostrar-me grato a v. ex.ª Mas diga-me se não é pena que similhantes patifes destruam, com as suas cabriolas impias e selvagens, flores tão viçosas como aquellas?

DUARTE

A natureza foi liberal comnosco. O jacaré nos lagos, a onça nos bosques e o jaguar nas campinas, pódem cortar largo e estragar á vontade, que não nos prejudicam.

FRANCISCO, sentando-se na rede

Se esses senhores exercem livremente a sua tyrannia na terra e nas aguas, é natural que considerem o homem como intruso, e não o poupem...

DUARTE, sorrindo

Elles são reis... tributarios. Aqui só o homem é soberano absoluto. O mato offerece-nos, sem prejuizo da onça, a caça de muitas variedades, as riquissimas madeiras de construcção, as gommas preciosas, as plantas medicinaes e os oleos odoriferos; vestem-se as campinas de abundantes pastos para en-

gordar os nossos rebanhos, e o tigre não nos disputa o capim, com quanto se esqueça de vez em quando de respeitar as nossas rezes!... Os rios e os lagos fornecem-nos peixes de mil qualidades sem prejudicar a existencia dos crocodilos. (Levanta-se, vae fallar com alguns pretos que atravessam a scena carregados com paneiros á cabeça, e segue-os até á borda do lago.)

FRANCISCO

Paiz de maravilhas!... (Olhando para Mathilde.) E de fadas tambem!

MATHILDE, forcejando por sorrir

Viu alguma no seu passeio?

FRANCISCO

Vi... a dama do lago.

MATHILDE

É mais feliz do que eu! Vivo aqui desde muitos annos, e não a encontrei nunca. É formosa?

FRANCISCO

Eu acho-a formosissima.

MATHILDE

Querem ver que está namorado!

FRANCISCO, encarando-a fixamente

Seria imprudencia?

MATHILDE, baixando os olhos

Talvez... (Olhando novamente para elle.) Se ella lhe ordenasse que a seguisse ao fundo do lago?...

FRANCISCO

Obedecia.

MATHILDE, erguendo-se

Ah!... que estava fazendo a mysteriosa naiade quando o senhor a encontrou?

FRANCISCO, áparte

Francisco, toma juizo! Não te deixes ir atraz do chôro! (Alto.) Acariciava um jacaré, promettendo-lhe o coração do primeiro homem que se atrevesse a adora-la.

MATHILDE, rindo

Tem graça! Veja se cáe em dar-lhe o seu. O senhor desenha? Ha de me fazer o retrato da dama do lago.

DUARTE, que se approximava e ouviu as ultimas palavras, a Francisco

Talvez ignore ainda que Mathilde tambem é artista?

FRANCISCO

Não sabia.

DUARTE

Desenha com soffrivel correcção e pinta a aguarella.

MATHILDE

O tio exagera... A mestra franceza que me deu algumas lições, falleceu quando eu principiava apenas...

DUARTE

Deixe-a fallar. Tem feito lindas vistas do Curumú.

FRANCISCO, a Mathilde

Sei que não possuo nenhum titulo para que me honre com a sua confiança... e avalio o que perco! Desde que vim da cidade, com o senhor coronel, poucas vezes me tem sido concedida a honra de ver a v. ex.ª; mas como tenho agora de vir aqui mais frequentemente, por causa das colheitas que se approximam, esforçar-me-hei para...

MATHILDE, a Duarte, interrompendo Francisco

O tio tem boas lembranças! Fallar nos meus nadas a um europeu instruido e talvez grande artista?!... (A Francisco, sorrindo.) Não lhe mostro as minhas obras... e espero que não se escandalise.

FRANCISCO, com um sorriso de despeito

Não sou sujeito a despeitar-me... nem tinha de quê. (Áparte.) É uma selvagem!... encantadora. (Alto.) É verdade que... por outro lado... (Áparte.) Estou bonito! Nem sei o que

digo! (Alto, olhando para o relogio e erguendo-se.) O que me peza é ter de ir já para a villa!...

DUARTE, dirigindo-se para casa

Se lhe parece, fique esta noite comnosco; não nos incommoda; a casa é grande, e ha muito onde armar uma rede. (Entra em casa.)

SCENA II

MATHILDE, FRANCISCO, JOÃO á beira do lago

MATHILDE, sentando-se na rede

Vae zangado commigo?

FRANCISCO

Não tenho motivo... nem direito... nem me era possivel zangar-me com v. ex.ª

MATHILDE

Bem sabe que sou sertaneja; nasci quasi nas selvas, e tenho ás vezes meus assomos de... selvagem. (Levanta-se.)

FRANCISCO, approximando-se e pegando-lhe respeitosamente na mão, que ella lhe offerece

Oh! minha senhora!... (Áparte.) Adivinhar-me-ía o pensamento? (Alto.) V. ex.ª exagera... como a natureza do seu paiz. (Beija-lhe a mão.)

MATHILDE, retirando a mão

Não me estrague! Ouço dizer que a civilisação é perigosa... para os que a não teem. Venha commigo, e avaliará os meus talentos artisticos.

FRANCISCO

Vou já; peço-lhe licença por um momento; só o tempo necessario para dar um recado ao pae João. (Mathilde entra em casa.)

SCENA III

FRANCISCO, JOÃO á beira do lago

FRANCISCO, depois de ver Mathilde entrar em casa

O sol dos tropicos faz ferver o sangue d'esta seductora creoula!... E o caso é que sympathiso com ella!... Foi hoje a terceira ou quarta vez que lhe fallei, e parece que já lhe tenho... Que é que lhe tenho eu?... Não sei; sinto o que quer que seja cá por dentro, e estou capaz de me lembrar que passei por aprendiz de litterato e poeta na minha terra, e fazer-lhe... um soneto?! Era de morrer de vergonha diante d'esta epopeia da natureza. (Voltando-se para a floresta.) Não vos assanheis, poeticos prodigios; não sou tão asno que vos insulte, tocando bandurra na vossa augusta presença!... Que o meu genero pendia todo para o sentimental, e na Academia de Marinha

não havia Bernardim que me deitasse a barra adiante! O que tem graça é estar eu agora aqui, no sertão do Brazil, tendo-me embarcado em Lisboa como guarda marinha para o cruzeiro de Africa! O acaso tem ás vezes brincadeiras!... Um capitão mercante precisou em Angola de um official, que o ajudasse a conduzir o seu navio ao Pará; pediu-o ao governador, o governador mandou-o fallar com o commandante da estação naval, o commandante deitou discurso aos officiaes, e eu, que vivi sempre desejoso de ver mundo, offereci-me para esse serviço. Embarquei na vespera da viagem, á noite; o navio saíu de madrugada; e... escandalo dos escandalos! o guarda marinha, empregado no cruzeiro contra a escravatura, achou-se segundo commandante de um negreiro! Ninguem foge ao seu destino. Reconhecendo o logro, quiz virar de bordo; riram-se de mim, e obrigaram-me a trazer duzentos pretos á costa do Pará! Chego a terra, clamo contra o capitão, e mettem-me na cadeia por cumplicidade! Quando o consul soube a historia e me fôi reclamar, o negreiro tinha desapparecido! Com que cara iria eu apresentar-me aos meus camaradas?! Fiz frente á posição comica, em que me via, e assentei de arranjar segunda parte ás minhas aventuras. Um novo acaso permitte-me

encontrar o coronel Duarte em casa do consul; tomo amisade ao excellente homem, que me propõe vir ser seu administrador, e dá commigo na villa de Alemquer ou do Surubiú, como dizem os indios, uma terra desconhecida no mappa, a duzentas leguas da cidade! E esta sobrinha em que eu não reparei desde logo, esta adoravel sertaneja?!... Divindades do acaso, eu vos bemdigo... com a condição de que me haveis de proteger sempre! (Chamando.) Ó João?

JOÃO, á beira do lago

Siô môço?...

FRANCISCO

Toma conta da minha espingarda.

JOÃO, approximando-se com um paneiro na mão

Siô môço não vae mais hoje para Alemquê?

FRANCISCO

Não sei; se eu for, tu has de ir commigo. (Entra em casa.)

SCENA IV

JOÃO, depois BRAZ

JOÃO, olhando para o paneiro

Agora vem cá os tapuio dizê á mim, que só elle é que sabe fazê paneiro! Tomára

encontrá gentio, que quer mostrá a elle; si dize qui está bem feito...

BRAZ, com uma rede ás costas, e arco e frechas na mão

Oh! de casa?...

JOÃO

Oia lá cabouco! Si falla n'elle mais dipressa!...

BRAZ

O patrão está ahi?

JOÃO

Que quer a elle?

BRAZ

O branco tem canôa?

JOÃO

Não ha di tê canôa?!

BRAZ

E sabe se precisa de remador?

JOÃO

Vae pérguntá a pae sinhô. (Vae para saír, e volta.) Tapuio sabe fazê paneiro?

BRAZ

Podéra não saber!...

JOÃO, mostrando o que tem na mão

Dize a mim se acha bom este.

BRAZ, examinando-o

Hum... (Abanando a cabeça.) nem por isso!...

JOÃO, despeitado

Que tem que dizê a elle?

BRAZ

O paneiro de guarumá deve ser feito com talla verde para se poder apertar; se este é para metter farinha, não presta.

JOÃO

Porquê?

BRAZ

Tem os buracos muito largos, e rasga-se logo a folha com que for empalhado.

JOÃO, mettendo os dedos pelo tecido do paneiro

Tapuio dize isso por inveja... é vérdade qui talla estava quasi sêcca... (Voltando o paneiro de roda.) mas puxou ella bem! Vossê não intende d'estes coisa. Espera ahi, qui vae chamá pae sinhô.

SCENA V

BRAZ, só, olhando para o lago

Até que emfim torno a ver-te, meu lago do Curumú!... Ah! quantas vezes estive em

risco de não beber mais da tua agua! Os brancos venceram!... Tive de fugir, e preciso atravessar para a outra banda. De cá, ninguem me conhece; mas toda a demora d'este lado é perigosa. Esta noite, quando o mutúm cantar pela segunda vez, tomarei a primeira canôa que achar no porto, e adeus margem de Alemquer! Chegando ás matas das cabeceiras do lago, desafio os brancos para que vão lá prender-me!

SCENA VI

BRAZ, DUARTE

DUARTE

Que é que queres?

BRAZ, áparte

Jurupari! Este conhece-me!

DUARTE, reparando n'elle

Esta cara!... Onde a veria eu?! Tu já me serviste? Ah! agora me lembro! fugiste-me na cidade, por occasião da entrada dos cabanos.

BRAZ

Não fui eu, patrão.

DUARTE

Não, não foste; eras meu remador... e por signal, que abalaste, levando-me uma espingarda!

BRAZ

O patrão engana-se.

DUARTE

Não te chamas Braz?

BRAZ

O meu nome é Joaquim.

SCENA VII

DUARTE, FRANCISCO, BRAZ, depois JOÃO

FRANCISCO, com um desenho na mão

Que admiravel aguarella! Os sabios da culta Europa ficariam assombrados se vissem o primor com que nas margens do Curumú se cultivam as artes do desenho.

DUARTE, que tem estado a examinar Braz

Não teimes; eu conheço-te perfeitamente.

BRAZ, imperturbavel

O patrão nunca me viu.

DUARTE

Peior é essa! Eu perdôo-te se me fallares com franqueza. Tu sabes arpoar pirarecú? Pois ficas commigo; dize a verdade: foste tu o remador que me fugiu com a espingarda?

BRAZ

Joaquim não é mentiroso nem ladrão; e é Joaquim que eu me chamo.

DUARTE

Vae-te com os diabos!

FRANCISCO, approximando-se

Que tem, senhor coronel?

DUARTE

Estou furioso contra este velhaco!

FRANCISCO

Tranquillise-se; dizia um philosopho illustre, que nada ha n'este mundo que valha a colera de um homem prudente.

BRAZ, saíndo

Adeus, patrão.

DUARTE

O cachorro antes quer ir-se embora do que dizer que é o proprio! Cabano?!

FRANCISCO, *baixo a Duarte*

É um revolucionario?! Porque não o prende?

DUARTE

Ó tapuio?!

BRAZ, *voltando*

O patrão fallava commigo?

DUARTE

Anda cá, homem; tu não és mura?

BRAZ

Não, senhor; nasci no Tapajós, e meu pae é mundurucú.

DUARTE, *disfarçando a ira*

Bem; n'esse caso tomo-te para meu pescador. (*Áparte.*) Deixa estar que te hei de agradecer o atrevimento de me teres desmentido!

BRAZ

O tapuio não é enganador.

DUARTE

Melhor para ti! Ó João?

JOÃO

Pae sinhô?

DUARTE

Vae apanhar o café dos topés, que estão á beira do lago. Leva esse homem para te

ajudar. E dize aos teus parceiros, quando vierem com os paneiros de cacau, que não os deixem ao sol. Quero tudo recolhido. (João sáe com Braz.)

SCENA VIII

DUARTE, FRANCISCO

FRANCISCO

Não gosto da cara d'elle.

DUARTE

São os nossos arabes errantes. O seu prazer é estarem hoje n'um logar e ámanhã n'outro. Com a mesma facilidade com que se justam n'uma casa ou n'uma canôa, abalam sem despedir-se, mudam de nome e de naturalidade, segundo as circumstancias, e mentem com admiravel sangue frio!

FRANCISCO

Se o coronel sabe que este pertenceu aos facinoras, que sob a denominação de cabanos devastaram a provincia, porque não o mette na cadeia?

DUARTE

Vejo-o desmentir-me com tanta audacia, que chego a hesitar se será o mesmo! Porém, deixe-o commigo; a villa é perto, e elle

não perde nada em esperar. A cabanagem, que se julgava inteiramente extincta com a destruição do acampamento de Icuipiranga, parece que ainda tem restos para as bandas do Rio Negro. No principio do mez chegou a Santarem uma divisão encarregada de perseguir esses assassinos, e eu recebi ordem para capturar os que se refugiassem no meu districto; felizmente, Alemquer fica-lhes fóra de mão, e ainda bem! A não serem os meus escravos, eu não tenho soldados com que possa contar para esse serviço. Não falle n'isto a Mathilde. Onde estará ella?

FRANCISCO

Anda com a preta na canôa.

DUARTE

Com este sol!... Já é mania! Ella não gosta de ir para a nossa fazenda das margens do Surubiú, nem de estar na casa da villa ou no engenho, onde o senhor reside, porque se creou quasi sempre n'este sitio. Diz que prefere o Curumú aos outros lagos, e esta residencia, onde nos faltam todas as commodidades, ás melhores que possuimos, porque vive aqui em completa liberdade. A mãe tambem já assim era... e aqui falleceu, coitada! Eu, como velho, estou pelo que ella quer, se bem que, ás vezes, assus-

to-me com o seu genio aventuroso e audaz! Não faz idéa do atrevimento com que Mathilde percorre a floresta! Nada lhe mette medo!...

FRANCISCO, mostrando o desenho

E que talento que ella tem! É bellissima esta aguarella!... As ondas encapelladas pela tempestade, o deserto incendiado ao longe, as arvores curvadas pelo tufão, e, para supprir a ausencia dos jacarés e das onças, está a côr local representada por este gentio pittoresco, inclinado sobre o arco, e contemplando com tranquilla indifferença a revolução da natureza. Ha immensa poesia n'este quadro!

DUARTE

Foi copiado fielmente da ponta do mangue.

FRANCISCO

Quem serviu de modelo para o indio?

DUARTE

Elle mesmo.

FRANCISCO

Elle mesmo?!

DUARTE

Ainda não o viu?

FRANCISCO

Não vi a quem?

DUARTE

O gentio.

FRANCISCO

Qual gentio?

DUARTE

O nosso.

FRANCISCO

O coronel tem um gentio? Isso é serio? um selvagem primitivo, sem ser de theatro?! Peço-lhe por favor que me deixe ver immediatamente o homem da natureza. Eu ainda acabo por me fazer sabio no meio d'este luxo de historia natural!

DUARTE

Duvidava da existencia dos gentios?!

FRANCISCO

Perdão; sei que ainda ha muitos, e que a poder de cachaça, de ferros velhos e de pelles de missionarios, se renova com elles o casco da população dos tapuios. Baptisam-se alguns de vez em quando, a troco de ferramentas; mas quando lhes parece, tornam a fugir para os seus matos, onde continuam placidamente a comer-se uns aos outros; e para se distrahirem mimoseiam com frechadas os viajantes do Amazonas e dos seus tributarios! Aos proprios indios mansos tenho ouvido muitas vezes fallar dos bravos, como se se tratasse de animaes ferozes; e é

por eu saber isto que duvidava da existencia de selvagens artisticos e poeticos, como o que vejo aqui pintado... O coronel não se escandalisa com a minha franqueza?

DUARTE, *sorrindo*

Acho-a apreciavel. Se não viu ainda o Cedro Vermelho é porque o senhor Francisco vem aqui poucas vezes, e elle anda sempre á caça, unico serviço que se compraz fazer-me. É certo que os trabalhos emprehendidos para civilisar os indios estão muito longe de dar resultados satisfactorios; e a guerra civil veiu ha dois annos interromper as missões; mas uma grande parte das aldeias e villas do alto Amazonas está cheia de gentios, que pouco a pouco se vão domesticando com o contacto dos já civilisados. Deve, porém, confessar-se que para os trazer ao gremio social tem sido menos proficua a catechese do que os negociantes chamados regatões, que se servem d'elles para remadores das suas canôas.

FRANCISCO

Esses não são anthropophagos?

DUARTE

Quem sabe?!

SCENA IX

DUARTE, FRANCISCO, JOÃO, depois LOURENÇO

JOÃO, entrando a correr

Pae sinhô? pae sinhô?! vae jacaré assanhado atraz di canôa di sinhásinha! Accode a ella!

DUARTE, correndo para o lago e voltando logo

Dá cá a minha espingarda!... Lourenço? Lourenço? (João corre para o lago.)

FRANCISCO

Eu tenho aqui a minha. (Corre para casa.)

LOURENÇO, entrando, a Duarte

A tua voz treme como o canto das guaribas quando sentem o perigo perto! Alguem offendeu o tio Duarte?

DUARTE, apontando para o lago

Um jacaré persegue minha sobrinha!...

LOURENÇO, depois de ter olhado rapidamente para onde Duarte lhe apontou

Que o chefe se não assuste. Rosa do Surubiú vae dentro do ubá juruna. (Curva o arco sob o joelho direito para lhe retezar a corda.)

JOÃO, gritando e subindo a scena

Preta já não póde rémá! Boliram com bi-

cho, que tem ôvo na praia, vae deitá o seu dente d'elle á borda di canôa!...

DUARTE, correndo para a praia

Não te pedi a espingarda?! (João corre para casa, apparece Francisco com a espingarda, e o preto volta atraz d'elle, empunhando uma grande faca.)

FRANCISCO, vendo Lourenço

Eis o gentio!... (Olhando para o lago.) e um jacaré!... O reino animal em todo o seu esplendor! (Põe a arma á cara, fazendo pontaria para o lago.)

LOURENÇO, larga o arco e as frechas, e tira a espingarda a Francisco

A Rosa do Surubiú não pede auxilio! No seu coração corre o sangue dos guerreiros brancos!

FRANCISCO, querendo tirar-lhe a espingarda

Elle desarma-me com esta franqueza?! Eu atiro melhor do que tu... á frecha, não digo nada, mas á espingarda, has de me dar licença que...

DUARTE

Deixe-o, deixe-o!... (Francisco cede.)

LOURENÇO, fazendo pontaria

O juruna aprendeu com o chefe branco. (Dispara a arma, larga-a, tira a faca das mãos de João, corre para a praia e precipita-se no lago.)

DUARTE, olhando para o lago

Bravo! Excellente pontaria! (A Francisco.) Metteu a bala pelos olhos do jacaré, que dá saltos espantosos. E Mathilde applaude, como se estivesse no theatro aonde nunca foi!

FRANCISCO

Eu, que tenho presumpção de ser bom atirador, confesso, que o seu gentio é insigne! Começo a gostar d'elle.

DUARTE, com desvanecimento

Fui eu quem o ensinou a atirar. (Gritando.) Lourenço?... Nada pelo outro lado da canôa! não te chegues ao monstro, que é mais perigoso agora!

FRANCISCO

Grite, coronel, grite! Elle não ouviu, e o jacaré vae devora-lo! Ah! (Cáe sentado na rede.)

DUARTE

Admiravel!

FRANCISCO

É insolito! Um gentio a cavallo n'um jacaré, como o macaco e o delfim da fabula de Lafontaine! (Olhando para o lago.) Optimo! a cavalgadura não dá pelo freio, e elle abre-lhe a barriga, como quem parte uma abobora! Ó João, dá cá um copo de agua; eu não estava preparado para estas scenas. (João sáe.)

DUARTE, rindo

Quer antes cachaça?

FRANCISCO, com um gesto de recusa

Detesto-a! É uma bebida abominavel!

DUARTE

Não tem rasão!

FRANCISCO

Éstes espectaculos da infancia do mundo são violentos demais para os meus nervos! Nunca fui medroso; porém, a novidade commove-me sempre! Hei de costumar-me por fim, que remedio?!... Mais duas ou tres representações d'estas, e creio que ficarei em estado de passear de braço dado com qualquer onça ou de trazer uma giboia por gravata. Para me costumar vou inscrever-me socio amador entre os tupinambás.

DUARTE, com ironia

Para um homem que esteve na Africa e que tem familiaridade com o Oceano, estou-o achando muito meticuloso!...

FRANCISCO, rindo

Isso foi espinha com que ficou por eu dizer mal da cachaça?! (Fallando-lhe como em segredo.) Aqui para nós, eu não desgosto do meu copinho, ás vezes, sobre o café... mas bem vê

que sendo administrador do engenho do coronel Duarte, não convem que elle saiba isto.

DUARTE

Isso agora é outro cantar! Descanse, que eu não digo nada ao velho. Todos temos as nossas fraquezas.

FRANCISCO, apertando-lhe a mão com affecto

O coronel é capaz de fazer com que eu me esqueça de voltar para o meu paiz!

DUARTE, sinceramente

Tomára eu!

SCENA X

DUARTE, FRANCISCO, JOÃO, MATHILDE, LOURENÇO

FRANCISCO, indo ao encontro de Mathilde

Não sei se devo felicita-la pela ver livre de um perigo, que tanto a divertiu?

DUARTE, beijando-a

Que susto que me pregaste!

MATHILDE, a Francisco, depois de ter correspondido ás caricias de Duarte

Muito agradecida.

JOÃO, trazendo um copo de agua

Aqui está agua, siô môço.

FRANCISCO

Dá á senhora moça.

MATHILDE, sentando-se na rede

Não tenho sêde.

FRANCISCO, áparte

Que mulher! (Bebe.)

DUARTE, a Mathilde

Se continuas com os teus passeios imprudentos, sem levar comtigo algum escravo de confiança, ainda nos vens a dar desgosto grande!

MATHILDE

A preta bateu com o remo na cabeça do jacaré, e elle correu atraz de nós.

JOÃO

Jacaré tinha ôvo mittido nos fôia secco da praia; não é bom buli com bicho que tem ôvo, porque assanha todo.

DUARTE, a João

Quem te pede o teu parecer? (João afasta-se para a beira do lago.) Porque não gritaste logo, Mathilde?

MATHILDE

Disse ao João que chamasse Lourenço.
(Lourenço approxima-se vindo do lago, grave e indifferente, sem cocar e todo molhado.)

DUARTE, pondo a mão no hombro de Lourenço

Anda cá, meu nobre juruna. Agradeço-te a dedicação que tens por nós, e admiro cada vez mais a tua intrepidez e destreza.

LOURENÇO

Quando partiu para as regiões da morte aquella que o gentio chamára Voz de Caraxoé, ordenou ao Cedro Vermelho que vigiasse e defendesse sua filha.

MATHILDE

Minha boa mãe!...

LOURENÇO

O guerreiro deve ser fiel aos mortos e aos vivos. Emquanto o tejupar do branco der hospitalidade ao juruna, as armas do filho de Bracelete de Ferro protegem Rosa do Surubiú.

DUARTE

Vae dizer á preta Luiza, que te dê café com aguardente. Estás molhado e póde fazer-te mal.

LOURENÇO, sorrindo

O Cedro Vermelho nasceu nas margens florentes do Xingú; as aguas do teu lago

não podem offende-lo. (Afasta-se lentamente, seguido de João.

FRANCISCO, vendo-o afastar-se

Tambem me parece! N'aquella pelle não entram sezões quartãs ou terçãs! É quasi de bufalo!

MATHILDE, áparte

Heroe e poeta!... e não entende o amor!...

SCENA XI

Duarte, Mathilde, Francisco

DUARTE, a Francisco

Admira-se da linguagem do gentio?

FRANCISCO

Eu ando continuamente admirado, desde que vivo na sua terra!

DUARTE

O meu selvagem, que se exprime quasi sempre em estylo figurado, e por vezes com muita propriedade, julga-se descendente dos tupys, que tinham a faculdade da poesia e do canto; e eu penso muitas vezes se a musica não será um bom meio para civilisar os indios?...

FRANCISCO

Quem sabe?! Conviria experimentar. Como o apanhou?

DUARTE

Veiu commigo n'uma das viagens que eu fiz ao rio Xingú. Pertence á tribu juruna, raça de indios muito intelligente, mas muito pouco conhecida.

FRANCISCO

E deixou-se ficar aqui até agora?! Admira como sacrificou facilmente os habitos da vida livre dos bosques!

DUARTE

Affeiçoou-se á mãe de Mathilde, que lhe ensinou o portuguez e o curou de uma enfermidade; emquanto ella viveu, nunca demonstrou desejos de nos deixar; porém, depois que falleceu minha irmã, tenho-o visto muitas vezes a calcular pelo sol para que lado fica a sua terra.

FRANCISCO

Qualquer dia vae-se-lhe embora.

MATHILDE, com impeto

Não o calumnie! Lourenço é reconhecido.

DUARTE, a Francisco, sorrindo

Fica avisado para não lhe faltar ao respeito diante de Mathilde, que se constituiu protectora do juruna... E elle merece que o estimem. (Afasta-se, passeiando pelo terreiro.)

FRANCISCO, que ficára admirado da vivacidade de Mathilde, dirigindo-se a ella

O que eu disse foi sem intuito de offen-

de-lo. E agora, desde que sei que tem tão altas protecções, estou persuadido de que não lhe faço favor nenhum considerando-o a phenix... dos selvagens.

MATHILDE, com despeito, ergue-se e torna a sentar-se

Ha de fazer-lhe justiça quando conhecer melhor o coração altivo e generoso, e o caracter franco e independente de que elle é dotado.

FRANCISCO, querendo dominar o pasmo

Realmente?!... N'esse caso vou toma-lo por modelo, se v. ex.ª m'o permitte. (Áparte.) Que enthusiasmo! Se ella não fosse artista!...

MATHILDE, tentando disfarçar a colera e batendo com o pé no chão

O senhor maneja a ironia com muita facilidade!... (Francisco approxima-se d'ella na attitude respeitosa de quem se desculpa.)

DUARTE, olhando para o lago

O mariola do preto está posto de conversa com o tapuio, e não me recolhem o café! Ó Francisco, tenha a bondade de lá ir e esfogueteie-me aquelles tratantes.

FRANCISCO, baixo a Mathilde

Se me diz isso a serio, vou-me deitar ao Curumú, para que a dama do lago dê ao meu coração o destino que sabe.

MATHILDE, ainda meio irada, baixo

Pois vá, que eu quero ver!

FRANCISCO, baixo

Tinha animo de me ver afogar?! Faço-lhe a vontade! Agora, não, porque vou cumprir as ordens de seu tio... mas... depois, quando eu não tiver nada que fazer. (Sáe.)

SCENA XII

MATHILDE, DUARTE

MATHILDE, rindo

Que singular caracter!

DUARTE, approximando-se

Que tal achas este rapaz?

MATHILDE

Parece-me bom moço; talvez um poucochinho apaixonado de epigrammas!

DUARTE

Estimo que te não desagrade; tenho-o experimentado e reconheço que é sinceramente nosso amigo, homem de bem ás direitas, trabalhador e intelligente como poucos. Gosto muito d'elle!

MATHILDE

Se o julga digno da sua amisade, é justo.

DUARTE, como consultando-a

Tem-me lembrado associa-lo á nossa casa?...

MATHILDE

Como o tio quizer; eu não entendo nada d'essas cousas.

DUARTE

Nós não temos parentes chegados... Eu estou velho; posso faltar-te de repente e tu ficas para ahi sósinha....

MATHILDE, correndo para elle

Meu querido tio!... (Abraça-o.)

DUARTE, commovido e fazendo-lhe meiguices

Isto ha de ser um dia, filha! É inevitavel; e não desejo deixar-te ao desamparo. Se eu morresse agora, em que triste situação te verias tu, só com os escravos?!...

MATHILDE

E o Lourenço.

DUARTE

O Lourenço é selvagem; e o que nós precisâmos é de um marido.

MATHILDE, soltando-se-lhe dos braços

Um marido?! Qual?

DUARTE

Não te assustes; ainda temos tempo... Comtudo, recommendo-te que penses algumas vezes n'isto; convem que... Tu bem percebes!... Eu sympathiso muito com este moço...

MATHILDE

Casar com o portuguez?! Oh!... (Corre para casa.)

DUARTE, que não a viu sair

Porque não? Um homem galante, amavel e instruido... Que é d'ella?! Mathilde? É de um arrebatamento esta rapariga! (Entra em casa.)

SCENA XIII

LOURENÇO, depois BRAZ

LOURENÇO

A folha da jatuaíba tem caído seis vezes no lago, e descido com as corrêntes para o grande rio depois que eu deixei de ver as cachoeiras do Xingú e a taba juruna. Os fructos do tucuman e do inajáseiro amadurecem e cáem; rebentam os novos cachos, que tornam a despir-se, e o guerreiro, que por vã curiosidade deixou o paiz onde nasceu, fica sempre á beira do lago dos tapuios! O sol e a lua vogam silenciosos na sua ca-

nôa de nuvens e de anil, procurando através dos arvoredos amazonicos as terras ferteis, onde as antas cortam com os pés as barreiras dos rios... e o Cedro Vermelho não vae como elles ver o Bracelete de Ferro e o Peito de Tiépiranga! Meu pae!... minha mãe!... O branco é um chefe, que tem coração... e Voz de Caraxoé salvou o teu filho da doença... Oh! Peito de Tiépiranga, filha dos mundurucús, se tu visses Voz de Caraxoé quererias servi-la como escrava! Os seus olhos eram mais brilhantes do que as azas do guainambi que os brancos chamam beija flor, e puxavam para si todos que a viam; as suas mãos, finas e lustrosas como as folhas do guarumá, eram mais brancas do que as pennas da urátinga, e perfumadas como a flor da jabatopita! A sua voz, doce como os favos de mel creados no pau de arco, parecia o canto suave do caraxoé da varzea, e nos seus dias tristes assemelhava-se ao suspirar da rola quando lhe roubam o companheiro!... O Cedro Vermelho escutava-a sem respirar, esquecido da sua tribu e dos seus inimigos, porque as suas palavras matavam todo o odio e toda a colera e faziam vir as lagrimas aos olhos do guerreiro!... Oh! mal haja o vento ardente das planuras do Curumú, que lhe fez murchar no rosto as rosas mogorins! Como a arvore da cupahiba, quando

lhe tiram todo o oleo, inclina sobre o tronco os ramos desfallecidos e as folhas sem vida, assim Voz de Caraxoé adormeceu, para nunca mais acordar, á borda d'este lago funesto! O juruna quer fugir d'aqui, mas não póde!... A Rosa do Surubiú é filha d'aquella que o arrancou das prisões da morte!

BRAZ

Antes que o branco teime outra vez que me conhece, vou desamarrar a canôa... (Vendo Lourenço.) Um gentio!... (Olha com disfarce para a outra banda do lago.)

LOURENÇO

O meu irmão quer atravessar o lago?

BRAZ, com surpreza

Porquê?! (Áparte.) Ouviria o que eu disse?!

LOURENÇO

Da outra banda póde-se dormir sem medo dentro dos tejupares dos tapuios; o mato é cerrado e a caça não foge do caçador; as goiabas e os araçás apodrecem aos pés das arvores, e o engáseiro verga com o peso dos fructos sobre as aguas serenas do Curumú.

BRAZ

O meu irmão veiu de lá?

LOURENÇO, com altivez

Eu sou juruna; minha mãe é filha de um chefe mundurucú, descendente dos tapajós e dos cambebas; e meu pae vem da nobre raça dos tupys conquistadores; a nação a que pertenço vive livre da auctoridade dos brancos; o cedro não cresce nos areiaes onde os tapuios são servos.

BRAZ

Servos?!... E que procura o selvagem nas praias dos indios mansos?

LOURENÇO

O meu irmão sabe porque vão as aguas do lago para o rio? Porque andam noite e dia as correntes impetuosas do Amazonas, do Tapajós e do Xingú? Porque arrastam os ventos as folhas do jenipapeiro, espalhando-as pela campina, muito longe d'onde nasceram? Pois eu vim como as correntes e como as folhas das arvores. Porque vim?... não sei; a ilha fluctuante ou a tartaruga levadas ao collo do grande rio não sabem tambem para onde vão, nem quem as empurra; e deixam-se ir embaladas pelas ondas.

BRAZ

Não entendo o gentio.

LOURENÇO

Porque o gentio é um guerreiro independente. (Volta-lhe desdenhosamente as costas e entra no bosque.)

BRAZ, ameaçador, áparte

Maracajá do Xingú! Se eu te encontrar no meu caminho!... (Dirige-se para a beira do lago.)

SCENA XIV

MATHILDE, FRANCISCO, BRAZ á beira do lago

MATHILDE, áparte

Casar com o portuguez! E o meu ideal?! Não póde ser!... (Senta-se na rede.)

FRANCISCO, áparte, olhando para Mathilde

Como ella está distrahida!... Parece-me que arrisco uma declaração em regra?... (Alto.) Ainda não tive occasião de me deitar ao lago... mas descanse, que não me esqueço.

MATHILDE, sorrindo

Estou perfeitamente socegada, porque confio na sua boa vontade. Não gosta de estar na rede?

FRANCISCO, sentando-se na outra rede

Sou doudo pelas redes! O balanço faz-me lembrar do meu navio, da minha vida er-

rante, de... (Balouçando-se.) Isto deve ter sido inventado por Sardanapalo. (Áparte.) Que asneira! Ella sabe lá quem foi Sardanapalo?!

MATHILDE, que o tem estado a observar, áparte

Elle não é feio!... Porém... sacrificar-lhe a minha creação poetica é impossivel e absurdo! (Alto.) De que modo seria acolhida em Lisboa uma selvagem como eu, se algum capricho da sorte me arremessasse de repente ao seio da sociedade portugueza?

FRANCISCO, áparte

A pergunta parece uma provocação! (Alto.) Com o respeito affectuoso com que no meu paiz se acata a virtude, com a admiração que inspira a belleza aos povos cultos, e com o enthusiasmo com que o amador de botanica festejaria a flor maravilhosa de uma planta rarissima.

MATHILDE

Lisonjeiro!

FRANCISCO

Digo o que sinto e o que penso; e faço justiça ao gosto delicado dos meus compatriotas. Na Europa sabe-se que os astros mais formosos são os que brilham no céu dos tropicos.

MATHILDE, sorrindo

E eu pareço-me com elles?

FRANCISCO

Se parece?! (Áparte.) Eu declaro-me! (Alto.) Os seus olhos fazem empallidecer o esplendor do cruzeiro do sul...

MATHILDE, erguendo-se

Não abuse da sua intelligencia contra uma pobre sertaneja ignorante, que não sabe responder a taes galanteios. (Áparte.) Tem graça o tal senhor portuguez! (Sáe rindo.)

FRANCISCO, que se ergueu, desapontado

Cada vez me entendo menos com mulheres! Ora esta! Desafiou-me para que lhe chamasse formosa, e vae-se, zombando de mim!... É uma selvagem, palavra de honra!... É uma selvagem... seductora! Eu creio que não lhe disse nenhuma inconveniencia?... Mas protesto, que não me sei haver com ella! N'outra parte teria adiantado os meus negocios com quatro banalidades... aqui, faço diligencia para ser amavel e cáio como os maus actores diante de um publico exigente!...

BRAZ

O patrão chamou?

FRANCISCO, olhando para elle com espanto

Eu?! Ah! sim... chamei para te dizer, que vás para o diabo que te ature.

BRAZ, áparte

Marinheiro!... Gosta da branca e ella não o quer; é bom ir sabendo, porque me póde servir.

SCENA XV

FRANCISCO, DUARTE, BRAZ

DUARTE

Que fazes ahi parado? Vae ajudar o preto a deitar a mandioca de môlho. Viste o Lourenço?

BRAZ

É o gentio? Não vi.

DUARTE

Dize ao João, que mande dois moleques voltar o pirarecú; e quando acabares de lá has de ir cortar jussáras de paxiuba para fazer um girau na casa do forno.

BRAZ, áparte

Trabalha-se aqui muito! Isto não me servia, ainda que eu não tivesse necessidade de fugir. (Sáe.)

SCENA XVI

DUARTE, FRANCISCO

DUARTE

O senhor não quer beber uma cuia de vinho de cacau ou de taperibá? Olhe que é excellente para mitigar a sêde; aconselho-lhe antes o de cacau, porque o outro é muito acido. O assahy faz-me muita falta; mas ainda não consegui acclimata-lo no Curumú. Que tal se vae dando com minha sobrinha?

FRANCISCO

Optimamente; isto é... por ora tenho tido pouca convivencia com ella; mas parece-me muito... muito...

DUARTE

Exaltada?... (Francisco protesta por gestos, que não era isso que queria dizer.) Tem rasão; porém, eu conheço-a bem e affirmo-lhe que é dotada de muito boas qualidades. (Francisco faz signaes de assentimento.) Coração excellente!... Depois de casar, passam-lhe todos os devaneios.

FRANCISCO, á parte

Ella tem devaneios!

DUARTE

Parece-me que o senhor me disse uma vez por alto, que odiava o matrimonio?

FRANCISCO

Eu! Nós nunca fallámos n'esses assumptos.

DUARTE

Que maior consolação póde haver para o homem do que receber os affagos e carinhos da familia?! O celibatario não conhece, na solidão em que vive, a verdadeira felicidade da existencia humana. Ainda o que lhe vale, no seu caso, é viajar... mas as viagens acabam tambem por cansar e aborrecer a gente.

FRANCISCO

Eu não sou adverso ao casamento; elle é que anda indisposto commigo, sem que eu tenha culpa. Já sonhei muitas vezes com as alegrias serenas do lar, ao lado de uma mulher bella, rodeado de louras creancinhas!... Poesia tudo! Agora, quasi que não penso n'isso, porque me teem succedido cousas de fazer arripiar as carnes.

DUARTE

Realmente?

FRANCISCO

Não faz idéa! Com esta idade, já estive para casar cinco vezes!

DUARTE

Oh! com os diabos!

FRANCISCO

Felizmente... ou infelizmente, como acontecia ao heroe de um romance, que li ha tempos, no momento supremo acho sempre alguem que me empalme a noiva.

DUARTE, com espanto

Essa agora!

FRANCISCO

É verdade; a sorte privou-me até hoje de ouvir o doce nome de esposo da bôca de uma mulher adorada; mas, como compensação, quando estou ameaçado por qualquer perigo, parece que uma voz mysteriosa e solícita suspende a catastrophe, bradando-lhe: 'Poupa esse homem, que não é marido! respeita-o, porque tem escapado cinco vezes ao laço conjugal!' E a desgraça afasta-se de mim e vae caír sobre um dos meus vizinhos.

DUARTE, sorrindo

Ora, adeus! Vamos dar um passeio até á ponta do mangue; mais devagar conversaremos a este respeito.

FRANCISCO

De passagem, confortarei o meu espirito com uma cuia do seu vinho de cacau. (Sáem.)

SCENA XVII

LOURENÇO, MATHILDE

LOURENÇO

O indio servil quer enganar o Cedro Vermelho. Deseja atravessar o lago sem que o vejam!... A esperteza traiçoeira do mura não póde competir com a sabedoria do guerreiro juruna.

MATHILDE, com o ramo de nenufares na mão

Lourenço?

LOURENÇO

Rosa do Surubiú?

MATHILDE

Sabes que me salvaste a vida?

LOURENÇO

A tua mãe curou o Cedro Vermelho; o chefe branco ensinou-o a pegar na arma de fogo.

MATHILDE

Porque continuas a chamar-te Cedro Vermelho? O teu nome é Lourenço.

LOURENÇO, com orgulho

Uso do nome por que me conhece a minha nação. Voz de Caraxoé quiz que o gen-

tio fosse baptisado, e os desejos d'ella dobravam a vontade do juruna como as mãos obrigam a jacitára a apertar os rolos do tabaco.

MATHILDE

Sei que a amavas e respeitavas muito. Comtudo, não crês no Deus que ella te ensinou a adorar!

LOURENÇO

A mão que faz andar o sol e a lua, que puxa pelas arvores para as fazer crescer, que empurra as aguas dos grandes rios para uma região mysteriosa, a fim de que ellas não alaguem o paiz da caça que sustenta os jurunas, é a mesma que suspende os passaros no ar e solta os ventos, que derrubam florestas e viram canôas. Voz de Caraxoé explicava-me que ella pertence a um Deus unico, creador do gentio, do branco e do preto; eu não o conheço; mas sei que nos seus dias de colera Elle apaga as estrellas do céu, que são as luzes do seu tejupar, e manda o trovão e o raio fazer tremer os peitos dos valentes, para mostrar que é só elle o chefe invencivel.

MATHILDE, ápartc

O sublime e o absurdo! E esta alma poetica não comprehende a minha! (Approximando-se d'elle com arrobatamento.) Lourenço!... (Hesita um instante.) Toma estas flores.

LOURENÇO, pegando nas flores, com admiração

Um ramo de mururé! Quando o piága juruna corôa com a flor de oiára o seu maracá, as aguas do Xingú ou as do Tapajós correm tintas de sangue inimigo. Que a Rosa do Surubiú ensine ao Cedro Vermelho se este ramo é uma ordem de vingança.

MATHILDE, áparte, com paixão

Não me entende! Ah! que importa! O meu amor não descerá jamais das regiões do idealismo até ao nivel das paixões brutaes e vulgares!... (Vendo Braz approximar-se, afasta-se lentamente.)

SCENA XVIII

LOURENÇO, BRAZ, depois FRANCISCO

BRAZ, áparte

O patrão desconfia de mim! Se não corro tão depressa para o cafezal, apanhava-me a desamarrar a montaria!... A branca deu os mururés ao gentio!... Que quererá aquillo dizer?!

LOURENÇO, contemplando o ramo, que tem na mão

Oh! Bracelete de Ferro, porque não tem o Cedro Vermelho a tua sabedoria para comprehender o que significa, segundo as tra-

dições do povo juruna, um ramo de mururé-miri?!

BRAZ, tocando-lhe no hombro

O gentio sabe agora por que veiu para o lago dos tapuios? É porque as flores do Curumú são mais bonitas que as da sua terra.

LOURENÇO, fitando os olhos nos de Braz

O meu irmão fugiu da onça? Vejo-o tremer como se o tivesse tocado o puraqué do lago! (Pondo-lhe a mão sobre o coração.) Quando o juruna corre, o seu coração bate com a impaciencia de alcançar o inimigo e não com medo d'elle; o rosto dos bravos não muda as côres como a flor da camará-juba.

BRAZ

Eu não estou cansado... não vim a correr.

LOURENÇO

O tapuio quer atravessar o lago, porque o chefe reconheceu-o; se os homens da minha raça fossem covardes denunciantes eu podia faze-lo caír como a sumaumeira a quem as correntes do Xingú levaram a terra das raizes!...

BRAZ

O gentio engana-se.

LOURENÇO

As armas dos brancos não se confundem

com os cipós e os troncos da floresta, como os arcos e os tacápes dos indios... (Braz quer ir para a floresta; detendo-o com um gesto.) Os matos são menos cerrados d'este lado do Curumú e os olhos do gentio vêem através dos cipoaes; a espingarda já não está onde o tapuio a escondeu.

BRAZ

Não fui eu... é falso.

LOURENÇO

Só os homens invilecidos pelo servilismo faltam á verdade. O meu irmão póde fugir, que eu não tentarei impedi-lo; mas aquelle que não respeita o tejupar que lhe deu hospitalidade, é um inimigo do juruna; e se quizer morder na mão que lhe deu sustento, encontrará o ferro da minha tacuára.

BRAZ

Isso é um desafio?!

LOURENÇO

Os filhos da minha tribu não são salteadores nem piratas.

BRAZ

Quer dizer que o são os da minha?

LOURENÇO

Quando me faltarem troncos de aninga para alvo das minhas frechas, escolherei o

peito de um indio mura. Eu tinha quinze annos e o maior guerreiro dos parintins, chamado Cedro Vermelho o terrivel, foi esmagado pelo meu tacápe de sucupira. Tomei o seu nome em memoria do meu primeiro feito, para honrar a minha nação. Aos dezesete annos queimei o campo dos meus parentes mundurucús, que tinham rompido a alliança com os jurunas, e a minha tribu denominou-me Tatá Japinong, que na lingua dos velhos tupys quer dizer Onda de Fogo. Aos dezoito annos fui metter uma frecha na porta do rei dos apiácas, e ganhei-lhe as armas em combate. Após esta acção os anciãos elegeram-me chefe, conjunctamente com o Bracelete de Ferro, acclamando-me Apiába Acanhemo ou Homem Terror! Para não affrontar meu pae, saí do Xingú por conselho do pagé, e não quiz outro nome senão o de Cedro Vermelho. Que póde dizer de si um indio errante, que vive de roubos como os jacarés famintos e que descende dos comedores de carne humana?!

BRAZ, furioso

Que os muras não se gabam! Eu não queimei as palhoças dos parintins, mas ajudei a incendiar a cidade dos brancos; associei-me á matança dos seus marechaes; fiz fugir um exercito commandado por generaes sabios e

valentes; e não ando a alardeiar façanhas como os vaidosos que se assimilham ás mulheres!

LOURENÇO, recuando respeitoso

O meu irmão é um chefe?! O seu peito não mostra as côres do muruxi, do urucú e do jenipapo com que se pintam os homens esforçados!... Se tambem as não vê no corpo do juruna, apagou-as a vontade de uma mulher e não o desejo de encobrir com a falta d'ellas a tribu a que pertenço.

BRAZ

Não preciso pintar-me para disfarçar o medo. (Medem-se algum tempo em silencio.) Ahi vem o branco!

LOURENÇO

O logar do combate?

BRAZ

Na praia dos cajueiros.

LOURENÇO

A minha frecha de guerra estará cravada na mungubeira do lago ao primeiro canto da saracura. (Braz dirige-se para a beira do lago; Lourenço contempla o ramo de flores e encaminha-se lentamente para a floresta.)

FRANCISCO, vendo o ramo na mão de Lourenço

O gentio com as minhas flores!... Lá se foi o meu sexto projecto de casamento!...

Preterido, até por um selvagem! Oh! raiva!... D'esta vez não é brincadeira; vou-me deitar a afogar... (Deitando-se placidamente na rede.) depois de dormir a sésta. (Cáe o panno.)

ACTO SEGUNDO

Bosque de cajueiros, carregados de flores e fructos, nas immediações do local onde se passa a acção do primeiro acto. Á esquerda, canapé tosco, de troncos de arvore, tendo as costas e braços forrados com trepadeiras. Á direita, uma mungubeira, rodeada de murtas e assucenas. Ao fundo, vê-se o lago através dos arvoredos.

SCENA I

MATHILDE, *só, passeando*

Foi d'aqui, da praia dos cajueiros, que reparei n'elle pela primeira vez, ao cabo de cinco annos! Á minha mestra de desenho ensinava-me a esse tempo a traduzir a historia de Othello e Desdemona... Que raio de luz!... Crear n'estes ermos um heroe mais completo do que o mouro de Veneza! Até então olhára-o com indifferença e n'esse dia vi-o levantar-se diante de mim como a visão poetica da ventura immaterial! Comecei a ama-lo... amo-o, com o mais puro sentimento que póde nascer n'um coração sincero!

Mulher e branca, apaixonada por um indio!... Com que delicias os hypocritas civilisados proclamariam similhante escandalo, se eu não vivesse ignorada n'estas selvas quasi virgens?! Felizmente, estou livre d'elles! O servilismo e a vida pautada, a que são condemnadas as mulheres da minha condição, nas villas e cidades, repugnam á minha natureza. Que importa que me chamem selvagem? Em vez da escravidão, imposta ao meu sexo pela tyrannia social, vivo a meu gosto, na amplidão dos lagos, entre as magnificencias das florestas! Para as pobres captivas das salas, as obrigações e deveres, que as peiam como os troncos onde prendemos os nossos escravos; para mim, a liberdade completa, a satisfação de todos os meus desejos e aspirações, a faculdade de me interessar desaffrontadamente por tudo quanto é grande e nobre, e de seguir o ideal que mais apraz á minha phantasia!... (Senta-se no canapé.) A vinda do portuguez e o pensamento que esse facto despertou em meu tio perturbam agora a corrente serena da minha existencia!... Eu não posso casar com o homem de côr?... Falta-me acaso o animo para vencer a preoccupação, que intimida o orgulho e a vaidade feminina? Não; mas, desde que o meu amor baixasse das espheras superiores onde vivem as concepções sublimes, envergonhar-me-ía

eu d'elle! Serei, pois, maior que Desdemona!... Tambem não devo casar com o moço estrangeiro, porque para isso teria de aniquilar a imagem querida, que povôa a minha solidão de extasis deliciosos!... Será a presença do branco perigosa para o indio? A civilisação augmenta as forças dos que a conhecem e dá-lhes recursos perfidos!... A ironia e o ridiculo são armas terriveis; e afigura-se-me que o portuguez as emprega pouco generosamente contra Lourenço... Porventura suspeitará o que mais ninguem percebe?! É necessario desenganar meu tio e dar-lhe razões, que justifiquem a minha recusa aos proprios olhos do seu protegido... Ah! ahi vem elle! (Volta-se com disfarce, fingindo não ver Francisco.)

SCENA II

Mathilde, Francisco

FRANCISCO, áparte

Que desengraçada mania com que está o meu amigo coronel! Então, não embirra em querer casar-me com a sobrinha?!... E já vejo que quando se lhe encaixa uma cousa na cabeça, é de fazer suar o topéte... aos outros! Eu caí em lhe dizer que gosto d'ella e o bom velho ía-me pegando logo na pala-

vra! Não senhor; não estou pelos autos; sobre tudo agora, que a julgo apaixonada pelo seu poetico gentio!... (Sorrindo.) É um disparate; ella não póde preferir selvagens a homens civilisados. Que bonita cousa, se em Lisboa soubessem que eu tinha tido similhante rival!... Com os diabos! antes dar um tiro na cabeça... do tupinambá. (Dando estalos com os dedos.) Ah! agora, agora!... já percebo o negocio! O meu excellente Duarte deu pelo namoro de Mathilde com o indio e quer atalhar o mal, casando-a commigo!... Pois está arranjado! (Ponderando.) É verdade que eu não tenho prova nenhuma de que fosse ella quem offereceu os meus nenufares... O bruto podia ter achado ali o ramo e... perdão; se a bella romantica se esqueceu das flores, foi porque não pensava em quem lh'as dera. Isto é claro como agua! Sondemos o terreno com prudencia. (Approximando-se de Mathilde.) Que virá ella fazer a esta praia depois do sol posto? A casa é perto... comtudo, não lhe faltavam passeios ainda mais proximos!... (Examinando-a.) Como está pensativa! (Tosse.)

MATHILDE, voltando-se

Ah!... ficou!

FRANCISCO, áparte

Nota a minha presença com sentimento!...

(Alto.) Seu tio convidou-me para darmos um passeio no lago, ao nascer da lua. As noites de luar, tão formosas em todas as latitudes, no Brazil, e sobre tudo n'esta provincia, são incomparaveis! Julga que eu fiz mal em ter ficado?

MATHILDE

Pelo contrario. E onde está meu tio?

FRANCISCO

Ando a procura-lo.

MATHILDE

Talvez fosse para a ponta do mangue, que é o sitio de que mais gosta; eu prefiro a praia dos cajueiros.

FRANCISCO, olhando em torno de si

Tem rasão! Este logar é encantador! As arvores carregadas de flores e fructos; as assucenas e murtas derramando na atmosphera seus perfidos aromas, que embriagam suavemente; o lago, dormindo tranquillo aos pés d'estes arvoredos ridentes; o céu, sem nuvens, povoando-se de esplendidas estrellas!... (Sentando-se ao lado de Mathilde.) Oh! como se está aqui bem! Felizes dos que tiveram por patria este paraizo!

MATHILDE

O senhor é poeta?

FRANCISCO

Tive tenção de o ser; pareceu-me haver nascido predestinado para jungir syllabas em columnas, sommando-as como algarismos. Foi mais uma illusão... perdida!

MATHILDE

Ensaie outra vez; o local, a hora, o aspecto d'esta natureza, de que parece tão enamorado, devem inspira-lo.

FRANCISCO, erguendo-se, áparte

Lá vae asneira! A culpa é d'ella, que me está desafiando... Não; tenhâmos juizo! Caír em fazer-lhe versos, era estender-me de vez! (Olhando para ella de través.) Palavra de honra, que estou com vontade de me ajoelhar a seus pés, e adora-la como divindade d'estes bosques!

MATHILDE

Resolve-se?

FRANCISCO, sentando-se

Não posso.

MATHILDE

Porquê?!

FRANCISCO

Porque a minha musa intimida-se diante d'estes cajueiros floridos, á vista d'esse lago soberbo, do céu resplandecente que nos cobre, de... de tudo, emfim, que estou vendo

e admirando! Isto inspira poesia que não se traduz em palavras rimadas; sente-se, falla ás almas, deleita-as, desvaira-as talvez e... géra o amor, a paixão, o sentimento ardente que... que dá impetos divinos aos corações humanos! (Áparte.) Ella não diz nada! Querem ver que está pensando no selvagem emquanto eu estrago o meu estylo mais selecto?!

MATHILDE, levantando-se

Ahi vem meu tio; se quizerem ir dar o seu passeio, póde ser que eu os acompanhe. (Encaminha-se para a borda do lago.)

SCENA III

FRANCISCO, depois DUARTE

FRANCISCO, furioso

Sejam lá poetas com gente que vive empanzinada de poesia! Admirem-se das suas arvores enormes; façam o elogio dos seus lagos, da sua immensa bicharada, e esperem por um agradecimento! Fizeram a sua obrigação, louvando tudo isto, que realmente é bello! (Approximando-se de um cajueiro.) Ella gosta d'estas arvores? Pois vou quebrar-lh'as e atirar com os cajús á cabeça d'aquelle jacaré que ali vae passando. (Apanha um cajú.) Nem se-

quer olhou para mim, quando eu ía quasi declarar-lhe que... que... (Come o cajú.) Delicioso fructo! Realmente, fiz bem em não lhe dedicar versos, porque o podia estragar!... (Apanha outro cajú e come-o.) É inutil disperdiçar bonitas palavras com quem não as entende... ou finge não entender! O gentio voltou-lhe a cabeça, esfaqueando jacarés e serpentes; e eu não tenho remedio senão fazer tambem alguma d'essas selvagerias, para me distinguir... Parece-me que trazendo-lhe um tigre pelas orelhas me tornarei digno do seu agrado?... De que diabo me serve ser branco e, segundo affirmava minha mãe, rapaz sympathico, se um bruto côr de chumbo me leva a palma? Bem dizia o meu Virgilio, no tempo em que eu tinha pretensões de lhe traduzir as Eclogas:

> Oh! moço bello, não te fies muito
> Na côr; as flores brancas das alfenas
> Cáem; colhem-se as negras violetas!

E o que me vale é não estar ainda apaixonado a valer!... Que assim mesmo estou capaz de me sarapintar com alguma tinta feia e de arranjar estylo apropriado?... Ella gosta d'isso, e, francamente, não se me dava de lhe ser agradavel.

DUARTE

Álerta, meu amigo!

FRANCISCO

Álerta?! Para quê?

DUARTE

Não me enganei com o tapuio; é o cabano que me fugiu na cidade e desconfio que não veiu só.

FRANCISCO, querendo saír

Quer que o mande já engaiolar?

DUARTE, detendo-o

Nada de precipitações! O patife espreita-me e não faz senão olhar para a outra banda, como se esperasse de lá alguem.

FRANCISCO

Serão restos da cabanagem, que viessem esconder-se no Curumú?

DUARTE

Póde mais facilmente ser alguma quadrilha composta de soldados desertores e dos assassinos, que elles tinham o dever de perseguir, e aos quaes se reuniram por vezes para roubar de sociedade. Em todo o caso sejâmos prudentes; eu estou prevenido com seis armas carregadas a duas balas, e uma caixa de cartuchos excellentes.

FRANCISCO

E eu trago aqui as minhas pistolas... É

um costume velho de soldado moço, que me ensinaram na Africa; e pareceu-me que não o devia desprezar n'este paiz e no tempo em que vivemos... (Sorrindo.) sobre tudo, desde que soube as forças de que o coronel póde dispôr na villa do seu commando.

DUARTE, vexado

É uma vergonha!... Não me dão meios para pagar e sustentar os soldados, de maneira que muitas vezes acontece estar só um d'elles de sentinella á cadeia e não haver outro para o render! E ordenam-me que auxilie a captura dos cabanos e que policie o meu districto!?... Não fallemos n'isto, que me faz mal. Vamos ao passeio projectado, para não causarmos desconfianças, e tratemos de andar acautelados.

FRANCISCO

E se encontrarmos o tapuio?

DUARTE

Nem palavra! Se elle desconfia, foge, e ficaremos ignorando as suas intenções, que eu desejo saber a todo o custo.

FRANCISCO

O coronel confia nos seus escravos?

DUARTE

Absolutamente; são todos fieis. O proprio João, que é medroso, daria a vida por mim; nunca me larga quando desconfia que corro algum risco.

FRANCISCO

O João é bom preto. Se o tapuio tiver cumplices e se forem muitos?... Não seria melhor prender já este? A sua prisão não transtornaria o plano de todos?

DUARTE

Póde ser; mas eu ficaria ignorando se effectivamente ha outros combinados com elle. Não nos dando nós por achados e estando apercebidos para qualquer eventualidade, breve saberemos tudo.

FRANCISCO

Lembre-se que os cabanos se apossaram da cidade do Pará em 1835!...

DUARTE

Lembro; mas não me esqueço tambem de que foi por tolice e injustificado pavor de quem a defendia. Se eu tivesse o commando d'ella, afianço-lhe que não tinham lá entrado. Silencio! Ahi vem o tapuio.

SCENA IV

FRANCISCO, DUARTE, BRAZ

BRAZ, á beira do lago, espreitando para a outra banda

O gentio não anda longe. A branca está ali!

DUARTE

Elle olha tanto para o lago!... Veja se descobre alguma cousa ao longe?

FRANCISCO, curvando-se

Não vejo nada... Ah! uma canôa!

DUARTE

Occultemo-nos atrás d'esta mungubeira. (Escondem-se.)

FRANCISCO, espreitando para o lago

A embarcação vem direita á praia. (Tirando as pistolas do cinto, que trás escondido por baixo do casaco.) Oh! que recordações da minha vida de soldado, a bordo da corveta *D. João Primeiro!* Minhas pobres pistolas, vamos talvez ter uma distracção momentanea, uma abordagem em miniatura, para matarmos as saudades!...

DUARTE

Repare d'este lado; no fim do areial; não é minha sobrinha?

FRANCISCO

É sim, senhor. (Tornando a olhar para o lago.) Na canôa veem duas pessoas.

DUARTE

O tapuio esconde-se!... É porque não são dos seus.

BRAZ, que tentava occultar-se, vendo Duarte e Francisco, áparte

Espreitavam-me! (Alto, caminhando para elles.) O preto João e o gentio andam a pescar no lago; eu tambem sei arpoar peixe-boi e pirarecú; frechar tucunaré, arauanã, surubim e tambaqui; bater timbó e pescar de todos os modos. Quando o patrão quizer, o Joaquim vae buscar peixe.

DUARTE

Pois sim. (Áparte.) Cuidas que me embaças? Eu te direi o peixe que has de trazer!

FRANCISCO, escondendo as pistolas

Que estavas fazendo ahi?

BRAZ

Vim ver se havia tartarugas a desovar na praia. A lua está para nascer e em casa faz muito calor.

DUARTE, baixo a Francisco

Não o espante.

BRAZ

A branca tambem gosta de olhar para o lago quando o gentio está pescando.

FRANCISCO, áparte

Até o tapuio percebeu já o namoro?!...

DUARTE

Pódes ir deitar-te; temos que saír de madrugada para a villa.

BRAZ

Ainda é muito cedo, patrão. (Vae-se.)

SCENA V

Duarte, Francisco

DUARTE

Se esta noite não houver novidade, ámanhã prégo com elle na cadeia.

FRANCISCO, indignado e como se estivesse só

É o resultado das educações feitas com a leitura de novellas! Se eu alguma vez tiver filhas e as apanhar a ler romances!... É verdade que na Europa não ha gentios pittorescos... mas ha outros selvagens poeticos, mil vezes peiores! Os livros perniciosos che-

gam a toda a parte! Até aos sertões do Brazil!... A cousa é clara!... Os passeios solitarios, as minhas flores na mão do alarve... Agora é que eu sei a que genero de devaneios o coronel se referia!

DUARTE, approximando-se

O senhor está a fallar só?! Eu não me referia a nenhuns devaneios; disse que ámanhã metteria o tapuio na cadeia.

FRANCISCO, atrapalhado

O coronel ouviu-me?! Tenho estado a discutir se conviria... se valerá a pena de... Percebe?... A situação póde tornar-se grave de um momento para o outro e eu meditava um plano de defeza.

DUARTE

Diga lá, a ver se eu approvo.

FRANCISCO, fazendo-lhe gestos grandiosos com as mãos e os braços

É um projecto vastissimo, complicado... com bases e ramificações... (Fallando-lhe em voz baixa e espreitando para os lados.) Não se póde dizer aqui... as arvores e o lago teem ouvidos! Disfarcemos, fallando em outra cousa. Não acha sua sobrinha um pouco triste e abstracta?

DUARTE

É genio; ficou assim desde que lhe morreu a mãe. O senhor vae-se entendendo bem com ella?

FRANCISCO, confidencialmente

Tire d'ahi a idéa; não tente brigar com o meu destino, porque ha de dar-se mal. Eu não sou casavel. Se teima em querer levar por diante o seu projecto, prepare-se para grandes desastres.

DUARTE, sorrindo

Estou preparado... para os fazer felizes.

FRANCISCO, gravemente

Eu avisei-o a tempo; depois não se queixe de mim, nem me accuse pelo cataclismo infallivel que virá esborrachar os seus planos. A Providencia, que me disputa ás mulheres, lá tem as suas rasões. Ouça a minha historia; estou certo que mudará de opinião depois de ouvi-la. A primeira noiva que eu tive morreu quando acabava de me escrever uma carta, modelo de elegancia epistolar, na qual me retirava a sua promessa por lhe eu ter censurado um fato de banho, que lhe desenhava demasiadamente as fórmas. Era uma artista, que adorava a plastica mais do que o futuro marido.

DUARTE, philosophicamente

São cousas que acontecem.

FRANCISCO

A segunda, reconsiderou, por eu ser ainda simples guarda marinha, e casou com um marchante para ter todos os dias um bife do assêm, que era a sua unica paixão. A terceira, que não nascêra dotada da ternura carnivora, embirrou commigo por eu lhe beijar um dia a ponta do dedo minimo e casou com o tratante que lhe levava a minha correspondencia!... A quarta... ah! coronel, a quarta foi a que me custou mais!

DUARTE

Que fez ella, homem?! O senhor é um abysmo de aventuras!

FRANCISCO

Imagine uma rapariga de vinte annos, loura, de olhos azues... não; os olhos eram verdes; um pé, que parecia feito de encommenda; a cintura... de vespa! Eu amava-a doidamente! e ella adorava-me com uma d'essas paixões, que se encontram sómente nos romances e que fazem a desgraça de quem as quer imitar. Tomei todas as precauções imaginaveis para que a fortuna me

não fosse contraria; exigi até que os parentes da noiva pedissem a minha mão...

DUARTE, duvidoso

Seriamente?!

FRANCISCO

Foi tudo inutil.

DUARTE

Tambem essa falhou?!

FRANCISCO

Na vespera do casamento, fugiu com o meu melhor amigo.

DUARTE, com espanto

A mulher que o adorava com a tal paixão de romance?!

FRANCISCO, fazendo-lhe comicamente com a cabeça um signal affirmativo

Quanto á quinta, dou-lhe um anno para adivinhar o motivo do rompimento.

DUARTE

Era algum homem disfarçado em mulher?

FRANCISCO, levantando as mãos para exprimir admiração

Julgava-se viuva!... E quando íamos para a igreja, encontrámos o marido vivo no caminho!

DUARTE, recuando

Se não o tivesse por homem serio, acreditava que...

FRANCISCO

Dou-lhe a minha palavra!

DUARTE, convencido

Basta. Não mudo de parecer, apesar da sua incrivel historia. Á sexta vez, casará, se for da sua vontade, assim como é da minha.

FRANCISCO, apertando-lhe a mão

Serei eternamente grato á sua amisade; mas peço-lhe que não teime; o primeiro obstaculo será sua propria sobrinha; e, se esse faltar, surgirá outro, de nos atterrar a todos!

DUARTE

Cale-se, que ella está ali. Não é sensato irmos agora ao lago, como tinhamos projectado, para ver nascer a lua; outra noite gosará esse espectaculo, que hoje podemos observar aqui da praia. Mas, primeiro vamos a casa; preciso tomar algumas precauções indispensaveis e que não dêem na vista. (Sáem.)

SCENA VI

MATHILDE, só, vendo-os afastar

Conspiram debalde contra a minha liberdade! O coração da mulher que pretendem conquistar é como a fortaleza, que não abre as portas aos sitiantes emquanto tem dentro um campeão esforçado. Se pódem, matem ou expulsem o heroe invisivel que defende o meu peito e dêem depois os seus assaltos em regra. Antes d'isso, o reducto será inexpugnavel; e, se me provocam, proclamarei os meus sentimentos para afugentar de uma vez os pretendentes importunos. (Passeiando.) A preoccupação de seculos não se destroe n'um dia nem n'um anno; levanta-se, como um phantasma ameaçador, diante do meu espirito, cada vez que pretendo ir alem das convenções estupidas do mundo. Mas não me assusta a lucta, nem duvido da victoria. Ah! quanto me será glorioso resolver o problema do nivelamento das raças! O Evangelho estabelece o principio da igualdade humana e os homens atrevem-se a despreza-lo! Não se nivelam elles com as mulheres de côr?! Aonde está pois a justiça e a equidade, se a minha paixão pelo indio, levando-me a toma-lo por esposo, for taxada de ignominia?! O amor é um sentimento e

não uma conveniencia social; Deus dá-o a todas as creaturas humanas, sem distincção de classes, de raças ou de côres, como beneficio commum e não como dom exclusivo para erguer barreiras odiosas. (Parando.) O casamento é uma instituição, que santificará...

SCENA VII

MATHILDE, LOURENÇO

LOURENÇO, que se tem approximado d'ella vagarosamente

Rosa do Surubiú?...

MATHILDE, com sobresalto

Ah! (Senta-se.)

LOURENÇO

O Cedro Vermelho e o Jutahi Preto estão muito longe das suas montanhas; o preto falla com a lua, que passa sobre as mais altas sapucaias e lhe traz saudades do paiz natal; o gentio, quando anda no meio do lago, pensa nas florestas que banha o Xingú e o Tapajós...

MATHILDE

Vens do lago?

LOURENÇO

O descendente dos sabios tupys aprendeu com os velhos jurunas, que nenhum guer-

reiro deve pôr-se a caminho para qualquer empreza sem ouvir palavras de conselho. Jutahi Preto não é um chefe, mas tem a sabedoria da velhice e o coração liso como as folhas do cambuy.

MATHILDE

Foste aconselhar-te com o João? Para quê?

LOURENÇO

O preto é escravo; não tornará a ver as suas palmeiras!... O juruna é livre; e os homens da minha nação preferem a morte ao captiveiro.

MATHILDE, com anciedade

Quem quiz escravisar-te?!

LOURENÇO

Aquella mungubeira tem despido seis vezes os seus casulos algodoados e outras tantas estes cajueiros tornaram em fructos côr de sangue as suas rosadas flores, desde que o jenipapo, o urucú, o muruxi e o anil, não mostram na face do Cedro Vermelho os signaes que distinguem os guerreiros independentes dos indios servis aldeados.

MATHILDE

Queres partir?!

LOURENÇO

Se o juruna fosse dissimulado e ingrato como os muras, não diria ao chefe branco e á Rosa do Surubiú: O meu ubá sabe o caminho que conduz do lago ao rio.

MATHILDE, dolorosamente, áparte

Partir?!... quebrar-se o meu encanto!...

LOURENÇO

Esta noite dormirei pela ultima vez no tejupar dos brancos. Quando o tucano sacudir o orvalho das pennas do seu collar vermelho, entoarei o canto da partida; e ao romper do sol direi adeus á villa do Surubiú, que os brancos chamam Alemquer.

MATHILDE, consternada

Que motivo te obriga a deixar-nos de improviso?!

LOURENÇO

Rosa do Surubiú põe sempre as mesmas flores na cabeça? Um dia, jasmins vermelhos; no outro, brancos, azues ou côr de oiro; e o gentio é sempre o mesmo.

MATHILDE

Julgas que alguem se aborrece de ti? É isso que queres dizer? Ah!... se soubesses comprehender... (Pausa.) O teu paiz é muito longe?

LOURENÇO

Que importa a distancia? Passado o grande rio, largarei o ubá á furia das correntes e internando-me nas florestas do Tapajós irei atravessar nas cabeceiras o Guaporé e o Juruena. Quando o sol girar sete vezes á roda da minha cabeça, acharei do outro lado as terras ferteis onde nasce o Tucurui, tão rico de peixe como os matos são de caça. Ahi, ouve-se perto o estrondo da cachoeira grande do Xingú; e a sombra das palmeiras, que defendem a taba juruna, cobre o tejupar do chefe.

MATHILDE

E se te perderes?! Tens de atravessar tantos rios e tantas matas escuras e profundas!

LOURENÇO, sorrindo

O Cedro Vermelho guia-se pelo sol, que não engana os olhos dos guerreiros.

MATHILDE, timidamente

Mas porque vaes? Aborrece-te a nossa companhia?

LOURENÇO, indicando a mungubeira

Voz de Caraxoé adormeceu para sempre ao pé d'essa mungubeira... O Curumú é formoso... porém, nas terras do Xingú crescem o cravo e a salsa como aqui o algo-

doim. O curimbó e o guaraná penduram-se florídos dos ramos das seringueiras; a baunilha agarra-se aos troncos rugosos da envireira e do niá; as favas cheirosas do cumarú e do puxiri cáem ao pé dos tejupares, onde habitam as filhas dos jurunas, para que perfumem com ellas os seus longos cabellos. O rio dá-nos tartarugas de tres especies e o peixe é de todas as côres; os jabotis andam sem medo por entre as antas e os veados; e os fructos dos meus palmares sustentam tantas pacas e cotias como tem o céu de estrellas.

MATHILDE, erguendo-se

Eu quero ir comtigo ver as cachoeiras!

LOURENÇO, com espanto

A Rosa do Surubiú?!

MATHILDE

Julgas que me assusta a distancia?!

LOURENÇO

E o chefe branco?

MATHILDE, sentando-se, com desalento

É verdade; desvairo!

LOURENÇO

A branca desejava conhecer o Bracelcte de Ferro? É um grande chefe, mais direito

do que o marupá e forte como o pau d'arco! Minha mãe chama-se Peito de Tiépiranga, por cantar como as aves e ser vermelha como o sol...

MATHILDE, com sentimento doloroso

Não me entende! Não sabe que a sua partida é impossivel! (Ergue-se e approxima-se d'elle.) No teu paiz não ha mulheres?

LOURENÇO, com vaidade

As filhas dos jurunas são alegres como as rosas mogorins do Curumú! Quando o clamor do boré chama os guerreiros ao combate, ellas correm tambem para o inimigo com a intrepidez do jaguar que acommette a preza.

MATHILDE, hesitando

E... são formosas?... Mais do que eu?

LOURENÇO

A Rosa do Surubiú vale uma tribu para o Cedro Vermelho.

MATHILDE, com um grito de jubilo

Ah! até que emfim arranquei-te uma confissão!... Pois bem!... não pódes partir, por que eu fiz de ti o meu ideal... amo-te. Serás o meu Othello!

LOURENÇO, que a comprehendeu, fica absorto um instante, depois ajoelha aos pés d'ella com as mãos postas

Quando tua mãe ajoelhava ao pé da rede do gentio e lhe dava a beber a vida, erguia as mãos para o céu; as suas lagrimas caíam sobre as minhas faces e lavavam-me da doença, como o balsamo suavissimo da cabureiba lava e cura as feridas dos valentes prostrados pelas frechas dos apiácas ferozes! Eu não sei o que Voz de Caraxué dizia ao teu Deus; mas faço o que ella fazia.

MATHILDE, com paixão

Levanta-te, meu nobre guerreiro; eu tambem te prefiro a todos... mas ordeno-te que respeites a minha fraqueza!

LOURENÇO, erguendo-se, com altivez e dignidade

O Cedro Vermelho é um chefe, que foi salvo por tua mãe. (Mudando de tom.) Se elle te levasse ao seio da nação juruna, as filhas das cachoeiras dansariam em torno de ti, coroando-te de jaborandis e de baunilhas como sua companheira...

MATHILDE, com voz sentimental

Oh! não materialises o que é divino!

LOURENÇO, proseguindo, melancolicamente

Porém a flor do Surubiú perderia as cô-

res logo que se visse distante dos seus bosques. As margens do meu rio não podem agradar sempre senão aos que lá viram pela primeira vez apparecer o sol através da chuva de estrellas despenhada das cataractas. A planta d'estes matos, transportada para as planicies do Xingú, morreria, como a folha do mururé quando seccam os lagos; e ainda antes das primeiras chuvas os jurunas pareceriam mais selvagens aos teus olhos do que os proprios muras!

MATHILDE

Não partirás; nem eu iria comtigo. Mas... não rasgues as vestes poeticas de que te vestiu o meu affecto. Desprende-te de todas as recordações barbaras e abre o teu espirito á luz da chamma que me abrasa. Tu és baptisado; deixa-me educar-te, instruir-te, converter em realidade o meu sonho, transformando-te no ente superior que idealisei. A minha missão é, talvez, providencial; mas temo que seja superior ás minhas forças! Ajuda-me a desempenha-la, tornando-te docil. Quando o meu amor e os meus conselhos tiverem polido a tua intelligencia e feito do heroe selvagem um typo completo de cavallaria, consentirá a branca em tomar-te por marido diante do seu Deus e dos seus parentes.

LOURENÇO, depois de breve pausa, apontando para o pé da mungubeira

A tua mãe está ali. (Mathilde olha atterrada para onde elle aponta.) Não foi para companheira do gentio que ella te deu mais sabedoria do que possue um chefe. Eu jurei sobre as suas mãos já frias e pela cruz do teu Deus, que ella me deu n'esse instante, que te guardaria, como deposito sagrado, até ao dia em que achasses um branco digno da tua escolha; e que mataria sem piedade o homem que te offendesse!

MATHILDE, indo ajoelhar-se ao pé da mungubeira

Oh! minha santa mãe... perdoa-me! A tua ternura previdente véla sobre mim, ainda d'alem da campa!

LOURENÇO

Fallas com ella? Dize-lhe, que o gentio é fiel á sua memoria e que não lhe roubará sua filha.

MATHILDE, erguendo-se, áparte

Como é possivel deixar de ama-lo?!

LOURENÇO, pegando-lhe nas mãos

O sol do Curumú derrete a resina cheirosa dentro da casca do cajueiro e obriga os magoaris e as garças a procurarem as sombras das arvores; depois, quando o ar

da noite refresca outra vez o sangue das plantas e dos passaros, já não lembra o calor ardente do meio dia! A tua cabeça e o teu coração queriam fazer do cacique gentio um chefe superior aos brancos para desculpar a tua escolha?... As pinturas guerreiras facilmente se apagaram do meu corpo; mas a côr da pelle juruna, que aguas ou que oleos conseguiriam muda-la?! Deixa partir o barbaro; o bom tio Duarte sempre me tratou como amigo e como parente; e Voz de Caraxoé chamava-me seu filho... O Cedro Vermelho, descendente dos tapajós conquistadores e da nobre raça dos cambebas, tornar-se-ía igual aos mais covardes tapuios se te deixasse acreditar, que era possivel mudar a sua natureza como o cedro se muda em ubá!... (Larga-lhe as mãos; Mathilde afasta-se com a cabeça baixa e ar meditativo.)

SCENA VIII

MATHILDE, LOURENÇO, BRAZ

BRAZ, *áparte*

Ouvi tudo! O gentio não quer casar com a branca!... É um tolo. Eu cá, não fazia ceremonias! Ter tio branco e coronel, convinha-me, para arranjar os meus negocios!

MATHILDE, vendo-o, áparte

O tapuio! (Alto.) Procuras alguem?

BRAZ, olhando para Lourenço

Estou á espera do canto da saracura.

MATHILDE

Que significa isso?

BRAZ

A saracura é o primeiro passaro que se ouve cantar de madrugada.

MATHILDE, áparte

Será tolo ou velhaco? (A Lourenço, baixo.) Não partas... e cala-te.

LOURENÇO, nobremente

A bôca do chefe prudente não se abre como as favas do engá para deixar cair a semente que attrahe as cobras.

SCENA IX

LOURENÇO, BRAZ

BRAZ, rindo ironicamente

As brancas do Surubiú sympathisam com o indio bravo e dizem-lhe os seus segredos?... O meu irmão é feliz!

LOURENÇO

As tuas palavras amargam como os fructos da andirobeira; o gentio antes quer combater do que ouvir-te fallar. Ainda não nasceu a lua; mas a praia está deserta e as minhas armas nunca precisaram de luz para chegar ao corpo de um tupinaén. (Quebra um ramo de murta e atira-lh'o aos pés.)

BRAZ

O preto está na canôa; e a saracura não cantou ainda.

LOURENÇO, com desprezo

Para um tupinambá é sempre hora de combate; só os covardes adiam a vingança! Meus paes conquistaram a terra que habitam, expulsando os tapuios canibaes, teus antepassados! Se tu não és capaz de vingar as injurias da tua raça, eu sou tupy, e sustentarei em toda a parte e a toda a hora o nome e a gloria da minha. (Sáe; Braz segue-o com o olhar e faz-lhe um gesto de ameaça.)

SCENA X

Braz, João

JOÃO, atravessando a scena

Tapuio buliu com gentio?

BRAZ

O gentio é tolo.

JOÃO, voltando atraz

Tolo? (Rindo.) Tolo é tapuio! Lourenço pega em cobra viva, faze fugi onça e os tigre só com o seus ôios d'elle; trépa no pau mulato, que é lizo como palma di mão di sinhásinha, e escarrancha em cima, dizendo: 'Dia hoje é bom para caçá os veado, porque vento vae d'aqui;' ou: 'é bom para caçá os anta porque nuve corre d'acolá!' Se está chovendo e véntando forte, dize: 'Tempestade botou no chão os cacho do tucumá; vae matá pôrco ou caititú...' E traze elle sempre, quando dize que vae matá! Tapuio, que atrapaia todo a deitá mandioca de môio, chama tolo a gentio!... (Rindo.) Abre os ôio, Joaquim! tu é que é tolo! (Sáe.)

BRAZ, com rancor

Tambem o negro me provoca! Ah! livremse de que triumphemos novamente! (Encaminhando-se para a praia.) Ainda me não deixariam o lago desembaraçado? Esta só pelo diabo! Ahi vem outra vez os brancos! (Afasta-se rapidamente.)

SCENA XI

DUARTE, FRANCISCO, JOÃO, *todos com espingardas*

DUARTE, *caminhando cautelosamente*

Pschiu!... creio que ouvi andar?...

FRANCISCO

A noite vae-se tornando escura!...

DUARTE

E o patife sem ir para casa! Ó João, não vês nada?

JOÃO

Vê só pae sinhô e siô môço.

FRANCISCO

O gentio tambem não apparece!

DUARTE

Esse não me dá cuidado.

FRANCISCO

E se nos atraiçôa?

DUARTE

Esteja descansado. Ó João, não vês nada?

JOÃO

Já não vê pai sinhô nem siô môço; vê só a mim quando apalpa eu.

DUARTE

O senhor Francisco deve ir pelo cafezal, esperar-me á ponta do mangue; caminhe com disfarce... como quem anda caçando; e se houver novidade, finja que atira a uma cotia e corra logo para casa. (Francisco vae-se.) Tu ficas aqui, João. Se ouvires o tiro do senhor moço, vae tambem reunir-te comnosco; antes d'isso, não retires. Recommendo-te bom olho e dedo no gatilho. (Vae-se.)

JOÃO, estupefacto

Bom ôio!... e dedo no gatio! Pae sinhô não dize porque mette dêdo em gatio! João não sabe nada... Pae sinhô?!

DUARTE, de longe

Pachiu!...

JOÃO

Já calou... e não sabe! Siô môço fallava de atraiçoá?!... (Olhando á roda de si.) Sentiu mexê os foia! Se vem jacaré botá seus ôvo d'elle em cova de areia?!... Não vê nada!.. Branco dise, que ninguem dorme este noite e armou parceiro todo com espingarda e traçado dentro em casa!... (Assustado.) Agora mexeu!..: E não é vento que bóle com arve!... Sinhô dize, que dá um tiro e foge para casa... E se mata gente?! (Preparando-se para atirar.) Atira

ao ar... não, que bala póde caír em cabeça di pae João e quebrá ella!

SCENA XII

Joāo, Braz

BRAZ

Já passaram... não; ali ficou alguem!... Será o gentio?

JOÃO, atterrado

Quem falla ahi? É jacaré, que está pondo ôvo?

BRAZ

O preto!... Ó pae João?

JOÃO, querendo fazer-se forte

Não conhece ninguem; dize quem é, senão mata.

BRAZ, áparte

Que diz o negro!... (Alto.) Sou eu, o Joaquim.

JOÃO, respirando

Ah! é tapuio! (Fingindo-se mais valente.) Se não tem conhecido elle tão depressa, mettia bala nos ôio como Lourenço feze a jacaré.

BRAZ, approximando-se d'elle com desconfiança

Porquê?

JOÃO

Estou espérando traidô.

BRAZ

Qual traidor?

JOÃO

Pae sinhô e siô môço não dize a mim como chama elle.

BRAZ

Ah!... e... onde estão os brancos?

JOÃO

Foram na ponta di mangue procurá.

BRAZ, áparte

Querem prender-me! (Alto.) E o gentio?

JOÃO

Está sumido.

BRAZ, depois de pensar um pouco

E o preto não sabe quem é o traidor?

JOÃO

Se sabia agarrava logo elle.

BRAZ

Não é preciso ser muito esperto para se perceber que é o gentio!...

JOÃO

Lourenço?!

BRAZ

Pois quem?

JOÃO, reflectindo

Por isso anda fugido!

SCENA XIII

JOÃO, BRAZ, MATHILDE

MATHILDE

Quem está ahi? É o tio Duarte?

JOÃO, áparte

Sinhásinha! Não assusta a ella. (Alto.) Pae sinhô foi passeá na ponta dĩ mangue.

MATHILDE

Anda remar; quero ir ao lago.

JOÃO

Oia jacaré, sinhásinha! No te parece di breu!

MATHILDE

Tens medo? Não tarda a nascer a lua.

BRAZ, áparte

Se vão á canôa, encontram lá a minha rêde e as frechas que agora embarquei...

(Alto.) Está muito escuro, sinhá; póde virar-se a canôa.

JOÃO, depois de breve hesitação, a Mathilde

Pae sinhô mandou a João que espérasse aqui elle; não póde ir rémá.

MATHILDE

Pois que venha o Joaquim.

BRAZ

Eu?!...

JOÃO, baixo a Braz

Faze vontade a ella; é mélhó não fallá di traidô, que assusta toda.

BRAZ, áparte

Oh! que lembrança!... Vou vingar-me de todos!

MATHILDE, indo para o lago

Não ouves?

BRAZ

Já vou, senhora branca... (Baixo a João.) Se o gentio apparecer, atira-lhe, e toma cuidado não o erres. (Vae para o lago; o clarão da lua principia a alumiar a scena.)

JOÃO, heroicamente

Deixa commigo elle! Cuidou que era home di bem e estimava como branco!... Agora, vae dá um lição!

SCENA XIV

João, Lourenço

LOURENÇO

Canta, canta, jurutauhi do Curumú. Eu sei que a tua voz escarnece do juruna, que não tem animo para seguir com o sol de ámanhã o caminho das cachoeiras! O ramo de mururé, que o Cedro Vermelho cuidava ser ordem de partida ou de vingança, era um signal de amor! Oh! se ella soubesse!... Silencio, juruna! Se não tens força para vencer a paixão e resistir á voz de uma mulher, como has de ser digno de commandar guerreiros e de triumphar dos teus inimigos?! A sabedoria ensina-te a calar os segredos do coração; e o dever manda-te ser fiel aos teus juramentos. A morta levantar-se-ía diante do perjuro, como as sombras dos arvoredos se levantam sobre as aguas, accusando a luz que foge!... A branca não saberá jamais que as suas palavras caíram no peito do indio como o orvalho cáe sobre o capim, que nasce depois das queimadas!

JOÃO, áparte

Sente falla di gente, e não vê gente fallá!...

LOURENÇO, indo para João

Ai! do portuguez, se for indigno d'ella!

JOÃO, vendo-o, assustado

Lá vem traidô! Si desconfia que João tem orde para matá elle, esgana preto!... (Vendo que Lourenço se approxima.) Sélvage, não avança contra mim!

LOURENÇO, caminhando sempre

Que tem o Jutahi Preto?

JOÃO, áparte, com terror

Vae esfaqueá, como feze a jacaré!... (Atira a espingarda ao chão e foge, gritando.) Pae sinhô, pae sinhô?!... Cá está gentio! (Sáe; apparece a lua por cima dos cajueiros, illuminando o lago e a scena toda.)

SCENA XV

LOURENÇO, MATHILDE e BRAZ na canôa, que se avista vogando rapidamente no lago, FRANCISCO, DUARTE

BRAZ, gritando, com escarneo

Adeus, Cedro Vermelho, valente guerreiro! Quando a saracura cantar, que a tua frecha esteja cravada na mungubeira do lago! O indio mura leva-te a tua amante; ri-se de ti e do teu desafio, dos brancos e dos pretos!

MATHILDE, afflictivamente

A mim, Lourenço! Lourenço!

LOURENÇO, com um rugido guttural, pondo uma frecha no arco

Hugh!... O bico d'esta frecha tem o urari dos cambebas; e as azas são pennas de urubú tinga...

FRANCISCO, pondo-se de um salto ao lado d'elle e mettendo a espingarda á cara

Espera! A bala vae mais depressa.

DUARTE, esbaforido

Não matem minha sobrinha!...

LOURENÇO, erguendo rapidamente com o arco o cano da espingarda de Francisco, ao tempo que parte o tiro

A canôa foge e o mura faz escudo da branca! (Ouve-se uma gargalhada de Braz; Francisco e Duarte correm para a praia.) Zomba, salteador covarde; o teu riso é o grasnar sinistro do passaro hiumára, noticiador da morte, que vôa sobre a tua cabeça! Antes de tres dias o teu corpo será repartido entre os jacarés do lago! (Cáe o panno.)

ACTO TERCEIRO

Margem septentrional do lago Curumú. No primeiro plano: interior de espaçosa choupana, sem parede no fundo, sendo os lados e o tecto forrados de folhas de palmeira. Á esquerda, porta de communicação para um quarto. No centro, sustentando a cumieira, um esteio, d'onde pendem, enroladas em fórma de fardo, e presas pelas cordas enfiadas nos punhos, algumas redes de dormir. Á direita, quatro potes grandes, sem azas, tendo as bôcas tapadas com folhas de bananeira brava; dois paneiros de farinha, um sobre outro, estando o de cima já aberto; o moquém, com lume por baixo, e uma perna de veado a moquear sobre a grade. Ao lado da porta, tres degraus, cobertos com um panno branco e sobre o ultimo de cima a imagem de S. Thomé, entre dois vasos de barro, pintados, cheios de assucenas bravas e jasmins; em cada um dos degraus, dois castiçaes, tambem de barro, com vélas de cêra. A um e outro lado, bancos de troncos de arvores. Na parede, uma espingarda lazarina, com seu polvorinho preso ao cano, um arco, algumas frechas, um terçado e uma faca de mato.— No segundo plano, fóra da barraca, largo terreiro, terminando á borda do lago. Ao centro, um mastro, enfeitado com folhagens e flores naturaes e uma bandeira no tope. Em torno do mastro, fogueiras, que illuminam inteiramente o

exterior, mas dão escassa luz para o interior da choupana. Á esquerda, floresta.— Nos ultimos planos, o lago, que se perde nas sombras da noite.

SCENA I

Ao levantar do panno ouvem-se, da banda do lago, e já muito proximo, toques de tambor e de pifano, foguetes e tiros de espingarda. THOMÉ sáe do quarto, corre para a praia e depois de ter olhado na direcção d'onde se ouvem os tiros, torna a entrar na choupana.

THOMÉ

Elles ahi estão! Se não viesse a Miquelina dansar commigo, não emprestaria a minha casa. Querem fazer a festa de S. Thomé e nomearam um juiz que nem sequer tem um tejupar coberto de pindoba!... Se me não elegerem a mim para o anno, eu lhes direi!... E quem sabe se tirariam esmolas que cheguem para os festejos?! (Principiam a desembocar no terreiro tapuios e tapuias, que se dirigem para a praia.) Começa a chegar gente; a noite estava tão bonita ha pedaço e de repente fez-se escura como aza de urubú!... Vou accender as vélas. (Tira um tição debaixo do moquém e com elle vae accendendo as vélas que estão nos castiçaes.) Ouve-se trovejar! Se vem chuva no meio da festa é que ha de ser divertido!... E a Miquelina sem apparecer! Disse-me que viria logo que se avistasse a canôa e os festeiros estão quasi

desembarcando!... (Accende a ultima véla.) Póde ser que esteja no porto á espera de mim?... (Sáe e dirige-se para a margem do lago, onde se acham os tapuios e as tapuias. Ao mesmo tempo vem atracando uma canôa de duas toldas de folhas de palmeira, toda embandeirada e illuminada, com muitos tapuios e tapuias dentro, continuando-se a bordo d'ella os toques de tambor e pifano, deitando-se foguetes e dando-se salvas de espingarda, a que corresponde com outras o povo que está na praia.)

SCENA II

THOMÉ, JUIZ, JUIZA, ANTONIO, TAPUIOS, TAPUIAS

THOMÉ, reentrando a correr na choupana

O diacho é que a minha espingarda tem o cão partido!... Ah! deita-se-lhe fogo com um tição. (Tira a espingarda e o polvorinho da parede.) Viva o senhor S. Thomé, que é o santo dos tapuios! (Corre para a praia.)

JUIZ, dentro da canôa

Andem para terra! Venha, senhora Juiza. (Desembarca.) Já lá vae o meu tempo! D'aqui a pouco torna a vir luar!

JUIZA, saindo debaixo da tolda de ré

Tragam o Sahyré; vamos saltar as fogueiras e cortar o mastro. (Desembarca.)

THOMÉ

Lá me esqueceu o machado! Esperem ahi.

(Volta correndo a casa, entra no quarto, e sáe logo com um machado, cujo cabo está coberto de fitas de todas as côres, com muitos laços; reune-se aos outros, que estão acabando de desembarcar, e formam todos processionalmente. Na frente vem Thomé com o machado ás costas; atraz d'elle, e a par um do outro, um tapuio tocando tambor e uma gaita similhante a um pifano, e Antonio, que empunha a haste de uma bandeira branca em que se vê grosseiramente debuxada a imagem de S. Thomé; após estes, colloca-se o Juiz, dando a direita á Juiza; depois seguem tres mulheres com o semi-circulo chamado Sahyré, pegando uma de cada lado do diametro, e a terceira, que fica mais atraz, segurando na ponta de um cordão ou fita, que prende na cruz da peripheria. Estas tres mulheres vão dansando e agitando o Sahyré ao compasso do tambor e da gaita, e cantando uma melopêa monotona. Atraz, caminha o povo, que responde em côro ao canto d'ellas, tambem em recitativo.)

AS TRES MULHERES DO SAHYRÉ, cantando

Bonita mulher é Santa Maria
E Jesus menino é lindo como ella.

(Todos se encaminham para o mastro, que está no terreiro.)

CÔRO

Oh! Santa Maria, Santa Maria,
Nos céus e na terra, bemdita sejaes!

AS TRES MULHERES DO SAHYRÉ, cantando

Do céu veiu a cruz sagrada
Que ha de salvar nossas almas.

CÔRO

Oh! Santa Maria, Santa Maria,
Nos céus e na terra, bemdita sejaes!

(Quando chegam ao meio do terreiro, o Juiz recebe o machado de Thomé e apresenta-o á Juiza, que o levanta ás mãos ambas e dá um golpe no mastro, depois reentrega-o ao Juiz.)

AS TRES MULHERES DO SAHYRÉ, cantando

Sahyré, Sahyré, Sahyré
Em louvor do senhor S. Thomé.

(O Juiz dá outro golpe no mastro, põe o machado ás costas e a procissão anda tres vezes á roda do mastro, cantando sempre as mulheres que levam o Sahyré, e respondendo-lhes o côro, com as mesmas letras.)

CÔRO

Sahyré, Sahyré, Sahyré
Em louvor do senhor S. Thomé.

(Finda a terceira volta, entram na barraca, vão direitos ao altar de S. Thomé, dando tambem tres voltas á roda da casa e fazendo todos uma mesura ao santo, cada vez que passam por diante d'elle; dada a volta final, as mulheres do Sahyré passam para diante e as duas da frente principiam a dansar com elle, avançando para o santo, recuando e tornando a avançar, ao mesmo tempo que a terceira, que pega na fita, dansa para os lados; a multidão imita estes movimentos, cantando sempre todos.)

CÔRO GERAL

Sahyré, Sahyré, Sahyré
Em louvor do senhor S. Thomé!

(Finda a ceremonia, vae cada um para seu lado, todos se felicitam e conversam entre si; outros entram para o quarto, guardam a bandeira, tambor, etc., etc.)

SCENA III

JUIZ, JUIZA, THOMÉ, ANTONIO, TAPUIOS, TAPUIAS

JUIZ

Viva o nosso S. Thomé! viva o santo dos tapuios!

TODOS

Viva!

ANTONIO

Uma festa assim nunca se fez em nenhum dos lagos de Alemquer!

JUIZ

Tupana! Que não é capaz, meu mano! É verdade que nunca houve tantas esmolas, nem tinhamos nunca ido tão longe pedi-las. No Paranámirim tiveram este anno muito cacau, por isso todos queriam dar a S. Thomé.

JUIZA

Os brancos da outra banda offereceram um paneiro de café, uma frasqueira de cachaça e um frasco de aguardente do Reino.

JUIZ

Vamos nós bebe-la?

JUIZA

É para S. Thomé.

JUIZ

S. Thomé não bebe aguardente.

ANTONIO

Se querem, eu vou busca-la á canôa.

JUIZA

Não, que é precisa para ámanhã. O senhor Juiz vae-se embora logo depois da festa e por isso se deu já hoje o primeiro golpe no mastro. Antes da sua partida bebe-se a aguardente.

JUIZ

Está dito, senhora Juiza. Vamos dansar ou canta-se primeiro a ladainha?

JUIZA

Queremos dansar primeiro; a ladainha fica para o fim.

THOMÉ, ápartе

E a Miquelina sem apparecer!

SCENA IV

Os mesmos, Miquelina

MIQUELINA, com uma fita na mão, correndo para Thomé

Dia de S. Thomé ha de ser ámanhã. (Atando-lhe a fita no braço.) Cuidava que não havia de pagar a festa, senhor Thomé?

THOMÉ, com alegria

Ora... não brinque, senhora Miquelina!

JUIZ

Amarraram o Thomé! Olha, olha!... viva o Thomé!

TODOS

Viva o Thomé!

ANTONIO

Viva o Thomé, que ha de pagar a festa!

THOMÉ

Pagarei; fui apanhado!... (Olhando para Antonio, áparte.) Embirro com este homem!

MIQUELINA, chegando-se a Thomé

Não gostou que eu o amarrasse? Faça a festa, que eu dou um cacho de bananas, um paneirinho de beijús, e duas gallinhas.

THOMÉ, coçando na cabeça, baixo ·

Deixe!... a festa ha de fazer-se; eu tenho ali quatro potes de caxiri, e lá dentro ha mais bebidas; eram para quando se tratasse do meu roçado... porém, basta a senhora Miquelina querer!... Hontem matei um veado; ali está um quarto d'elle a moquear... E pela manhã sempre ha de apparecer mais alguma paca para ajudar... senão, ha peixe no lago, bate-se timbó, e está prompto.

MIQUELINA, baixo

Se eu for juiza para o anno, quer ser juiz commigo?

THOMÉ, idem

Se quero ser juiz com a senhora Miquelina?!... (Com explosão de jubilo.) Vou abrir um pote de caxiri!

ANTONIO

Eh! lá, Thomé?! Então, hoje não se bebe?

THOMÉ

Quem é que diz que se não bebe? Ahi teem caxiri; se for preciso vae-se buscar vinho de tucuman, guariba, tiborna, e aguardente de beijú!...

ANTONIO

Como tu és rico! Pois vamos a isso tudo, homem! Bem vês que hoje é vespera de

S. Thomé; Thomé é o teu nome, foste amarrado, paga!

THOMÉ, áparte

Guloso! (A Miquelina.) Quem é este tapuio?

MIQUELINA, baixo

Chamam-lhe o Antonio mura, veiu para aquí ha pouco e dizem que tem estado em Macapá ou na cidade; eu não o conheço bem, apesar d'elle me fazer muita festa!

THOMÉ, o mesmo

Ah! faz-lhe festa?! pois espere, que o vou pôr fóra.

MIQUELINA

Deixe-o; não faça barulho diante de tanta gente.

THOMÉ, áparte

Elle quer-me dar cabo de tudo! Quando chegar o Santo Antonio, hei de tambem manda-lo amarrar de vespera, ainda que seja por uma velha, só para o obrigar a pagar como eu estou pagando hoje.

ANTONIO

Ó senhora Miquelina, quer dansar commigo?

MIQUELINA

Pois sim, danse.

THOMÉ, baixo a Miquelina

Se dansar com elle, não conte commigo para juiz.

MIQUELINA, dando um grito

Ai!

TODOS

Que foi?

MIQUELINA

Torci um pé; não posso dansar.

THOMÉ, enthusiasmado, comsigo

Isto é que é saber mentir!

ANTONIO, que o ouviu, áparte

Patife! não queres que ella danse commigo? Quem paga é o teu caxiri! (Gritando.) Ó gente?! Venham todos beber; vamos ao caxiri do Thomé!

TODOS, menos Thomé

Viva o Thomé! Venha caxiri!

THOMÉ, áparte

Ladrão!... Mas não dansas com ella!

ANTONIO, pega n'uma cuia e rasga as folhas das bôcas de dois potes

Quatro potes cheios! É fartar ahi, manos! (Enche a cuia, bebe e passa depois aos outros, que vão tirando e bebendo, tanto os homens como as mulheres.)

THOMÉ, áparte

Vae-se todo! Uma bebida feita de mandioca escolhida!

ANTONIO

Agora, ao veado! (Pega na perna de veado que está no moquém e corta um bocado.) Não está lá muito bem assado, porém, escapa assim mesmo! (Comendo.) É bom! (Vae ao paneiro de farinha, tira-a aos punhados e come.) Vocês não querem comer? (Os outros dividem entre si o quarto de veado.)

THOMÉ, áparte, furioso

Cachorro! Como se está vingando de não dansar com a Miquelina!

ANTONIO

Thomé? Aonde está o môlho de tucupi?

THOMÉ, áparte

Que desavergonhado!... E não tenho remedio senão ser franco... diante da Miquelina. (Alto.) Na cozinha.

ANTONIO

Custa-te a fallar?! Parece que dás as cousas de má vontade! (Entra no quarto.)

SCENA V

JUIZA, JUIZ, MIQUELINA, THOMÉ, TAPUIOS, TAPUIAS

THOMÉ, áparte

Se não estivesse aqui a Miquelina!...

JUIZ, comendo um pedaço de veado

Não se dansa?

JUIZA, roendo um osso

Não sei por quem se espera!

THOMÉ

Vamos a isto; vamos a isto!

JUIZ

Os tocadores foram á canôa buscar os instrumentos. O meu Xeiro, o Chico do Igarapé grande e o compadre Manduca tocam viola; o Peixe-boi e o Cabeça de capiuára acompanham na rebeca. (Entram os tocadores tapuios com tres violas e duas rebecas e sentam-se todos n'um banco, afinando os instrumentos.)

THOMÉ

Vae commigo, senhora Miquelina?

MIQUELINA

Se faz gosto?... (Os tocadores começam a tocar o lundú.)

THOMÉ

Sentem-se por onde acharem logar. (Sentam-se os que pódem caber nos bancos; outros, ficam de pé, ao fundo; Thomé começa a dansar, estendendo e encolhendo os braços para Miquelina, em fórma de desafio, como é uso entre os dansadores do lundú, e dando estalos com os dedos, ao compasso da musica.)

MIQUELINA, dansando com elle; aos tocadores

Mais depressa!

JUIZ

Bravo, senhora Miquelina! bravo! Ó Thomé, faz passagens! Pula, que eu vou cantar! Venham mais dansadores. (Reunem-se aos dansadores dois tapuios, duas tapuias e dansam os tres pares em linha, as mulheres todas de um lado, e os homens do outro.)

THOMÉ, dansando

Cante, meu Juiz.

JUIZ, colloca-se ao lado dos tocadores e canta no estylo da musica que elles estão tocando

O enambú canta nos mattos,
D'onde avista o jacaré;
Viva a senhora Juiza
Da festa de S. Thomé.

Rabo de macaco
É ruim de esfolar;
Cabeça de bagre
Não tem que chupar.

JUIZA, depois de cantar o Juiz, colloca-se do outro lado dos tocadores, e canta, em outro estylo de lundú, que elles acompanham immediatamente

Nasci á beira do lago,
Onde nasce o mururé.
Viva o Juiz mais brioso
Da festa de S. Thomé!

Ai! Ai! não me bula,
Me deixe ficar;
Me faça requebros,
Que quero chorar!

JUIZ

Bravo, senhora Juiza!... Ó Thomé, faze esse lundú bem tremido!... Assim! Assim!... (Canta.)

O cacau dá vinho doce,
Doce fructa o biribá;
Mas não ha nada mais doce,
Do que os quindins de Yáyá.

Mingau de batata
E de Jurumú;
As moças bonitas
São do Curumú.

TODOS

Viva o nosso Juiz! Viva!

JUIZ

Viva a Miquelina e o Thomé! Venham mais dansadores! Tudo brinca!

JUIZA

Senhor Juiz, cante a modinha da Coropira.

JUIZ

A Miquelina logo canta, que tem mais graça.

MIQUELINA

Venham render-me, que já não posso.

SCENA VI

Os mesmos, Antonio

ANTONIO, áparte

A cunhã não podia dansar commigo e está dansando com o Thomé! Vou tirar-lh'a. (Corre para diante de Thomé, volta-se para Miquelina, fazendo estalar os dedos, e fica dansando com ella.)

THOMÉ, que ficou sem par, afastando-se dos dansadores, áparte

Isto hoje acaba mal! Sempre tive zanga com tapuios muras...

JUIZA, indo substituir Miquelina

Eu tambem sou gente. (Dansa com Antonio; Miquelina fica de fóra.) Deixem-me dansar.

ANTONIO, dansando com a Juiza

Pois não, senhora Juiza. (Áparte.) Ora o diabo da mulher!...

JUIZ, indo dansar com a Juiza

Vocês cuidam que eu não tenho pernas?
(Toma o logar de Antonio.)

THOMÉ, áparte

Bem feito!

ANTONIO, áparte

Pozeram-me fóra, de proposito!

JUIZ, dansando

Senhora Miquelina, cante o romance da Coropira.

MIQUELINA

É melhor dizer o conto sem ser cantado; ouçam. (Pára a musica e a dansa; recita.)

— «Onde estás, meu terno amante?
E noite, e chama-te amor;
Vem guardar teu arco e frechas,
Oh! meu gentil caçador!» —

Cala-se a linda tapuia,
E escuta sem respirar
Cada vez que o vento agita
As folhas do tejupar.

Depois repete os queixumes,
Chama outra vez o seu bem;
E passa a noite aos suspiros
Sem que appareça ninguem!

— «Perdeu-se na mata virgem,
Perdeu-se mais uma vez!
Quem sabe se por enganos
Que a Coropira lhe fez?!...» —

É dia; ergueu-se da rede,
Pelos matos se internou,
Bradando: — «Querido?! Volve!
A mim! A mim! Aqui estou!

— «Escuta! nas sapopemas
Bate co' o terçado teu!
Não ouves a tua amada?
Por aqui!... sou eu! sou eu!» —

E cuidando ouvir-lhe as vozes
No ruido que ella só faz,
Corre, e a bulha dos seus passos
Torna a illusão mais fallaz!

— «Não fujas! Sou eu! Querido?
Sou tua amada; vem ver!» —
E o echo a quem vae seguindo
Sempre a correr, a correr!

Salva rios e barrancos,
Passa fôjos e espinhaes;
E a sombra que ella persegue,
Foge-lhe cada vez mais!...

Cae, emfim, sobre a folhagem
De que está coberto o chão,
E com voz já mal distincta
Chama inda o amado em vão!

— «Juruti, pomba amorosa» —
Lhe diz então a floresta:
— Não alargues mais o vôo;
Faze o ninho... e dorme a sésta.

— «Á Coropira pertence
Quem entra em seus arvoredos;
O teu querido foi morto
Por saber os meus segredos.» —

Ninguem viu mais a tapuia;
Mas dizem que não morreu;
E que foi por ser formosa,
Que nos bosques se perdeu.

JUIZA

Pobre moça! É o que acontece a quem se perde na mata virgem!

THOMÉ

Qual historia! Isso são contos feitos pelos brancos letrados para brincar. Nenhum tapuio se perde no mato, porque todos sabem guiar-se pelo sol.

JUIZ

Você duvida da Coropira?

THOMÉ, *assustado*

Lá isso, não!

JUIZ

A Coropira é o Deus do mato, assim como a Oiára é o Deus do rio; não se póde brincar com elles, porque se disfarçam em homem ou em mulher e furtam as tapuias e os tapuios bonitos.

ANTONIO

Não fallem n'essas cousas. Vamos dansar! Vamos á jáca!

VOZES

Antes a chula! A chula!

ANTONIO

Pois sim; tirem pares. (Tomando Miquelina pela mão.) Dansa agora commigo, senhora Miquelina?

THOMÉ, puxando Miquelina pelo braço

Não póde; já me tinha promettido a mim.

ANTONIO

É mentira!... deixa-a escolher.

THOMÉ, irritado

Man!... Ella já disse, que dansa commigo!

ANTONIO

Eu não a ouvi dizer.

THOMÉ, vendo que Miquelina hesita, larga-lhe o braço

Póde escolher quem quizer.

ANTONIO, baixo, a Miquelina

Danse commigo, que eu levo-a á villa para o padre nos casar.

MIQUELINA, chegando-se para Antonio

Prometti primeiro a este. (Antonio olha para Thomé com ar de triumpho.)

JUIZ

Tirem pares!

THOMÉ

Aqui dentro ninguem dansa mais! A casa é minha, quero amarrar a rede para dor-

mir, e se alguem teimar, dou-lhe uma frechada! (Movimento geral de espanto; Lourenço entra na choupana.)

SCENA VII

Os mesmos, Lourenço

LOURENÇO, descansando no chão a coronha da espingarda e endireitando o arco e frechas, que traz a tiracollo

O guerreiro não aponta o bico da frecha ao peito de seus irmãos; as armas fazem-se para combater inimigos. (Todos o olham com curiosidade.)

THOMÉ

Quem és tu? D'onde vens?

LOURENÇO

Sou filho do Bracelete de Ferro; entre os meus companheiros chamo-me Cedro Vermelho; para os traidores sou Onda de Fogo e Homem Terror; os brancos da outra banda do lago deram-me o nome de Lourenço.

JUIZ

É o gentio do coronel Duarte.

TODOS, approximando-se d'elle

Um gentio?!

MIQUELINA

Um gentio?! Deixem-m'o ver. Ai! como é bonito! (Recuando.) Mas isto come gente! (Todos se afastam.)

LOURENÇO

O Cedro Vermelho sabe como se apanha o peixe dos lagos e a caça dos matos; a sua nação despreza a carne dos adversarios mortos... mas não perdoa aos vivos!

MIQUELINA

Gosto do gentio. (Approxima-se.) Elle não é bravo! (Todos se chegam outra vez.) Morderá? (Chega cautelosamente uma das mãos á bôca de Lourenço.) Não morde! (Sensação; signaes de admiração.)

LOURENÇO, sorrindo, e correndo a mão pela cabeça de Miquelina

A Garça do lago cuida que o juruna é filho de jaguar?

MIQUELINA, rindo

Chamou-me Garça do lago!... Não ouviram?! Tem graça!

ANTONIO, a Miquelina

Deixe-o; para que está a mexer com elle?

MIQUELINA

E você que lhe importa?!

THOMÉ, áparte

Toma, cabeça de tátú!

ANTONIO

Já não quer casar commigo?

MIQUELINA

Se vossê fosse tão bonito como este gentio! (Todos se riem; Antonio afasta-se despeitado.)

LOURENÇO, apontando para as fogueiras

As fogueiras da festa ardem diante do tejupar; o indio viajante não vem interromper as dansas dos seus irmãos.

MIQUELINA

Não te vás embora!... Queres dansar commigo?

LOURENÇO

O Cedro Vermelho não sabe senão dansas guerreiras. (Aos tapuios.) Os meus irmãos são homens esforçados e destros no remo e no jacumá. Quanto tempo deve gastar o mais intrepido remador do Curumú para cortar de um lado ao outro as aguas aniladas do lago? (Todos o olham sem responder.)

THOMÉ

Eu atravesso-o n'uma hora.

LOURENÇO, *com alegria*

O ubá do juruna é mais veloz! Acompanha a carreira do pirá-jaguára!

JUIZ

Que nos importa isso? Ninguem duvida de que o gentio seja bom remador. Se quer dansar comnosco, danse; e senão quer, vamos nós á chula.

THOMÉ

Eu já disse, que não quero aqui mais festa.

JUIZ

Vamos para o terreiro.

VOZES

Vamos, vamos! *(Vão saindo pelo fundo.)*

ANTONIO

Não se precisa da casa do Thomé. Vem, Miquelina?

MIQUELINA

Não. *(Sáem todos, menos Lourenço, Miquelina e Thomé, e logo em seguida recomeçam o lundú, sem que a musica impeça de se ouvir tudo que se diz na scena, e sem se avistarem as personagens que estão fóra da choupana.)*

SCENA VIII

MIQUELINA, LOURENÇO, THOMÉ

LOURENÇO

O tejupar é do meu irmão?

THOMÉ

É sim; o gentio póde demorar-se o tempo que quizer.

MIQUELINA

E eu, não?

THOMÉ

Quem a manda embora?

MIQUELINA

Lourenço?... é assim que te chamas? Anda dansar commigo?

LOURENÇO

Não, Garça do lago; as minhas dansas só as entende quem nasce na taba juruna, ao pé das cachoeiras do Xingú.

THOMÉ, áparte

Que teima com o gentio!

MIQUELINA, a Lourenço

Eu ensino-te as minhas.

LOURENÇO

Só é permittido aos chefes aprenderem as que desenvolvem as forças para a guerra.

MIQUELINA, indo para Thomé

Que pena! Fazia tanto empenho em dansar com elle! Vamos, Thomé?

THOMÉ, alegre

Quer ir commigo?! (Áparte.) Eu logo vi que me não deixava pelo outro! (Sáem.)

SCENA IX

LOURENÇO

Os tapuios do Curumú são homens de paz, filhos de indios mansos, que adoram o Deus dos brancos; o mura vinha acolher-se entre elles por saber que não lhe fariam mal... e que tinha ao pé as florestas da terra firme, bem cobertas de arvoredos!... Como não queria partir sem trazer canôa, obrigou Rosa do Surubiú, que ía passear ao lago, a vir na sua companhia. O Tupá da branca, offendido com a violencia do mura, mostrou a sua colera, cobrindo a lua de nuvens e fazendo tremer a terra com as vozes do trovão e dos ventos. O juruna teria visto a canôa se o luar se não escondesse; ouviria

o bater do remo, se a tempestade não gritasse mais alto... O covarde não remou direito ás fogueiras... Virá pelo mato, para deixar aos tapuios Rosa do Surubiú, que lhe pesaria mais do que a arvore caída pesa ao jaboty, e lhe prenderia os passos como a corda do arpão cravado no casco da tartaruga a prende ao ubá do frechador cambeba. Não ousará offende-la, por temor de que o alcancem. Què o grande Deus dos homens fortes a proteja emquanto as armas do Cedro Vermelho estiverem longe d'ella! (Tira o arco e as frechas, senta-se no chão e leva a mão á cruz de um rosario, que traz ao pescoço.) Aqui está o talisman, que Voz de Caraxoé me deixou quando partiu para o paiz da morte! — 'Jura-me por isto, que defenderás Mathilde' — disse ella; — 'e se tornares á guerra, leva-o ao pescoço e beija-o nas occasiões de perigo. Quando sentires a morte, abraça-te n'esta cruz e a tua alma tornará a ver a minha.' — É hoje a primeira vez que uso do legado... porque vou procurar sua filha. (Fitando os olhos na cruz.) Acaso preciso eu de ti para vencer um inimigo?!... Cumpra-se a vontade dos mortos. (Beija a cruz.) O filho d'alem do mar é valeroso como os guerreiros tupys!... Quando o Cedro Vermelho tiver punido o roubador da branca, partirá para a terra dos jurunas!... Foi fiel ao seu juramento... O homem que

o substitue é capaz de a guardar... porque gosta d'ella. (Levanta-se, com um rugido de colera.) Hugh!... Se um chefe podesse ser perjuro!... cravava-lhe no coração todas estas frechas!... (Senta-se.) A morta recebeu o juramento sagrado... e o barbaro ha de cumpri-lo. Dorme em paz, caraibébé! Anjo, que salvaste a vida do gentio, a tua filha não saberá jamais o segredo que elle guarda. (Escutando.) Ouço ao longe o grito do murucututú miri, que promette a victoria aos bravos!... Não; é um signal de perigo... as guaribas calam de repente o seu canto rouco e tragico... O mura avizinha-se! (Revista a escorva da espingarda.) Depois que o branco ensinou o gentio a servir-se da arma de fogo, raio do seu Tupá, nunca mais a onça teve tempo de fugir do juruna!... (Reflectindo.) Porém, a bala, passando através do inimigo, póde acertar em Rosa do Surubiú; e a frecha não passa do corpo. (Examinando o arco e as frechas.) Este arco é de pau mais forte do que o ferro dos carybas; ganhei-o quando os jurunas, alliados aos mundurucús, exterminaram nas margens do Arinos a nação dos parintins; e as aguas do Tupinambarânas tingiram-se de sangue apiáca e mura no dia em que eu voltava do paiz dos meus avós cambebas com o urari para envenenar os bicos d'estas frechas. (Farejando avidamente para o lado da porta.) O vento da noite leva

emanações de flores, que não se criam nos matos! A branca está perto!... (Deita-se rapidamente no chão, passa-lhe uma frecha por cima da cabeça e vae cravar-se na parede fronteira; ergue-se de um pulo.) Mura covarde! A tua frecha tem o vôo tortuoso da araúna, que se esconde para obrigar o japim a crear-lhe os filhos! A minha sabe procurar até no fundo das aguas os tambaquis côr da noite! (Sáe pela porta, que dá para o interior da choupana.)

SCENA X

BRAZ, entrando cautelosamente pelo fundo

Errei-o; fica para outra vez. (Tira a frecha da parede.) Ah! se eu apanhasse uma espingarda! (Vendo a de Thomé, examina-a.) Está quebrada!... O gentio atravessou o lago mais depressa do que eu esperava e adivinhou o meu caminho! Imaginei que não se lembraria de vir procurar-me ao meio de uma festa; enganei-me, qu'importa? A branca está em meu poder e será fiadora da minha vida. Ainda é longe d'aqui ás cabeceiras, onde espero ficar fóra do alcance dos meus inimigos.

SCENA XI

Antonio, Braz

ANTONIO

Vamos ao caxiri do Thomé, emquanto elle dansa... Quem está ahi?

BRAZ, que tentava esconder-se

Antonio! É a ti mesmo que eu procuro.

ANTONIO

Braz!... tu não morreste?!

BRAZ, inquieto sempre, não perde de vista a porta do quarto, nem o fundo da cabana, onde vae espreitar de vez em quando, durante todo o tempo que está em scena

Bem vês, que não.

ANTONIO

Disseram-me que te tinham morto na cidade...

BRAZ

Fugi da cadeia e vim até Santarem como remador de uma canôa; lá, conheceram-me e tornaram a prender-me.

ANTONIO

Como te livraste segunda vez?!

BRAZ

Deixei a sentinella em meu logar; metti-me na primeira montaria que achei no porto e remei sem parar até ao Surubiú. De Alemquer vim por terra, e fiz mal, porque encontrei da outra banda o coronel Duarte e elle conheceu-me!

ANTONIO

Mau foi isso! Vou chamar os tapuios...

BRAZ

Se chamas alguem, mato-te!

ANTONIO

A mim?!

BRAZ

Trata-se da minha vida. O gentio veiu só?

ANTONIO

É d'elle que tens medo?

BRAZ

Medo?!... eu fui um dos que tomaram a cidade! E vocês que fizeram no sertão?

ANTONIO

Tanto como tu e os outros ou mais ainda. Eu vim para aqui, só depois de destruido o acampamento de Icuipiranga, ha poucos dias.

BRAZ

Fugiram covardemente!

ANTONIO

Tambem tu e os teus amigos!

BRAZ, chegando-se a elle

Eu?! Se tu tivesses caído em poder de um branco chamado Soares de Andréa; se o sentisses, como eu senti, agarrar-te pelos cabellos e dizer-te, com voz que ainda me faz tremer: — 'Cães! Julgam que eu não tenho mais que fazer senão mandar instaurar processos morosos, dando-lhes occasião para fugirem da cadeia? O governo encarregou-me de pacificar o Pará; vocês não querem tomar juizo, obedecendo á lei, e a lei faz-se obedecer pela força. Senhor ajudante, mande lá fuzilar este patife!'

ANTONIO

E não o mataram?

BRAZ

Elle é que ía dando cabo de todos que lhe caíam nas mãos!

SCENA XII

ANTONIO, BRAZ, MIQUELINA

MIQUELINA

Aonde está o gentio? Ai! quem é aquelle?

BRAZ, querendo saír, a Antonio

Cala-te!

ANTONIO

Não te assustes. É meu irmão, senhora Miquelina.

MIQUELINA, áparte

São ambos cabanos!

BRAZ

Procura o gentio?...

MIQUELINA

Que é d'elle?

BRAZ

Não está ahi fóra?

MIQUELINA

Não; sumiu-se de repente!

BRAZ, baixo a Antonio

Preciso farinha; vou para as cabeceiras do Curumú e espero-te ali. (Vae para saír.)

ANTONIO, detendo-o, baixo

Anda por lá um destacamento, que veiu de Pauxis pelos lagos atrás de mim e de outros quatro ou cinco tapuios, fugidos como eu de Icuipiranga. Os caboclos do Curumú não sympathisam commigo e estou a ver em que as cousas param, a fim de mudar de sitio. (Miquelina sáe e torna a entrar, olhando com desconfiança para os dois.)

BRAZ, espreitando para o fundo, baixo

O mato é grande; atravessarei para Gurupátuba; vem commigo, se queres, mas arranja farinha para termos ao menos com que fazer xibé. Os brancos vieram com o gentio?

ANTONIO

Esconde-te, que eu vou saber.

MIQUELINA

Parece-me que está ali o Lourenço?...

BRAZ, rapidamente a Antonio, baixo

Espero-te no igarapé. (Sáe.)

ANTONIO, a Miquelina

Não diga a ninguem que viu o Braz. (Sáe.)

SCENA XIII

MIQUELINA, MATHILDE

MIQUELINA

Estes homens não são bons!... Braz foi cabano... e o irmão tambem não é por santo que vem para aqui esconder-se!... Thomé sempre é melhor... porém, se o gentio me quizesse?!...

MATHILDE, entrando precipitadamente

Não me viu!... Achei o caminho de uma roça e pude saír da tapéra onde elle me julgava segura!...

MIQUELINA

Quem é a senhora branca?!

MATHILDE

Sou sobrinha do coronel Duarte. Um miseravel trouxe-me á força da outra banda do lago.

MIQUELINA

Seria o Braz?!

MATHILDE

Diz elle que se chama Joaquim; penso que muda o nome.

MIQUELINA

Então é o mesmo, com certeza. Fugiu agora d'aqui, com medo do gentio.

MATHILDE, reanimando-se

De Lourenço?!

MIQUELINA

Sim.

MATHILDE, com alegria

Já veiu?! Estou salva! Corre; procura-o; dize-lhe que o chama Rosa do Surubiú. Elle veiu por minha causa. (Tirando um annel do dedo.) Acceita isto para ti e vae depressa!

MIQUELINA, áparte

Veiu por amor d'ella?! (Alto.) Não; não quero o teu annel, branca; quero antes o gentio.

MATHILDE, com espanto

Tu?! tu queres Lourenço?! conhéce-lo?! Acaso o amas?!...

MIQUELINA, ingenuamente

Gosto muito d'elle!

MATHILDE, caindo sentada n'um banco

Ah!...

SCENA XIV

MATHILDE, MIQUELINA, BRAZ

BRAZ, depois de correr a vista por toda a scena, a Mathilde

Porque foge de mim? Se eu quizesse fazer-lhe mal, quem a defenderia no meio do Curumú?

MATHILDE, erguendo-se

Se o teu fim era unicamente atravessar o lago, porque não me deixaste livre na canôa, assim que desembarcaste?

BRAZ, approximando-se d'ella

Porquê? (Rindo.) Porque eu sou cabano e seu tio quer prender-me... (Com raiva.) quer matar-me!

MIQUELINA, a Braz

Ella procura o gentio; leva-a comtigo. (Mathilde faz a Miquelina um gesto de indignação.)

BRAZ, a Mathilde, em tom de zombaria

Os brancos dizem que é bom amansar os indios e ensinam-os a pensar e a ter idéas... foi por isso que nós nos lembrámos um dia de tomar a cidade, para gosarmos tambem da riqueza, que elles nos obrigam a tirar dos nossos matos e não repartem comnosco. Por eu ter aprendido a pensar, é que trouxe

commigo a branca... e não a entregarei aos seus parentes sem que o coronel alcance do governo legal o meu perdão. Não lhe farei mal nenhum; mas não grite...

MATHILDE, imperiosamente

Miseravel! ordeno-te que sáias da minha presença!

BRAZ, rindo

Não vê que a tenho em meu poder?! Não sabe que estamos á beira do mato?!

MATHILDE, com espanto

Queres obrigar-me a seguir-te?! Ousarias pôr mãos violentas n'uma fraca mulher?! Vae-te; foge; prometto, que ninguem te perseguirá.

BRAZ, com ira concentrada

Obrigado; rejeito a sua generosidade forçada. Os seus parentes insultaram-me; e o seu amante desafiou-me! O tapuio vinga-se como e quando póde. (Apontando para a floresta.) Ali acaba o dominio dos brancos; d'aquelle mato para dentro não ha rei nem lei; é homem contra homem e astucia contra astucia! Começa á beira d'este bosque o paiz da minha independencia! Com que direito entram n'elle os que nasceram nas cidades? Quem os chama? Quem lhes pede a sua civilisação, os seus costumes, os seus inventos e o

seu governo tyrannico? Querem instruir-nos e só nos ensinam a conhecer quanto somos infelizes! Civilisam-nos... costumando-nos á sua aguardente, para nos dominarem! (Rindo, ferozmente.) Um dia colherão o fructo do seu trabalho! Ha pouco lhes mostrámos que os tapuios aprendem facilmente a manejar as armas de fogo e que depois de domesticados não são inimigos do regalo em que vivem os seus senhores! Perseguem-nos com os seus padres e com os seus vicios; compadecem-se da nossa rudeza e selvageria, e convertem-nos em escravos do seu trabalho! Devastam os nossos arvoredos para avançarem com as suas povoações, que só nos trazem o conhecimento da nossa miseria e inferioridade!... Por toda a parte se ouvem já os golpes malditos do machado destruidor, e o estalar do incendio que devora as arvores derrubadas! A itaúba e o pau de arco, o louro e a massaranduba, o cedro e a sapucaya, desabam como montanhas! As aldeias e as villas invasoras, sentam-se audaciosas ás margens dos rios e dos lagos e ás bordas das clareiras. É a civilisação, roubando aos habitantes das selvas a espessura onde escondiam a sua nudez e os fructos de que se alimentavam, e substituindo-lhes a existencia livre pelo servilismo degradante! (Com mais colera.) Ah! isto ha de acabar!... É

preciso que nos paguem, cedo ou tarde, as affrontas que nos fazem! Dos da tua raça não queremos senão o sangue e a aguardente! Acompanha-me! Se os teus parentes respeitarem a minha vida, não serás offendida; senão!...

MATHILDE, tirando a faca de mato, que está na parede

Para traz, assassino covarde!

SCENA XV

MATHILDE, BRAZ, MIQUELINA, ANTONIO, DUARTE, FRANCISCO, JOÃO, LOURENÇO, TAPUIOS, TAPUIAS

ANTONIO, entrando a correr pelo fundo

Foge, Braz!

BRAZ, querendo armar o arco

É o gentio?

ANTONIO

Os brancos! (Braz corre para a porta do quarto, apparece ali Duarte.)

DUARTE, apontando uma espingarda para Braz

Alto ahi, miseravel! (Braz corre para o fundo e acha-se em frente de Francisco e João, com as armas tambem á cara.)

FRANCISCO

Se dás mais um passo, morres!

JOÃO

Tapuio do diabo! Vem dizê a mim que gentio é que é traidô!

DUARTE

Chamas-te Braz ou Joaquim, grande patife?

BRAZ, atterrado e supplicante

Sou Braz, sim senhor; não me mate!... Eu não fiz mal á branca.

LOURENÇO, vindo do fundo, seguido por todos os tapuios e tapuias, que olham com curiosidade para as personagens que estão na choupana; depois de lançar a Mathilde um rapido olhar de contentamento

O tejupar onde o juruna foi recebido como amigo, é um asylo sagrado.

MATHILDE, com alegria

Lourenço!

FRANCISCO, áparte

Mau! Se temos scena de Shakspeare, não gosto!

LOURENÇO, approximando-se de Mathilde e correndo-lhe a mão pelo cabello, ao mesmo tempo que examina Francisco com vista escrutadora

Esperava que saísse o mura insultador de mulheres, porque um guerreiro não viola jamais o logar em que recebeu hospitalidade.

FRANCISCO, indignado com o movimento de Lourenço, baixo, a Duarte

O senhor tolera... e ella consente similhantes familiaridades!...

DUARTE, baixo a Francisco, sorrindo

É assim que os indios exprimem a sua amisade a qualquer pessoa.

FRANCISCO, encolhendo os hombros

Acho forte!...

DUARTE, a João, indicando Braz

Amarra esse tratante. (Ouvem-se alguns murmurios entre os tapuios.)

LOURENÇO, impondo silencio a todos, com gesto altivo, fazendo abaixar as armas

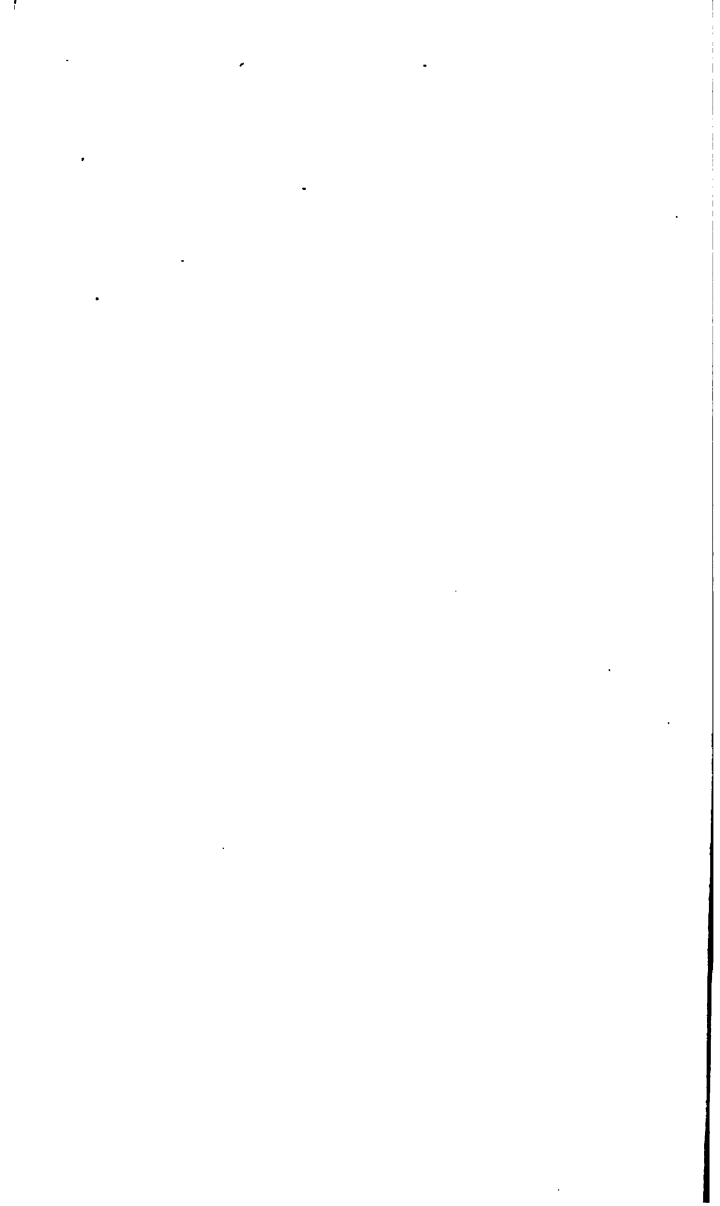
O Cedro Vermelho é um chefe! Ninguem toque no seu inimigo! (Entrega a espingarda a João; a Braz.) O teu rosto muda de côr como o cenemby que toma o sol sobre os ramos da embaubeira! Sabes que o aipim e o milho estão maduros e temes que eu mande preparar os vinhos do sacrificio?!... Os cambebas de quem descendo, por Peito de Tiépiranga, não dão a morte aos prisioneiros, ainda que elles pertençam á tribu infame dos muras. (Sorrindo desdenhosamente.) Tu é que poderás fazer dos fructos do cajueiro o licor embriagante, que usam os teus parentes an-

thropophagos, para comeres a carne do teu adversario, se tiveres destreza e valor para vence-lo. Reteza a corda do teu arco! (Inclina o arco sob o joelho direito, obrigando-o a vergar e retezando-lhe a corda pela ponta que fica voltada para cima. *Braz* imita-o.) Não affrontemos o tejupar hospitaleiro que nos acolheu; ali fóra temos terreiro e luz para que possam voar duas frechas. Saiamos! E pede ao assacú venenoso em que mergulhaste as pontas das tuas tacuáras, que te livre do urari que teem as minhas. (Tomam cada um sua frecha de tacuára e sáem lentamente pelo fundo, em disposição de arma-las nos arcos; Mathilde faz um movimento de terror e quer segui-los. Duarte, suspende-a com um gesto imperioso.)

MATHILDE, dolorosamente

E se elle morrer?!

FRANCISCO, com gravidade comica, e como querendo tranquillisar Mathilde

Não consentiremos que o outro o coma. (Cáe o panno.)

ACTO QUARTO

Grande clareira, na floresta virgem do lado septentrional do Curumú, cortada ao meio por um igarapé ou riacho; os colossos vegetaes de muitas especies, que a circumdam, estendem sobre ella e o ribeiro as suas grandiosas ramarias. Numerosos sipós de todas as grossuras, claros, escuros, cinzentos, castanhos, pardos e de verdes differentes, lisos, rugosos, direitos, torcidos, em ondulações caprichosas e phantasticas, atravessam de umas para outras arvores, descendo perpendicularmente das maiores alturas até ao chão, onde criam novas raizes, tornando a subir pelos troncos vizinhos. Dos sipós e dos arvoredos pendem fructos variadissimos, de exquisitas fórmas, de todas as côres e tamanhos; flores de especies raras, esplendidamente coloridas, e algumas do tamanho de umbellas, agitam-se no espaço, procurando o sol por entre a multidão das trepadeiras, que formam de todos os lados festões, laçarias e grinaldas. A nobre familia das palmeiras serve de candelabros e de columnas a este magestoso templo da natureza tropical. Aqui, a inajá mostra em compridos cachos os seus fructos pardacentos; ali, ostenta-se a tucumá com longos corymbos dourados e vermelhos; alem, penduram-se da elegante miriti enormes thyrsos, carregados de formosos pomos revestidos com escamas de oiro; mais adiante, a marajá espinhosa com as

suas vassouras guarnecidas de fructinhos pretos; a caraná com os seus verdes leques, que por vezes se transformam em chapéus de sol; a bacaba, a pataná, a paxiúba e a pindóba suspendem com as opulentas frontes a magnifica abobada de verdura. Os fetos arvorescentes disputam a magestade ás palmeiras. Milhões de plantas de menor grandeza abraçam-se, apertam-se e esforçam-se para saír de entre os gigantes seculares, em busca do ar e da luz, e formam em torno da clareira uma muralha viva. Sobre a epiderme dos velhos colossos vegetam graciosas orchidéas. O chão está inteiramente forrado com uma espessa camada de folhas seccas. Varias arvores caídas, umas já em decomposição, outras ainda verdes, e todas cobertas de parasitas, jazem, aqui e ali, dentro e fóra do rio, como titães que dormem o seu ultimo somno. Por entre ellas surde de sob a folhagem solta, immensa multidão de vegetaes miudos, que tapetam as bordas do igarapé.

SCENA I

ANTONIO, BRAZ

BRAZ, está meio occulto entre as largas sapopemas ou raizes chatas de uma grande arvore, confundindo-se quasi com ellas; depois de ter permanecido immovel por instantes, como escutando, cruza as mãos, com que imita a fórma de duas conchas unidas, e separando os dedos pollegares, assopra por entre elles, produzindo um assobio similhante ao canto do inambú. Em seguida, une-se mais com as raizes e fica de novo immovel.

Sinto alguem... Será o Antonio, que me ouviu?... E se fosse uma onça?!... Antes ella do que o gentio!

ANTONIO, andando cautelosamente e procurando com a vista por entre as arvores

Dois assobios, imitando o canto do inambú!... ha de ser o Braz, que me chama. Ainda se não vê bem... (Corresponde com igual assobio.)

BRAZ, que o reconhece, chamando

Antonio?

ANTONIO, avistando-o e approximando-se d'elle

Fazes mal em te chegares tão perto das casas! Aqui ao pé ha roças; e as tapuias gostam de vir por este sitio apanhar favas de cumarú e de baunilha. O gentio anda-te no rasto.

BRAZ

E os brancos? Já foram para a outra banda?

ANTONIO

Ainda não; sumiu-se a sobrinha do coronel!

BRAZ

Ah! se eu tornasse a apanha-la!... Aqui não me agarram elles! Estou no mato virgem! Qu'importa que as roças sejam perto para quem sabe correr como eu corro?!

ANTONIO

Olha que o selvagem não te fica atraz.

BRAZ

Bem viste como lhe fugi! Quando todos julgavam que eu tomava terreno para armar a minha frecha, metti-me na floresta e deixei-os logrados.

ANTONIO

O outro é muito fino! Deitou-se no chão, para ouvir o ruido dos teus passos nas folhas seccas, e se não fosse eu, estavas filado.

BRAZ

Como?

ANTONIO

Quando o vi deitar-se, metti-me tambem no roçado, e como sabia que tu vinhas para a banda do igarapé, corri por outro sitio e elle caíu no laço como um curumi!

BRAZ

Estás certo d'isso?

ANTONIO

Depois que a Miquelina e o Thomé souberam que és meu irmão, entendi que devia dormir no mato; não tendo rede para amarrar, fiz a cama debaixo de umas folhas de ubim e adormeci um bocado. Quando acordei, vinha amanhecendo e a primeira cousa que vi foi o gentio, passando por cima dos cipós que se cruzavam sobre a minha ca-

beça! Ninguem o sente! É como uma cobra que se arrasta pelos ramos!... Até a sua côr se confunde com a dos troncos!

BRAZ, olhando para cima, assustado

Se eu o visse primeiro!...

ANTONIO

Os olhos luziam-lhe através das folhas como os da onça que espreita o veado.

BRAZ

E não te viu?

ANTONIO

Não; deixei-o afastar-se, levantei-me e corri pela borda da tapéra, para elle cuidar que eras tu.

BRAZ

Sentiste-o ir atraz de ti?

ANTONIO

Nem o vi nem ouvi mais! Já te disse, que ninguem o sente! Como sabe que o ruido dos passos sobre as folhas seccas se ouve muito ao longe, anda como os macacos, de ramo em ramo, e de cipó em cipó. Foge depressa para Monte Alegre, se tens amor á vida!

BRAZ

Elle traz frechas ou arma de fogo?

ANTONIO

Traz só espingarda.

BRAZ

Quem te disse que desappareceu a moça?

ANTONIO

Passei agora mesmo pelos brancos, sem que me vissem. Andam a procura-la, e cuidam que foste tu quem tornou a roubar-lh'a.

BRAZ

Vae á barraca do roçado velho, no portinho, e traze-me a rede, que eu lá deixei. Vê se me compras um paneirinho de farinha para ticuára, e vem procurar-me nas cabeceiras d'este igarapé.

ANTONIO

Eu não tenho com que comprar... Foge, que ahi vem gente!... **(Braz corre para o riacho, e desapparece sem ruido por entre o espesso arvoredo, que borda as margens.)**

SCENA II

ANTONIO, DUARTE, FRANCISCO, JOÃO

DUARTE, baixo a Francisco

Ali está um caboclo!

FRANCISCO, baixo a Duarte, apontando a arma

Quer que o segure?

DUARTE, idem

Homem, você vae-se tornando feroz!

FRANCISCO, idem

Desculpe; ando a aprender a selvagem, para ver se consigo produzir melhor effeito.

ANTONIO, voltando-se, assustado

O branco quer matar-me?! Eu não sóu o Braz.

DUARTE, acotovelando Francisco

Qual matar! Assim se mata gente, sem mais nem menos?! Viste minha sobrinha?

ANTONIO

Não, senhor.

DUARTE

Onde está o Braz?

ANTONIO

Não sei.

FRANCISCO

E o Lourenço?

ANTONIO

Quem é o Lourenço?

FRANCISCO, a Duarte, baixo

Elle caçôa-nos; é melhor obriga-lo a fallar claro.

DUARTE, a Francisco, baixo

Seja prudente; quem o ouvir, ha de julga-lo peior do que um anthropophago!...

FRANCISCO, idem

É preciso que tenhamos côr local.

DUARTE, a Antonio

Se me descobres minha sobrinha, dou-te uma espingarda nova e um garrafão de aguardente.

ANTONIO

Vou procura-la. (Afasta-se indolentemente.)

SCENA III

DUARTE, FRANCISCO, JOÃO

DUARTE

É dia claro; até aqui seguimos as margens do igarapé; mas eu não conheço o mato d'este lado do Curumú, e por isso não me atrevo a ir mais longe. Estamos n'uma clareira, que já pertence á floresta virgem.

FRANCISCO

Palavra?! (Olhando para tudo que o rodeia, solta um grito de admiração e de jubilo.) Oh!... que esplendido quadro! Não tinha reparado ainda! (Fica un

instante como extasiado, depois vae á borda do riacho e anda vendo tudo em volta da clareira; Duarte segue-lhe os movimentos com satisfação, e João olha espantado para os dois.) É admiravel! Que soberbas arvores! Que multidão de cipós, que variedade de plantas!... Ah! (Correndo para um tronco.) que graciosissimas orchidéas! (Indo a outra arvore.) E estas?!... Se meu pae visse isto!... Ainda não disse ao coronel, que meu pae é um botanico illustre? Pois fique sabendo. Que magnificencias! Que palmeiras! Que fructos! Que flores!... Que troncos e que raizes originalissimas! É impossivel que esta clareira não seja um pedaço do Paraizo terreal!... O coronel sabe se elle seria por aqui algures?

DUARTE

O quê?

FRANCISCO, apanhando do chão um fructo de miriti

O Paraizo. (Duarte sorri-se.) Este fructo, coberto de escamas de oiro, é lindissimo! (Quer comê-lo, mas não consegue metter-lhe os dentes.) Oh! diabo! Isto é fingido?! Parece de pau! (Olhando com desconfiança para os arvoredos.) Querem ver que estou n'uma floresta de theatro?! (Sacode uma arvore que está coberta de fructos amarellos, similhante a gemmas de ovo cozidas; cáem alguns fructos, que elle apanha.)

DUARTE

O fructo da palmeira miriti é dos mais formosos para a vista, mas não dos melho-

res para comer... salvo para quem pertença á familia dos roedores.

FRANCISCO, olhando para os que acaba de apanhar

E esta! Uma arvore, que dá gemmas de ovos cozidas!... (Come.) com assucar!

DUARTE

Esse fructo chama-se cotitiribá, que quer dizer 'fructo da cotia'.

FRANCISCO

Ah! os bichos do seu paiz são ainda mais felizes do que a gente! Que luxo de alimentação variada! Agora é que eu acho a explicação do motivo por que os indios não querem que os civilisem! A civilisação obriga-os a trabalhar; e quem tem tantos meios de subsistencia, não precisa matar-se. Veja como essas palmeiras estão carregadas!... E que abundancia em todos estes arvoredos! Até nos cipós... (Apanha o fructo esverdeado de um cipó e vae para o metter na bôca.)

DUARTE, tirando-lh'o rapidamente

É venenoso!

FRANCISCO, cuspindo

Safa! Por isso o patife é tão bonito!

DUARTE

O senhor atira-se a tudo!... Tenha cautela! Convem não comer nenhum fructo dos que os macacos não comem.

FRANCISCO, encarando-o, com espanto

O coronel quer dizer com isso, que elles são os nossos mestres?! Sempre me quiz parecer. E como me é impossivel frequentar a escola d'esses professores originaes, abster-me-hei d'aqui em diante de comer cousas desconhecidas... Assim evitarei tambem muitos logros!

DUARTE

Vamos embora.

FRANCISCO

Espere ainda um pouco, por favor; deixe-me tornar a ver isto bem. (Andando em torno da clareira.) A floresta virgem!... Aquelles vadios, que lá em Lisboa se diziam meus amigos, são capazes de não me acreditarem, quando eu lhes contar que estive aqui, n'esta selva contemporanea de Adão e Eva... e que me pendurei nos cipós, á maneira dos nossos mestres bugios! (Encosta a arma a um tronco, trepa por um cipó dos mais grossos e balouça-se.)

DUARTE, rindo

O senhor está doudo!

JOÃO, sorrindo

Siô môço dá um queda, cáe no rio e besunta todo di tijuco!

FRANCISCO, descendo

Enganas-te, pae João; eu sou marinheiro... O coronel ha de me passar um attestado, de como eu me baloucei nos cipós da floresta virgem?...

DUARTE, rindo

Pois sim. O peior é que não achâmos o tapuio nem minha sobrinha!

FRANCISCO, pegando na espingarda

Tudo por culpa do estupido gentio! Queria bater-se em duello como um gentleman! Aquella não me esquece mais!

DUARTE

Na sua opinião seria um acto covarde proceder de outro modo.

FRANCISCO

N'esse caso, que se arranjem os dois entre si. Escusâmos nós de nos incommodarmos.

DUARTE

E Mathilde?

FRANCISCO

Ainda pensa que o tapuio a levou segunda vez?!

DUARTE

Certamente.

FRANCISCO

Deixe-se d'isso; ella foi passear á praia ou talvez ao lago.

DUARTE

Não diga absurdos! Depois do que lhe aconteceu, só se tivesse perdido o juizo é que se arriscaria outra vez sósinha.

FRANCISCO

Ah! meu respeitavel amigo!... quem póde gabar-se de conhecer o coração da mulher?! Pelo que tenho aprendido, estudando esse aleijão recheado de tyrannia e de sensibilidade, affirmo-lhe que nada ha mais absurdo... nem mais logico. Sua sobrinha tem a alma tão ardente como o sol que lhe embalou o berço! N'aquella cabecinha encantadora ardem volcões, capazes de devorar estas florestas maravilhosas!

DUARTE

Isso é poesia que o senhor está fazendo.

FRANCISCO

Chame-lhe o que quizer. A imaginação de Mathilde não se contenta só com os seus

lagos e rios magestosos, com as suas matas paradisiacas, nem com as vastas campinas dos seus sertões; precisa mundos novos para se alimentar... e anda á procura d'elles.

DUARTE

Confesso que não percebo!

FRANCISCO

Ha uma idade em que todos os corações se sentem assaltados por sentimentos vagos, por desejos indefinidos, pela avidez do ignoto!... Perdão; ía faltando ao respeito devido á magestade augusta d'estes bosques, impingindo-lhes a noticia de como principiam os primeiros amores!...

DUARTE

Julgo ter apanhado d'essa embrulhada, que minha sobrinha se apaixonou?... (Ponderando.) Póde ser... sim... desde certo tempo, que me parece coincidir com a sua ultima visita, acho-a effectivamente mais melancolica!

FRANCISCO

A sua melancolia provém de saber que o coronel pretende casa-la commigo.

DUARTE

Essa é nova! Se ella o ama, se o senhor não a vê com indifferença e se eu consinto

no casamento, como póde isto causar-lhe tristeza?!

FRANCISCO, áparte, levantando os olhos para o céu

Oh! simplicidade dos bosques! Oh! ditosa ignorancia dos primeiros patriarchas!... Bem se vê que estamos n'uma floresta virgem, no mundo primitivo!

DUARTE

Que diz a este argumento?

FRANCISCO

É fortissimo!...

JOÃO

Pae sinhô e siô môço, aprompta espingarda, que sente macaco nos arve! Costuma vir coatá di serra atirá côco di sapucaia em cabeça di caçadô e mata elle!

DUARTE

Silencio! (**Põem todos as armas em attitude de se servirem d'ellas, João escorrega e cáe contra uma arvoreta, que se agita.**)

SCENA IV

Duarte, Francisco, João, Lourenço

LOURENÇO, com a espingarda na mão, saíndo de entre os ramos e cipós ao pé de João

O ouvido do Jutahi Preto é fino!

JOÃO, que se ergueu, pulando para o lado, assustado

Gentio cáe dos nuve!

DUARTE

Lourenço?... Viste-a?

FRANCISCO, com admiração comica, áparte

Como póde o europeu conservar-se grave n'uma terra em que as mulheres romanticas passeiam pelos matos com as onças e serpentes, e onde as arvores, quando as sacodem, deitam abaixo gemmas de ovos cozidas e homens... crús?!

LOURENÇO, depois de ter encarado attentamente Francisco

O tio Duarte é valente e sabe affrontar os perigos; porém, os indios muras são assassinos e correm nos matos melhor do que os brancos. O teu ouvido não sentirá no leito do igarapé os passos do inimigo.

FRANCISCO, áparte

Porque diabo olhará elle tanto para mim desde hontem?! (Alto.) A culpa é tua; porque deixaste fugir o tapuio?

LOURENÇO, com altivez

Porque não mato os meus adversarios quando estão captivos. Os jurunas tambem eram ferozes e crueis antes do sangue dos cambebas se ter cruzado com o d'elles; de-

pois, os guerreiros do Bracelete de Ferro aprenderam a respeitar os prisioneiros. O Cedro Vermelho ha de obrigar o seu covarde inimigo ao combate singular, ainda que para isso tenha de atravessar todas as florestas amazonicas. O mura tem um irmão, que quer enganar o gentio, escondendo-se debaixo das folhas seccas e correndo pelas tapéras... (Sorrindo.) Os ouvidos do chefe não se enganam com o passo dos que o medo faz correr!...

DUARTE, impaciente

Tudo isso é secundario; o que me interessa agora é saber se viste Mathilde?

LOURENÇO, como procurando em torno de si

Rosa do Surubiú? Trouxeste-a comtigo para lhe descobrires os segredos da floresta virgem?... Fizeste mal.

DUARTE

Desappareceu da barraca dos tapuios.

FRANCISCO

Logo depois que tu saíste... percebes?

LOURENÇO, com admiração e tristeza

Oh! filha dos caribas, o teu sangue é como o oleo que ferve dentro da cupahibeira até achar saída! Mal haja a confiança que tens

nos ouvidos e nos olhos do juruna! Eu vejo tanto como o acauan, que dos ultimos ramos do tauari avista entre as sapopemas a jaquiranaboia e a jeraráca; faço menos bulha do que o anambé comendo os fructos acidos do taperibázeiro; e sei correr como o veado, quando foge do sucurijú; mas quem póde impedir que a frecha do caçador, escondido entre as folhas do urucuri, derrube a cotia, que julgava seus os fructos caídos da palmeira?

FRANCISCO, áparte

Os diabos me levem se eu não sympathiso com o meu rival! (Cantarolando, em voz baixa.)

Oh! mio rivale sympathico!

DUARTE

Visto isso, não pódes indicar-nos para que lado devemos ir procura-la?!

LOURENÇO, olhando para Francisco

Quem vê no céu o rasto da lua? O vôo do juruty não deixa signal nos ares; e ninguem póde dizer para onde o vento levará as rosas brancas e perfumadas que arrancou da envireira! (Francisco faz-lhe com a cabeça um signal de assentimento.)

DUARTE

O teu faro é admiravel; distingues pelo

cheiro os animaes e as pessoas que estão a grande distancia; talvez isso te auxilie?...

LOURENÇO

Nos lagos, nos rios, nas margens das florestas, nos logares onde os arvoredos não estão floridos, o juruna sente e conhece quem se approxima. Aqui, o olfato perde-se com as exhalações da baunilha, do cumarú, do curimbó, do cauré e da salsarana; as flores do pau de arco levam até ao meio do lago os seus aromas suaves! (O sol penetra repentinamente através das ramarias, inundando a clareira de sua luz esplendida.)

FRANCISCO, com um grito de enthusiasmo

Bravo, sol! bravo! Que magestosa entrada! Faltavas tu para dar sublimidade a este espectaculo assombroso! (Contempla extasiado os arvoredos, brilhantemente alumiados; Lourenço olha para elle como quem o comprehende; João encara-o com o espanto que já uma vez manifestára.)

DUARTE

É bello, realmente!

FRANCISCO, descobrindo-se, commovido

É divino! (Duarte, cedendo aos sentimentos que movem Francisco, descobre-se; João imita-o.) Dir-se-ía a imagem do Creador, mostrando-se na creação! Eu te saúdo, oh! sol, esplendor e alma do universo!... E saúdo-vos tambem, epicos pro-

digios de verdura! Diante da vossa grandeza senti uma impressão quasi igual á que tive, quando pela primeira vez contemplei o Oceano! Materialistas, espiritos fortes, atheus, scepticos, descrentes de todas as especies, vinde aqui, e se não reconhecerdes Deus n'este maravilhoso quadro... é porque sois todos uns asnos!

LOURENÇO, tomando rapidamente a attitude de quem escuta

Os pés da onça não quebram cautelosamente os ramos!...

DUARTE, cobrindo-se

Eu não ouço nada!

FRANCISCO, reparando na posição pittoresca de Lourenço, larga a arma e o chapéu

Oh! que soberba attitude! Isto é de tentar os menos artistas! (Apalpando as algibeiras.) Não te mexas!... Um lapis?... cá está. (Apalpando os bolsos.) Papel? papel?! Quem me dá um papel?!! Se eu tivesse aqui o meu album!... (A Lourenço.) Assim! assim ainda estás melhor! (A Duarte, que sustém difficilmente o riso.) Veja se me dá um...

LOURENÇO, partindo a correr

Esconde-se! É um inimigo! (Desapparece sem ruido.)

FRANCISCO, desapontado

Ei-lo ahi vae! Aquillo não é homem é uma frecha! (Escutando.) E ninguem o sente! (Áparte.) Deixa-lo correr; por mim, póde ir até ao fim do mundo! A caçada ao tapuio, alem de infructuosa, já me vae parecendo massada!

JOÃO

Está fôia mexendo e não é com vento! Aprompta espingarda!... Atira, pae sinhô, qui sente pirigo!

DUARTE, pondo-se com a arma em posição de atirar

Aonde, toleirão?

SCENA V

DUARTE, FRANCISCO, JOÃO, THOMÉ

THOMÉ

O gentio vae doudo!

DUARTE

Para onde foi elle?

THOMÉ

Sei cá! Se não me reconhecesse tão depressa, esganava-me!

FRANCISCO, baixo, a Duarte

E este quem é?

DUARTE, baixo a Francisco

Um meu conhecido; chama-se Thomé. Não lhe metta medo; o senhor tem uns ares de admiração, que atterram toda a gente!

FRANCISCO, idem

Ora, adeus! Quem vive entre estas cousas espantosas, não se atterra com tão pouco. E se não quer que eu me admire, vamos d'aqui. Para fallar com franqueza, já estou cansado de me admirar.

DUARTE

Anda cá, Thomé: tu sabes que sempre te compro a tua farinha, e te vendo os meus generos mais baratos. Queres auxiliar-me?

THOMÉ

A prender o cabano? Ajudo, sim, patrão; e tambem a prender o irmão, que é tão bom como elle! (Áparte.) Se o empurro para fóra do Curumú, caso com a Miquelina!...

FRANCISCO

Elle tem irmão?

THOMÉ

Tem sim, senhor; e penso que andam já no mato ambos.

DUARTE

Provavelmente é o que passou por nós ha pedaço.

THOMÉ

Veiu por aqui? Tão longe! Anda atraz da Miquelina, o patife! O roçado d'ella é junto á tapéra.

DUARTE

Vê se encontras minha sobrinha, traze-a, e conta commigo para padrinho quando te casares.

FRANCISCO

Talvez que ella já esteja na aldeia?... E não se me dava de ir até lá, respirar um ar mais puro.

DUARTE

Pois vamos. (Sáem, seguindo a margem do riacho.)

THOMÉ, indo atraz d'elles

Eu vou buscar o meu arco; os brancos devem seguir o igarapé, até ao sitio onde ha roças; esperem-me ahi, que não tardo nada.

SCENA VI

THOMÉ, MIQUELINA

MIQUELINA

Ouvi fallar para este lado! Ah! são os brancos e Thomé.

THOMÉ, voltando atraz

Miquelina!

MIQUELINA, querendo saír

Vim apanhar folhas de ubim e de guarumá, para empaneirar farinha.

THOMÉ

Quer que eu a ajude?

MIQUELINA, afastando-se

Não é preciso.

THOMÉ

Se fosse o Antonio mura que se lhe offerecesse, acceitava?

MIQUELINA

Bem m'importa esse!

THOMÉ

Não, não importa!... Ah! agora me lembro! Veiu atraz do gentio?!

MIQUELINA

Viu-o?

THOMÉ

Se não queria casar commigo, para que me amarrou hontem á noite?

MIQUELINA

Foi para rir.

THOMÉ

Com estas cousas não se brinca; podia haver morte de homem, e a culpa era sua.

MIQUELINA

Credo! morte de quem?

THOMÉ

Do mura.

MIQUELINA

Pois olhe, Thomé, eu antes o queria a você, do que a elle. O Lourenço despreza-me!...

THOMÉ, áparte

Honrado gentio! Ainda bem!

MIQUELINA

Será por gostar da branca que elle me não quer?

THOMÉ, áparte

Ah! elle gosta da branca?!... Melhor! vou mais depressa procura-la! (Alto.) Não vem para casa?

MIQUELINA

Ainda não apanhei as folhas...

THOMÉ, áparte

Bem sei; vaes á cata do selvagem! Eu hei de desencantar a sobrinha do coronel, seja onde for!... E depois, veremos. (Sáe.)

SCENA VII

MIQUELINA, só, examinando algumas arvoretas e cipós

A filha dos brancos não saberá que é perigoso andar n'estes matos? Se não a encontrar a onça ou não a desencaminhar a Curupira, ha de acha-la o tapuio... e se esse tambem não der com ella... cá estou eu!... (Examinando um arbustinho, carregado de fructos similhantes a pimentas da India.) O cunambi, com os seus baguinhos pretos!... bastavam tres ou quatro, espremidos n'uma cuia de agua, para me eu ver livre d'ella e ficar com o gentio... (Observando uma arvoreta.) A caxinduba tem agora fructinhos verdes!... é signal de estar o leite mais venenoso!... (Tira do seio um embrulho, que desenrola, e mostra dois pedaços de cipó.) Já aqui levo o timbó da capoeira e o juruti pepena, que são ambos venenosos; ali atraz, marquei o araticúpanana cheio de fructos... (Vendo um cipó enleado n'uma arvore.) Este cipó será urari?... Alem vejo o arvoeiro, abrindo as bages onde cria os bagos amargos... Um pouco de sumo de qualquer d'estas plantas, misturado no mingáu da branca, mata-a com certeza... Ah! o melhor é dar-lhe a cheirar as flores do assacuzeiro! Vou apanha-las. (Encaminha-se á pressa para a borda do igarapé, de repente pára; reflecte um instante e volta para traz.) Não, não quero; era uma grande

maldade! Ella nunca me fez mal... gosta do gentio? tambem eu gosto. (Deita fóra os bocados de cipó.) Ai! agora é que me lembro!... Vou procurar Lourenço e dar-lhe agua da raiz de manacan para o adormecer; e quando elle acordar, offereço-lhe poquéca de tamacuaré... dizem que quem come d'esse lagarto fica enfeitiçado de amores pela pessoa que lh'o deu!... Vou experimentar. (Sáe rapidamente.)

SCENA VIII

ANTONIO, THOMÉ

ANTONIO

Que viria a Miquelina fazer aqui tão cedo? O caminho da sua roça é pela bôca do igarapé!... Não me agrada ver tanta gente a visitar o mato virgem! Vou procurar o Braz e mudo-me tambem com elle para Gurupátuba. Já arranjei farinha e piraén...

THOMÉ, áparte, espreitando Antonio

O cabano viria seguindo a cunhã pelo faro?! Que se faça agora tolo!... O vizinho Magoari, que encontrei no caminho, emprestou-me a sua espingarda, e estou resolvido a limpar o Curumú de patifes da laia d'este.

ANTONIO, áparte, vendo-o

Outra vez o Thomé! (Alto.) Vens espreitar-me?

THOMÉ

Que te importa?

ANTONIO

Não gosto que andem atraz de mim.

THOMÉ

Hei de andar por onde eu quizer.

ANTONIO

O mato é largo; não quero que ninguem me vigie.

THOMÉ

Sou filho do Curumú; estou na minha aldeia, e tenho aqui perto os meus roçados.

ANTONIO, sentando-se n'um pau caído

Mas não estás na tua barraca, para mandares pôr a gente fóra. (Corta um arbusto e entretem-se a descasca-lo com a faca, que tira do cinto.)

THOMÉ

Querias mais caxiri, guloso?! Trata de te mudares do lago; já todos aqui sabem quem ós. Vae para o Solimões, onde vivem os muras. Antes da cabanagem, estiveste em Macapá e em Gurupátuba com o Braz; fizeram lá bonitas cousas e vieram para cá fugidos. Nós demos-lhes hospitalidade e sus-

tento, porque não os conheciamos. Teu irmão foi para a cidade, como remador do coronel Duarte, e lá roubou-o e fez-se cabano; depois, tu furtaste uma canôa no Paranámiri, e foste metter-te com os revoltosos de Icuipiranga. Já vês que sei a tua vida e a de teu irmão!... Como agora os querem prender, voltam ambos para os tolos do Curumú, que os aturem! Estão enganados! No Curumú não ha muras nem ladrões.

ANTONIO, erguendo-se de chofre

Se estivesses sem espingarda, não me dizias isso!

THOMÉ

Não a furtei, como tu e teu irmão costumam fazer.

ANTONIO, querendo atirar-se a elle

Tu calumnias-me!

THOMÉ, apontando-lhe a arma

Vê lá em que te mettes! Olha que a carreguei com duas palanquetas de chumbo, para obsequiar teu irmão; se fazes empenho em ficar com ellas para ti, mexe-te d'esse logar!

ANTONIO, mudando de tom, e approximando-se lentamente

Não nos zanguemos; sejamos amigos como d'antes.

THOMÉ

Amigos?! eu não fui cabano.

ANTONIO, chegando-se mais, sempre com ares e gestos amigaveis

Nèm eu; são mentiras com que me intrigam.

THOMÉ

O Chico grande e o compadre Magoari conheceram-te logo.

ANTONIO, mais perto d'elle

Não digas isso a ninguem, que pódem acreditar-te e prender-me. Afianço-te, que são tudo falsidades.

THOMÉ

Tomára eu que te agarrem!

ANTONIO, lançando-se precipitadamente sobre elle

Larga a espingarda, senão mato-te!

SCENA IX

THOMÉ, ANTONIO, DUARTE, FRANCISCO, JOÃO

DUARTE

Não largues, Thomé!

ANTONIO, largando Thomé e querendo fugir

Ah! os brancos! (Todos lhe apontam as armas.)

FRANCISCO

Não corras, que pódes caír.

ANTONIO, acovardado

Que me querem?!

DUARTE

Eu já te explico tudo. Larga a faca.

ANTONIO, hesitando

A faca... é minha.

FRANCISCO, approximando-se d'elle

O senhor coronel pede-te o favor de lh'a emprestares. (Antonio larga a faca.)

DUARTE

João, pega n'aquella faca.

JOÃO, indo pegar n'ella com medo

Não bole com pé, cabano; si pisca os ôio, mette um bala em sua barriga di você. (Apanha a faca.)

DUARTE

Corta um cipó bem fino e comprido. (João corta um cipó similhante a uma corda.) Amarra as mãos d'esse homem atraz das costas.

ANTONIO, querendo resistir

Amarrar-me?! Não consinto; não sou escravo!...

DUARTE, apontando-lhe a espingarda

Talvez prefiras experimentar se eu ainda tenho boa pontaria? Arreda-te lá, João; deixa ver...

ANTONIO, ajoelhando

Ai! ai! Amarra, preto, amarra!

FRANCISCO

Grande invenção foi a das armas de fogo! Até fazem ter juizo!

JOÃO, amarrando Antonio, sem resistencia d'este, com as mãos atraz das costas

Si faze doê, não grita; cipó custa a corrê; pricisa arrochá elle bem!

DUARTE, a Antonio

Tu nunca estiveste na cidade? (Antonio, atterrado, faz um gesto negativo com a cabeça.) Pois vaes vela; e saberás o que é bom, se minha sobrinha não apparecer immediatamente.

ANTONIO

Eu não sei d'ella. (Soltando as mãos e fazendo uma cruz com os dedos.) Juro por esta! (João agarra-lhe as mãos e ata-lh'as melhor.)

DUARTE

Onde está teu irmão escondido?

ANTONIO

Se eu soubesse, confessava.

FRANCISCO

Anda para diante; e trata de não fingires que tropeças, aliás a cousa torna-se grave; pódes caír mais depressa do que pensas.

DUARTE

Thomé, acompanha-nos, a fim de que não tornemos a andar para traz por não acertarmos com a saída. (Sáem.)

SCENA X

Bracelete de Ferro, Miquelina

BRACELETE, entra, pondo cautelosamente os pés no chão e andando sempre de modo que não quebre ramos, nem faça ruido

O lago está perto!... (Farejando na direcção por onde saíram as outras personagens e examinando o chão.) São brancos!... tambem levavam indios mansos... mas nenhum d'elles é juruna. (Tomando os ventos, como fazem os cães quando seguem o rasto quente da caça, e correndo á roda da clareira, solta de vez em quando uma especie de mugido surdo e fareja sempre.) Hough! Hough! O outro rasto é frio!... o orvalho da noite e o calor do dia confundem as emanações... porém, o filho do Bracelete de Ferro não deve andar longe! (Parando ao pé dos cipós onde Francisco se esteve balouçando e cheirando-os.) O timbó açú tem a casca ferida... O homem que subiu aqui não sabe trepar nos cipós... derrubou as flores da ja-

pecanga e quebrou os ramos do guapohi... era branco! (Seguindo os ventos, na direcção da arvore de grandes raizes chatas, onde Braz esteve escondido.) Entre as sapopemas do tauariseiro esteve escondido um indio... (Approxima-se e cheira as tábuas a que Braz se encostára.) Hough! Hough! É mura, inimigo da minha tribu!... (Encaminha-se para o sitio por onde desceu Lourenço, farejando sempre.) Hough! Hough! O cacique dos jurunas passou aqui!... (Cheira e examina as arvores.) Desceu do cipoal... seguia o filho do Solimões... talvez em companhia do branco, seu alliado?!... O Cedro Vermelho é um guerreiro... mas falta-lhe a experiencia e a sabedoria da velhice! Brancos são maus companheiros para andar no mato virgem!... Por toda a parte deixam vestigios!... (Examinando attentamente as ramadas por onde descêra Lourenço.) Não quebrou nenhum ramo, não esfolou nenhum cipó, nem derrubou nenhuma flor ou fructo!... (Examinando o chão.) Hough! Desceu de leve, sem amassar as folhas seccas!... (Com satisfação.) É da minha raça! (Seguindo pelo cheiro todos os passos de Lourenço, até ao logar por onde elle saiu.) Saíu por este lado... (Examinando o chão e os ramos das arvores.) foi só... e corria... (Tornando a examinar o chão.) mas não ia fugindo. (Volta para a scena e senta-se tranquillamente sobre um tronco.)

MIQUELINA, correndo para elle

Lourenço?!... Ai! outro gentio! (Quer fugir.) Que horror de cabeça!

BRACELETE, contemplando-a affavelmente

A filha dos tapuios anda só no mato como a sururina?!

MIQUELINA

Quem és tu?

BRACELETE

Sou Bracelete de Ferro.

MIQUELINA

E que vem a ser isso?

BRACELETE

Se tu és filha de um chefe, meu filho chama-se Cedro Vermelho, o terrivel.

MIQUELINA

Cedro Vermelho? É Lourenço? Conhéce-lo? Viste-o? É teu filho? Para que trazes esse pedaço de monstro á cabeça?

BRACELETE, gravemente

O homem prudente só pergunta uma cousa cada vez; a sabedoria poupa as palavras. Tu és mulher, e as mulheres fallam como os papagaios.

MIQUELINA, com despeito

E os homens como os macacos! O que eu quero é saber onde está Lourenço?

BRACELETE

Foi esse nome que o tio Duarte poz a meu filho?

MIQUELINA

Cuido que sim.

BRACELETE

Vae dizer-lhe, que o Bracelete de Ferro passou o Tapajós e o Amazonas para vir busca-lo; e que segue o sol ha oito dias pelas florestas de Pauxis e pelos lagos do Surubiú.

MIQUELINA

Queres levar Lourenço?! Para onde? E elle voltará outra vez ao lago?

BRACELETE

A curiosidade nasce nas mulheres como as folhas nas arvores. O guerreiro ouve cantar as araras, os maracanás e os tucanos e não abre a bôca para lhes dizer onde secca a samambaya de que devem fazer os ninhos. (Miquelina que não o entendeu interroga-o com o olhar.) Não ouves?! (Levanta-se com terror.) É o canto agoureiro do oitibó! (Embraça melhor o escudo e tira o tangapema do pescoço.) O seu grito sinistro diante do sol diz ao juruna, que vae morrer um bravo!... (Senta-se meditabundo.)

SCENA XI

BRACELETE, MIQUELINA, MATHILDE

MATHILDE, seguindo pelo fundo á margem do igarapé

Valha-me Deus! Penso que este rio não vae ter ao lago! Desde madrugada que ando perdida na floresta e afigura-se-me que vi agora o tapuio... (Avistando os dois.) Ah! Lourenço! (Approxima-se.)

MIQUELINA

Engana-se, branca!

MATHILDE, reconhecendo o engano, com espanto

D'onde veiu este homem?! Que espantosos ornatos!

MIQUELINA

Não sei.

MATHILDE, a Bracelete

Conheces o Cedro Vermelho?

BRACELETE, apontando para uma grande arvore

Pergunta ao piquiá, se conhece os fructos que espalha entre os das palmeiras.

SCENA XII

MATHILDE, BRACELETE, MIQUELINA, BRAZ

BRAZ, espreitando por entre as arvores, áparte

Tambem será juruna este maldito?! O outro perdeu-me o rasto nas cabeceiras; e como vi agora os brancos, levando meu irmão, preciso a todo o custo apoderar-me da moça, para garantia da minha vida. (Entra resolutamente.) Senhora branca?...

MATHILDE, correndo para Bracelete

Defende-me, gentio!

BRAZ, approximando-se d'ella

A branca foge dos indios mansos para os indios bravos?! Seu tio já me perdoou... e encarregou-me de vir procura-la, para lhe ensinar o caminho do lago.

MATHILDE, tirando do seio uma faca

Mentes! Se me tocas, mato-me.

MIQUELINA

É melhor ir com elle, que não lhe faz mal.

BRACELETE, erguendo-se com ostentação

Quem ousa insultar mulheres diante do Bracelete de Ferro?!

MATHILDE, chegando-se para Bracelete

O pae de Lourenço?! Oh! defende-me d'este miseravel! Sou sobrinha do teu amigo Duarte, e minha mãe chamava ao Cedro Vermelho o seu filho juruna!

BRACELETE, levantando o tangapema, a Braz

Tu és mura! A vida do escravo apagou desde muito no teu corpo as côres da tua raça; mas eu sou juruna, como deves conhecer pelas pinturas do meu rosto, que representam costellas de adversarios mortos ás minhas mãos. O vento do lago, passando através dos arvoredos, trouxe-me logo que cheguei aqui o faro de um inimigo!... Andas fugido do Cedro Vermelho? Aprompta-te para o combate! (Brandindo o tangapema; a Mathilde, que se colloca atraz d'elle.) Não temas, Flor de mamauarana; protege-te o tacápe invencivel de um velho tupy. (Larga o arco e as frechas, para se cobrir melhor com o escudo, e toma uma attitude de combate.)

BRAZ, passando o arco para a mão esquerda e pegando na faca com a direita

Sou mura, é verdade; sou inimigo de teu filho e da tua tribu; e não será esta a primeira vez que o sangue juruna tinja as minhas armas!

MIQUELINA

Credo! não se matem aqui diante da gente!

BRACELETE, avançando para Braz, com a espada erguida e cobrindo-se com o escudo

O peso do meu tangapema fará depressa com que te fuja a voz do peito! (Avança para o tapuio, que vae recuando, e desapparecem ambos.)

MATHILDE, supplicante, a Miquelina

Fujamos! (Miquelina hesita um instante, depois aponta-lhe para o rio.)

MIQUELINA

Siga a margem do igarapé, que vae ter ás barracas. Depressa! Eu fico. (Mathilde segue rapidamente o caminho indicado e desapparece.)

SCENA XIII

BRAZ, MIQUELINA, BRACELETE

BRACELETE, fóra

Não fujas, covarde!

BRAZ, idem

Quando os muras fogem é para se vingarem melhor.

MIQUELINA, olhando para o lado dos combatentes

O velho tropeçou!... Ah! (Recua atterrada.)

BRAZ, entrando

A branca?

MIQUELINA

Não a vi. O tapuio é matador traiçoeiro!

BRAZ, furioso, depois de correr toda a clareira com a vista,
levantando contra Miquelina a faca ensanguentada,
que traz na mão

O que tu precisavas tambem!...

MIQUELINA, recuando, assustada

Ai! (Braz parte a correr, seguindo o caminho de Mathilde.)

SCENA XIV

MIQUELINA, BRACELETE, LOURENÇO,
MATHILDE, ao longe

BRACELETE, cambaleando, sem a pelle de onça
e sem o escudo, brandindo a espada

Que é d'elle? Fugiu?! São assim sempre todos os filhos da raça infame dos traidores! A faca é arma vil... como quem usa d'ella... (Quer correr após Braz, e cáe sobre um joelho, amparando-se ao tangapema.) Bem diziam os meus guerreiros, que o Bracelete de Ferro não tomaria a leva-los ao combate! (Encosta-se a um tronco.)

MIQUELINA, commovida

Pobre velho! Se eu tivesse aqui agua do grelo da embaubeira branca!... (Examinando as plantas proximas.) O sumo do carajurú talvez

lhe faça bem ao golpe?... (Vae para cortar um cipó e vê Lourenço atravessando rapidamente ao fundo.) Lourenço? Acode a teu pae!

LOURENÇO, vendo o velho, estupefacto

Meu pae?! (Approxima-se.) Como veiu o chefe ao lago do Curumú?!

MATHILDE, ao longe

Lourenço?! Lourenço?! O tapuio!...

LOURENÇO, com um rugido de colera

Ah! (Vae para partir; ao pae.) É um inimigo da nossa raça!

MIQUELINA, detendo Lourenço

O velho está ferido. (Ouvem-se dois tiros.) Lá mataram o tapuio! Vou ver. (Sáe.)

SCENA XV

Bracelete, Lourenço

LOURENÇO, voltando para junto do pae

Ferido?! O meu pae encontrou a onça no caminho? (Suspende-lhe a cabeça e ajuda-o a sentar-se na arvore caída a que se apoiava.) Ficou cansado da jornada? Veiu de tão longe procurar seu filho!

BRACELETE

A tribu juruna alliou-se aos mundurucús

para exterminar os apiácas, como tinha feito aos parintins. No principio da ultima lua começámos a persegui-los desde as margens do Mambariára até á foz do Pacuruína. Vencemos em seis combates!... no setimo, o cacique mundurucú foi atravessado por uma tacuára e os seus companheiros desappareceram. O Bracelete de Ferro não pôde suster sósinho o peso do inimigo... e os jurunas perseguidos fugiam gritando: 'Tijuaé pitúba! Tijuaé pitúba!'

LOURENÇO, indignado e com admiração

Velho covarde?! Ao mais valente guerreiro das regiões banhadas pelo Tocantis, o Xingú e o Tapajós?!

BRACELETE, estoicamente

Tinha-se perdido uma batalha!... Os jurunas entendem que quem não vence sempre, não é digno de governa-los. Toquei debalde o boré, para os levar contra os apiácas; responderam-me em altos gritos: 'Acaiacá Piranga! Acaiacá Piranga! Só o Cedro Vermelho nos guiará outra vez pelo caminho da victoria!' O piága disse-me que viesse procurar-te... vim; e antes de achar meu filho, encontrei a faca do mura!...

LOURENÇO, vendo-lhe a ferida

Oh! (Pegando na espingarda ás mãos ambas.) Raio de

Tupá!... Foi elle!... Foi elle!... (A Miquelina, que vem entrando.) Garça do lago, procura o balsamo da massarandúba, as folhas do imbirí ou o oleo santo da cupahiba e trata do chefe, que eu vou buscar-lhe o seu inimigo. (Vae para saír.)

SCENA XVI

Bracelete, Miquelina, Lourenço

MIQUELINA

Os brancos já o apanharam! (Lourenço faz um movimento de alegria.)

BRACELETE, detendo Lourenço com um gesto

Espera... e ouve. (Lourenço volta para junto d'elle; a Miquelina que procura entre os cipós e arbustos.) Não te canses, Flor de mamauarana!... o velho covarde, que perdeu o prestigio do mando e se deixou tropeçar na sapopema, para que o mura o esfaqueasse, como se faz ao peixe que bebeu a agua do timbó, deve morrer. O sangue do matador já não póde caír sobre esta ferida a tempo de consolar o Bracelete de Ferro.

LOURENÇO, consternado

Morrer! O meu pae ha de morrer sem que seu filho o dispute á morte?!

BRACELETE, serenamente

As lamentações são proprias de mulheres; um guerreiro não se queixa nunca. O Cedro Vermelho fica vivo; os jurunas serão governados por um cacique valeroso! E o Bracelete de Ferro terá um vingador... se os brancos não roubaram o animo do coração de seu filho, assim como lhe lavaram do corpo as pinturas que distinguem o seu povo...

LOURENÇO, como justificando-se

O chefe branco chama-me seu irmão... porém o gentio é livre; partirá depois de ter vingado o Bracelete de Ferro. (Chora.)

BRACELETE, severamente

Um homem não chora, vinga-se.

LOURENÇO, limpando rapidamente os olhos com as mãos

É justo o que tu dizes! Ensina-me como se morre; falla, para que os meus ouvidos ouçam pela ultima vez as palavras da tua sabedoria. Garça do lago, aprende como os valentes da minha raça impõem silencio á dor.

MIQUELINA, approxima-se, chorando

Tenho tanta pena d'elle!...

BRACELETE

As filhas dos jurunas desprezam as lagri-

mas como nodoas de covardia. O chefe que perdeu o vigor deve caír sem gemidos, como o jaburú quando despe no lago as derradeiras pennas das azas. Ouve os preceitos que te lega o tupinambá. Corpo sem tintas de jenipapo é como pau sem casca, boiando na corrente... As pinturas indicam a nação a que pertence quem as traz no rosto e no peito, e attestam que se não tem medo de ser conhecido. Indios livres, que se alliam com brancos, ficam como a tartaruga voltada no areial com o peito para cima. Antes nadar nos rios pretos ao lado do jacaré, do que avistar um indio mura nos rios de aguas brancas sem ter a frecha no arco. Os mundurucús são valentes e leaes... Os cambebas foram nossos avós... os apiácas, a quem fazemos guerra, descendem como nós dos velhos tupys... mas são vizinhos dos muras e tornaram-se tambem traidores... não te approximes d'elles sem retezar primeiro a corda do teu arco, e sem levares mais duas na cintura... Se accenderes lume no campo da guerra, ensinarás o caminho ao inimigo... se embarcares sem dois remos no ubá, ficarás desarmado quando se quebrar um d'elles... Em terra que não conheças, não gastes frechas com peixe nem caça... não entres em combate sem levar o corpo molhado em oleo de patauá ou de bacába, para que as mãos

do adversario não possam agarrar-te... Nunca faças a guerra sem ouvir os velhos da tribu... chama todos ao conselho e segue só as palavras da sabedoria... Não faças allianças senão com gente da raça tupy... não mates os teus irmãos... (Erguendo-se lenta e solemnemente.) não perdôes aos teus inimigos!...

LOURENÇO, com admiração crescente

O Bracelete de Ferro é um grande chefe!

MIQUELINA

Até parece que está melhor!

BRACELETE, de pé, dominando energicamente a dor que o punge

Disse-te como se vive... Agora vê como se morre. Não entoes o canto da partida senão depois que o corpo do meu inimigo tiver pago a divida do sangue. Então, poderás ir dizer a Peito de Tiépiranga, que se pinte com a tinta que dão os fructos pardacentos do genipapeiro, e que solte os seus cabellos, que são pretos como as azas das araúnas, que eu começo a ter diante da vista! Enterra n'esta clareira o Bracelete de Ferro... elle dormirá aqui, abraçado com as suas armas, tão socegado como se repousasse na tibicuára das cachoeiras. Cedro Vermelho, vencedor dos parintins, novo cacique

dos jurunas: o chefe que morre, saúda-te! (Cáe morto.)

LOURENÇO, larga a espingarda, pega no tangapema do morto e levanta-o sobre este com um gesto de ferocidade

A alma do teu matador não tardará a seguir-te, para que tenhas quem te sirva no paiz da morte! (Brande por tres vezes a espada sobre o cadaver; Miquelina recúa atterrada; o panno cáe.)

ACTO QUINTO

A mesma scena do primeiro acto

SCENA I

FRANCISCO, só, vindo da beira do lago com o arco e as frechas de Braz

Salvè! ninho onde morreu á nascença o meu sexto projecto de casamento! Novo Ulysses, de uma Odysseia caricata, venho de auxiliar Diomedes, não a roubar o Palladio e os cavallos de Rheso, mas, a procurar... a Helena do Curumú!... E aqui estão as armas de Achilles, que me disputava o filho de Telamon, digo, do Bracelete de Ferro! Palavra de honra, que estou farto da vida selvagem! (Encosta o arco e as frechas á parede da casa.) As florestas virgens são admiraveis de magnificencia... e de bicharia! Emquanto eu me extasiava á vista de um tronco de envireira, coberto de formosissimas orchidéas, morderam-me dois mil bichos ao mesmo tempo! Carapanás, morossócas, piúns, mucuins, mu-

túcas, maruíns... o diabo! Aposto em como me beberam mais de uma canada de sangue! E cobras?! Vi-as de todos os tamanhos, feitios e côres! Algumas assimilhavam-se a bichas de rabear correndo sobre os arbustos!... Os sapos são enormes! parecem grandes chefes, sentados ás portas dos tejupares, esperando o seu povo para lhe dar audiencia! Aranhas, da grandeza de caranguejos; formigas, brancas, pretas, vermelhas, azues, verdes, roxas, amarellas, pequenas, grandes!... e todas a morder como damnadas! De lagartos, não fallemos! teem feitios impossiveis em historia natural! Desconfio que são projectos de bichos, de que Deus se esqueceu ali no principio do mundo! De vez em quando, encontra-se uma onça, para variar! E todos aquelles patifes olham para a gente com uns ares de familiaridade, que eu lhes dispensava de boamente! A floresta virgem é bella; mas, não quero mais! Fiquei saturado!... Estou até resolvido a ir para a cidade e regressar a Portugal. Para marido da dama romantica, não me apanham... Que ella parece estar agora um pouco mais rasoavel!... Tenho-a curado aos poucos... com o ridiculo. Durante a viagem disse-me algumas cousas amaveis... para desculpar as suas extravagancias. Entrára no mato, distrahidamente, ao romper do dia, e perdêra-se!... Póde

ser... o modo simples por que ella conta o caso, dá-lhe ares de verdadeiro. Quem sabe se o gentio a rejeita?! Que tolice!... não tenho nenhum motivo serio para julga-la tão severamente. Vi as minhas flores na mão d'elle... e ouvi o tapuio dizer aquellas palavras, que me encheram de desconfiança... Porém, de positivo, não sei nada. Mau, mau! Agora desculpo tudo! Estou já como todos os maridos bonachões, e ainda não sou casado! Vae-te embora, Francisco! Pelo seguro, muda-te para longe! Ao menos um capitulosinho romanesco, de alma solitaria e enfastiada, deve ter tido logar!... Ahi vem ella!... Não póde ser; não houve nada de importancia!... É a languidez natural, a bondade nativa das filhas do paiz, que... que... Como ella vem bonita!

SCENA II

Francisco, Mathilde, Duarte

DUARTE, vindo do lago, com Mathilde pelo braço

Estamos em casa, felizmente! Como te achas?

MATHILDE, indolentemente

Bem, meu tio; muito obrigada. (Chamando para o lado de casa.) Luiza? Damião? Ignacio?

Venha alguem atar aqui as redes. (Áparte.) Como hei de eu estar, tendo sido causa da morte do velho gentio? Que castigo dos meus desvarios! Nunca mais me consolo!

FRANCISCO

Felicito-a, minha senhora, e ao senhor coronel, pelo seu regresso. Depois de tantos perigos e sustos, não deixa de ser agradavel vermo-nos restituidos aos deuses penates!... (Mathilde inclina-se, agradecendo.)

DUARTE

Devemo-lo ao seu desembaraço; e de todo o coração lh'o agradeço novamente.

FRANCISCO

Não comece outra vez com elogios, senão vou-me embora! Bem basta o que já lhe ouvi da outra banda e durante a travessia!

DUARTE

Não me hei de mostrar reconhecido, tendo o senhor salvado a vida de minha sobrinha?!... (Abraçando Mathilde.) da sua noiva; porque é tempo de fallarmos claramente. Já disse a cada um por sua vez, que levava em gosto este casamento.

MATHILDE, reprehensiva

Oh! tio?!... (Entra uma preta, que amarra tres redes nas arvores.)

DUARTE, com bonhomia

Eu bem sei que se amam... Adivinhei a causa da tua melancolia, minha sonsinha!...

FRANCISCO, protestando

Oh! senhor coronel!

DUARTE, imitando Mathilde e Francisco

Oh! tio?! Oh! senhor coronel! (A Francisco.) Temos a historia do costume?

MATHILDE, áparte, com curiosidade

Que historia?!

FRANCISCO, a Duarte, indicando Mathilde

Não a deixe suppor, que eu me associo ás suas tentativas de violencia!

MATHILDE, baixo, a Francisco

Muito agradecida.

FRANCISCO, idem, a Mathilde

Não tem de quê; se elle continua a teimar, fujo para a cidade.

MATHILDE, áparte, sentando-se n'uma rede

Como?! Foge?!...

DUARTE, sentando-se n'outra rede, a Francisco

Confessa, que não quer casar?!

FRANCISCO

Confesso que sou incasavel. Bem sabe se tenho rasão para dizer isto!

DUARTE

Exponha os seus motivos diante de Mathilde.

FRANCISCO

Oh!... isso não. E, se me permitte, penso que esta discussão na sua presença é um pouco... shocking, como dizem os inglezes.

MATHILDE, áparte

Parece-me que elle exagera! Dir-se-ía que lhe metto medo?!

DUARTE

Vae-te embora, filha. Este homem abusou da nossa confiança. (Mathilde recosta-se na rede e balouça-se.)

FRANCISCO, offendido

Eu?!

DUARTE

O senhor é casado.

FRANCISCO, com um gesto de horror, comico

Não blasphemo! Olhe que faz desabar sobre nós estas mangueiras e coqueiros!

DUARTE

Vae-te, Mathilde; não o ouças nem o acre-

dites. Se elle fosse solteiro, quem o impedia de casar comtigo?

MATHILDE, impaciente

Mas, tio?!... não se casa assim! (Áparte, olhando para Francisco.) Elle sabe alguma cousa!

FRANCISCO, sentando-se na rede que está vazia e balouçando-se

Ha obstaculos fortes... (Olhando para Mathilde.) devaneios, talvez, de uma phantasia caprichosa... (Mathilde, que tinha parado a rede, faz um movimento e balouça-se rapidamente. Áparte.) Apanhei-a! (Alto.) Ou gracejos do coração, que pódem tornar-se graves, e que eu não tenho o direito de apreciar... embora sinta o damno que d'elles resulte.

DUARTE, estupefacto

Isso é grego? Eu não percebo palavra!

FRANCISCO, balouçando-se

Póde ser que alguem perceba. (Mathilde balouça-se mais rapidamente.)

DUARTE, a Mathilde

Ouves o que elle diz? Faze favor de me esclarecer.

MATHILDE, balouçando-se

Eu... tio?... eu... Está hoje tanto calor! (Áparte.) Sabe tudo!... e adverte-me com generosidade!

DUARTE

Ah! vocês atrapalham-se?! Já entendo; estão amuados. Ora deixem-se de creancices! Vamos: desarrufem-se! Eu aqui estou para ouvir ambas as partes... e fazer justiça direita. (Mathilde e Francisco balouçam-se com mais velocidade.) Peior é essa! Respondem-me balouçando-se!

FRANCISCO, pára o movimento da rede e levanta-se

Senhor coronel, acabo de reflectir seriamente; e reconheço, com magua o digo, que me faltam as principaes qualidades que tornam os maridos supportaveis... De hoje em diante a minha posição em sua casa seria insustentavel; despeço-me do seu serviço, e parto, cheio de gratidão pelas suas bondades...

DUARTE, erguendo-se, com espanto

Despede-se?! Porquê? Fallem!

MATHILDE, áparte, suspendendo o balanço da rede

Que vergonha! Adivinhou... ouviu, talvez, a minha conversação de hontem com Lourenço?!... E eu sou tão covarde, que hesito ainda em sacrificar o absurdo ideal, que a minha imaginação creára, o sentimento indigno com que estive prestes a invilecer-me, guiada pelas minhas theorias e exagerações romanticas!

DUARTE, cruzando os braços

Não dizem nada!... (Francisco olha para Mathilde, que baixa os olhos e elle vae até ao pé de casa, pega no arco de Braz e põe-se a examina-lo; Duarte passeia.)

MATHILDE, áparte, olhando para Duarte

Pobre tio!... Se elle soubesse por que perigosos caminhos tem andado transviada a minha rasão?!... Que opprobrio! Desde que na ultima noite, dominada ainda pelas divagações do meu espirito enfermo, me perdi nos matos da outra banda, penso que foi Deus quem me enviou este homem de tão longe para me livrar de mim mesma!

DUARTE, parando diante d'ella

Persistes em calar-te?! (Volta-se para Francisco, que está ensaiando uma frecha no arco; zangado.) Escolhe bem a occasião de aprender a atirar á frecha!... (Francisco larga o arco e caminha lentamente para o coronel. A Mathilde.) Então?...

MATHILDE, áparte, erguendo-se com resolução

Talvez seja ainda tempo!... (Com um longo suspiro.) Ai! adeus, Lourenço! Adeus, para sempre! (Alto, e sorrindo.) O tio quer que eu obrigue o senhor Francisco a casar commigo? Bem vê que não posso... nem devo.

FRANCISCO, áparte, picado

Como é isso?! Ella ainda em cima escarnece-me! Ora espera que eu já te ensino!

(Alto.) Obrigar-me?! Afigurava-se-me não lhe haver merecido essa ironia? A minha maior ambição, o meu mais ardente desejo, seria passar a seus pés o resto da minha vida, metamorphosear-me n'uma d'estas flores, que lhe são tão caras, para que a chamma que me abraza, com todos os perfumes da minha alma, se apoderasse dos seus sentidos e d'esse coração rebelde? Tomo por testemunhas do que digo o lago do Curumú e as florestas que o rodeiam, ás quaes tenho confiado os meus segredos e os meus suspiros!... Só Deus sabe a saudade com que me aparto d'estes sitios, onde concebi o mais bello de todos os meus sonhos, e o unico por cuja realisação daria a existencia... senão precisasse d'ella para gosar tamanha felicidade. (Áparte.) Quiz-se fazer esperta commigo; veremos agora como se sáe d'esta declaração!

MATHILDE, que o tem escutado com um sorriso de satisfação

Peço-lhe que me perdôe por eu ter duvidado até hoje da existencia de tão puros affectos... desde que o ouço proclama-los com tanta paixão e eloquencia, não me é permittido continuar simulando indifferença. Sou grata aos sentimentos que lhe inspiro... é sua a minha mão... (Estende-lhe a mão.) esta mão, que diz desejar tanto.

FRANCISCO, áparte, caíndo sentado na rede

Será possivel?! E o selvagem?! Fiquei fresco!... (Ergue-se.) E já não posso recuar!... É duvidoso que ella se curasse inteiramente da tolice!... (Reparando em que Mathilde o espera com a mão estendida.) Ah! perdão... (Approxima-se e beija-lhe a mão; alto.) A alegria torna-me descortez!... Fiquei doudo de contente!... (Áparte.) Estou asseiado! Em todo o caso, o gentio já me não dorme em casa esta noite.

DUARTE

Ora graças a Deus, que os vejo de accordo! (Vae até á porta de casa, falla para dentro, um preto pequeno dá-lhe um cachimbo, com tubo de taquari muito comprido, que lhe accende assoprando n'um tição inflammado.)

FRANCISCO, áparte, sentando-se na rede

D'esta vez não escapo! Quem ha de vir a este deserto para m'a tirar do lanço?! O selvagem, provavelmente, não entra no concurso?... Pobre Francisco de Lemos! Julgavas dar uma lição, e foste apanhado como um patinho! Agora, é casar e cara alegre! Sinto uns calefrios!... (Levanta-se.)

MATHILDE, approximando-se de Francisco, baixo

Adivinho o que está pensando... (Vendo que elle quer fallar.) Não m'o diga! Sei que é generoso e isso me basta. Acredite que aprecio

a honra que me faz, e que saberei ser digna do homem que teve a delicadeza de me chamar ao dever sem me ter humilhado. (Sáe.)

FRANCISCO, comsigo, seguindo-a com a vista até ella entrar em casa

De tudo isto concluo, que o homem nunca é completamente asno senão quando tenta ler no coração da mulher! Parece que eu é que me ía tornando indigno d'ella, com as minhas parvoices?! (Duarte volta para a rede, fumando.)

SCENA III

DUARTE, FRANCISCO, LOURENÇO

DUARTE, a Francisco

Não quer tomar uma cachimbada?

FRANCISCO

Não senhor. Ahi vem o gentio! Depressa prestou ao pae as honras funebres!

LOURENÇO

Bom tio Duarte?...

DUARTE

Que é, meu pobre Lourenço? Já sei que teu pae vinha buscar-te e que foi assassinado!... Infeliz velho!

LOURENÇO

O Bracelete de Ferro acabou como o jaguarété pixuna ferido pela giboia. Os seus olhos nunca deitaram lagrimas.

DUARTE

O assassino ha de ser punido, descansa.

LOURENÇO

Quem prendeu o inimigo do juruna?

DUARTE

Quando elle queria obrigar Mathilde a segui-lo pela capoeira, disparou-se casualmente a minha espingarda; o tolo do preto João, cuidando que se tratava de dar salvas, descarregou tambem a sua; vendo isto, o cachorro do tapuio julgou-nos desarmados e passou audaciosamente por baixo da ribanceira, onde estavamos, arrastando comsigo minha sobrinha; o senhor Francisco podia mata-lo com um tiro; porém, o portuguez tem a alma grande e o coração esforçado... (Francisco faz um gesto de descontentamento e afasta-se, indo para a beira do lago.) Preferiu mostrar ao tapuio que tambem era homem, e, largando a espingarda, precipitou-se sobre elle de cima da barreira e desarmou-o immediatamente.

LOURENÇO, lançando um olhar complacente para Francisco

O filho de alem do mar é um valente, di-

gno da alliança dos guerreiros do Xingú! Onde está o mura?

DUARTE

Tenho-o amarrado com o irmão na casa grande. (Francisco volta e senta-se n'uma rede.)

LOURENÇO, a Francisco

O portuguez não tem pae?

FRANCISCO, suspirando

Ainda tinha, quando saí do meu paiz... Agora, sabe-o Deus!

LOURENÇO

O Bracelete de Ferro atravessou o Xingú, o Tapajós e o Amazonas, procurando o chefe que devia substitui-lo no governo da sua tribu; antes porém de ter avistado as margens vermelhas do Curumú, o ferro dos covardes varou-lhe o nobre peito, por elle querer defender a filha do branco.

SCENA IV

Lourenço, Francisco, Duarte, Mathilde

MATHILDE, que ouviu as ultimas palavras de Lourenço

Perdôa-me, Lourenço!

LOURENÇO, que se vae excitando gradualmente

O chefe tupinambá caíu ás mãos da traição. Dos olhos do Cedro Vermelho, como das aguas que batem nas pedras da cachoeira, saltaram lagrimas de dor e colera; mas um guerreiro não chora, vinga-se! Affirmou-o a sabedoria da velhice.

MATHILDE, consternada

Foi innocentemente que eu causei a morte de teu pae! Tinha-me perdido no mato...

LOURENÇO, com mais força

'Não mates os teus irmãos!... Não perdões aos teus inimigos!' Assim disse a voz da verdade e da justiça.

MATHILDE, áparte

Que tormento merecido!... (Senta-se na rede.)

LOURENÇO, a Francisco

O branco é forte e generoso; se o indio mura lhe tivesse morto seu pae, que faria?

FRANCISCO

Pedia justiça aos tribunaes... Ah! desculpa; tu não sabes o que são tribunaes.

LOURENÇO

Mas sei o que é justiça; entrega-me o prisioneiro.

FRANCISCO

Era o que faltava! Não foi para tu lhe estragares a pelle com as tuas frechas, que eu lh'a conservei intacta.

DUARTE

Nós não temos direito de o matar; é a lei quem castiga os criminosos.

LOURENÇO

A minha lei exige que o assassino pague a divida de sangue; se não queres entrega-lo, por não ter sido a mão do gentio quem o amarrou, solta-o na minha presença.

DUARTE

Não posso; nem tu tens rasão no que pedes.

LOURENÇO

A vingança é a rasão suprema do meu povo, quando a vingança é justa. Se tu és um chefe, tambem eu o sou; o Bracelete de Ferro caíu defendendo a filha do branco!... Entrega o seu matador ao filho do guerreiro morto.

FRANCISCO, baixo, a Duarte

Tome cautela, que elle no fim de contas é um selvagem... (Olhando de soslaio para Mathilde.) E a selvajaria não tem nada de poetica!

DUARTE, a Lourenço

Preciso meditar. (Dá o braço a Francisco e sáe com elle.)

LOURENÇO, altivamente

O Cedro Vermelho espera; mas não acceita justiça que não seja conforme com os usos dos velhos tupys.

SCENA V

Lourenço, Mathilde

MATHILDE, erguendo-se

Supplico-te por alma de teu pae... e de minha mãe, que me perdôes ter eu sido causa involuntaria de tamanha desgraça!

LOURENÇO

Rosa do Surubiú, a tua mãe salvou-me a vida, e meu pae morreu por ti; foi justo, e estamos pagos. O Cedro Vermelho é agora rei dos jurunas, e a sua tribu espera-o para que a leve contra os inimigos. Os meus guerreiros perguntarão pelo Bracelete de Ferro... e se eu lhes disser que o deixei enterrado sem vingança á beira do lago dos tapuios, não me acceitarão por chefe. As mulheres irão apedrejar-me á porta do meu tejupar, chamando-me jaguára pitúba, que quer di-

zer cão covarde! Os anciãos da taba não me convocarão para os conselhos; e os moços insultarão como plantador de maniba e descascador de mandioca o homem que devia governa-los! Serei condemnado aos trabalhos das velhas; terei por armas o tipity e o paneiro; e acabarei por fim em desprezivel desamparo, como o oleo de umiri que perdeu o aroma!...

MATHILDE, enternecida

Infeliz Lourenço!... Não me digas isso, que me fazes muito mal!

LOURENÇO, continuando

Nunca mais arderá o lume debaixo da minha rede; os veados, que tremiam do juruna, sairão dos matos para irem sentar-se á porta da minha cabana, olhando com pasmo para as minhas frechas apodrecidas e para o meu arco sem corda! As antas fossarão a terra onde eu costumava sentar-me; as capuiáras, os cardumes de surubins e os tucunarés estrellados voltarão no rio a canôa de cedro, que d'antes os fazia estremecer no fundo sombrio do pégo das cachoeiras!...

MATHILDE, dolorosamente

Basta, por piedade! Estou assás punida! Não partas para o Xingú; iremos todos os dias

cobrir de flores a sepultura de teu pae, e juntos pediremos a Deus por elle. Ensinar-te-hei a rezar...

LOURENÇO, com ira

Não; os indios livres, que se associam com brancos, ficam como a tartaruga voltada no areial com o peito para cima! É uma sentença dos sabios tupys. Eu partirei, depois da vingança. Aqui tens o talisman de tua mãe, que não livrou o chefe juruna da faca do tapuio! (Tira o rosario do pescoço e vae para arremessar-lh'o; Mathilde tira-lh'o rapidamente e beija a cruz.) O Bracelete de Ferro não quer flores, rezas, nem lagrimas estereis, sobre as suas cinzas inanimadas; é a lembrança e execução das suas vontades que os mortos esperam da fidelidade dos vivos. Meu pae exigiu a alma do seu inimigo, e o Cedro Vermelho ha de mandar-lh'a. (Sáe.)

SCENA VI

MATHILDE, só, com doloroso espanto

Detesta-me! E transformou-se em verdadeiro selvagem! Oh! formoso ideal, que eu julgava descido das regiões celestes, em que lama irás manchar as azas candidas de que te vestiu a minha phantasia?! Amei-o! Amo-o

FRANCISCO, sorrindo

Até para a de condescender em casar commigo?

MATHILDE, sorrindo tambem e dando-lhe a mão a beijar

É verdade; até para essa! Uma fraca mulher, guiada unicamente pelos caprichos da sua phantasia, sem mãe, sem exemplo e lição feminina que a guiassem, depois de muitas leituras que uns parentes da cidade irreflectidamente lhe proporcionavam, milagre seria que não compozesse tambem o seu romance com heroe apropriado!...

FRANCISCO, fazendo uma careta, áparte

Explica-se muito bem!

MATHILDE, com melancolia

Quem póde gabar-se de nunca ter tido um desvario mais ou menos duradouro?! N'uma tarde, ao pôr do sol, quando os aromas inebriantes da floresta se espalhavam sobre as aguas serenas do lago e obrigavam os proprios jacarés a vir á superficie d'ellas aspira-los com delicias, tinha eu ido sentar-me a ler na praia dos cajueiros. O Curumú assimilhava-se a immenso espelho, reflectindo os tons quentes das nuvens e as copas dos arvoredos, que pareciam inflammadas pelos ultimos raios da luz solar; os gemidos do

vento iam adormecendo na selva, como sons melancolicos de musicas saudosas; os japins, ás portas dos ninhos que cobriam as acacias vizinhas, calavam-se, para ouvir as vozes dos tucanos ao longe, despedindo-se da tarde; sobre a minha cabeça volteavam, zumbindo, insectos vestidos de purpura e brilhantes; e os beija-flores, debatendo-se entre os festões de maracujá, que pendiam dos cajueiros, passavam com o mel colhido, rapidos como settas, roçando-me a face com as azas microscopicas...

FRANCISCO, meio ironico, meio admirado

O quadro é poetico e está composto com amor de artista! Receio, porém, que o estrague, juntando-lhe mais algum accessorio.

MATHILDE, supplicante

Tenha caridade com os arrependidos. Se o senhor aqui estivesse já, teria sido a figura principal d'essa composição... poetica.

FRANCISCO, áparte

Ah! faltava a figura principal?!...

MATHILDE, proseguindo

O céu, turvou-se repentinamente; a voz do trovão e o fuzilar dos relampagos fizeram emmudecer as aves, e fugir os insectos

e os jacarés; o lago envolveu-se em escuridão profunda; e a aza do pampeiro, revolvendo-lhe os seios, arremessou contra as margens as vagas espumantes. Eu tinha tido apenas tempo de me levantar para fugir, quando tudo serenou outra vez como por encanto! As aguas readormeceram; os japins voltaram para as entradas dos berços fluctuantes; ouviram-se de novo os tucanos; os colibris e os insectos resplandecentes reapoderaram-se das flores... e ao mesmo tempo vi apparecer, vogando tranquillamente na sua canôa, como se fôra trazido pela tempestade, o gentio, em quem eu até ali não tinha reparado nunca.

FRANCISCO, mais ironicamente

É um conto das 'Mil e uma Noites!'

MATHILDE, fazendo um gesto de quem se resigna

O indio mostrava-se reconhecido pelos beneficios que recebêra em nossa casa; acatava com religioso respeito a memoria de minha mãe; e hesitava em tornar para a sua tribu, por suppor que eu carecia de sêr protegida... A minha imaginação comprouve-se em exagerar-lhe as virtudes e os meritos e levantou-o á altura das creações poeticas! O seu ramo de mururé foi a primeira revelação que elle teve da minha extravagancia...

FRANCISCO, com despeito ironico

Ah!... o feliz mortal ignorou até hontem o culto de que era objecto?!

MATHILDE

E ignora-lo-ía talvez sempre... se a presença de outro homem, com poder mais real e mais forte, não viesse perturbar o repouso da solitaria sertaneja.

FRANCISCO, com incredulidade

Como se explica similhante contradicção?!

MATHILDE

Meu tio disse-me que desejava o nosso casamento; e eu, sentindo o perigo de vida em que via o meu ideal, imaginei regenera-lo... e matei-o mais depressa! Protesto-lhe que o meu coração assistiu como expectador indifferente á comedia da minha phantasia.

FRANCISCO, áparte

Falla com tanta eloquencia, que... Ah! as mulheres teem sempre a suprema habilidade de zombar de nós n'estas cousas!

MATHILDE

Não duvide de mim; fui sincera e desejo mostrar-me grata. Se não reconhecesse a sua generosidade, não seria nunca sua esposa;

dando-lhe a minha mão, peço-lhe que a receba sem suspeitas injuriosas; terá com ella o meu amor e a minha estima. Devia esta confissão ao seu nobre caracter...

FRANCISCO, agradecendo-lhe com uma cortezia

O gentio approxima-se. Peço-lhe o favor de me deixar só com elle.

MATHILDE, afastando-se, áparte

Não sei se o persuadi... nem se fui realmente sincera?!... Oh! coração de mulher, porque te fez Deus tão vario e tão cheio de hesitações e duvidas, que nem sabes o que queres?! (Sáe.)

SCENA VIII

FRANCISCO, LOURENÇO

FRANCISCO, áparte

Que ridiculo papel que eu represento em tudo isto! E porquê?! Para não passar por mal agradecido aos olhos do bom Duarte, que me acolheu como filho! A gratidão obriga ás vezes a cousas bem duras! Por isso ha tantos ingratos! O coronel percebeu que a sobrinha me não desagradava e quiz mostrar-se amavel, casando-a commigo... Fico-lhe obrigado pela lembrança; mas quem

mandou trazer este selvagem da sua malóca?!

LOURENÇO

Os brancos resolveram a entrega do prisioneiro?

FRANCISCO

Temos que tratar de cousas mais sérias. Presta-me toda a attenção que te for possivel; apesar de tu seres gentio, consta-me que possues o aleijão funesto, que entre a gente civilisada se chama coração, e isso não é grande fortuna.

LOURENÇO

A onça tambem tem coração e não perdôa aos seus inimigos.

FRANCISCO

A comparação é digna de sabios canibaes; adiante. Em vez de te humilhar, fazendo-te sentir a tua inferioridade moral, prefiro pedir-te que puxes pela intelligencia até entenderes bem tudo o que vou dizer-te.

LOURENÇO, fitando-o attentamente

O Cedro Vermelho é um chefe.

FRANCISCO

Bem sei; adverte, porém, que por mais grande homem que se seja entre os jurunas, póde muito bem acontecer, que em qualquer

outra parte se não chegue á craveira para regedor de parochia. Repara simplesmente em que eu ando vestido, e tu cobres-te de pennas, que nem sequer teem o merito de nascerem na tua pelle.

LOURENÇO

As pennas são os enfeites dos guerreiros. A raça tupy vangloria-se de saber adornar-se com magnificencia.

FRANCISCO

Não discuto; olha para os meus sapatos e verás a immensa distancia que nos separa.

LOURENÇO, desdenhosamente

Os pés do gentio não toleram prisões inuteis.

FRANCISCO

Se tivesse tempo, contava-te a fabula da raposa e das uvas, que é bonita e devias gostar, no caso de a entenderes. O meu intento, porém, é sómente fazer-te sentir, que, apesar de tu seres grande chefe, ha comtudo alguma distancia entre o homem vestido e calçado e o que se disfarça em arara ou papagaio de feitio impossivel. Posto isto, que a tua penetração apanhará como podér, vamos ao facto principal. Sabes que vou casar com a sobrinha do coronel?

LOURENÇO

Rosa do Surubiú é branca e formosa; o filho da outra banda dos grandes lagos affronta a morte sem medo; quem impede que a baunilha se abrace ao tronco perfumado da imyraquiynha?

FRANCISCO, em ar de quem concorda

Visto não te parecer desarrasoado o projecto do meu casamento, preciso pedir-te um favor, em nome de Mathilde.

LOURENÇO

Voz de Caraxoé dobrava a vontade do gentio como os ramos da cuieira vergam com o peso dos fructos. Rosa do Surubiú é sua filha.

FRANCISCO, approximando-se mais d'elle

Vou exprimir-te as minhas idéas com todo o rigor da logica; nota que sei logica! É mais uma vantagem. Veremos se tu me entendes.

LOURENÇO

O branco sabe porque a onça evita quasi sempre atacar a anta?

FRANCISCO

Não sei; e dispenso-te de m'o dizeres.

LOURENÇO

É porque se entendem.

FRANCISCO

Essa conclusão faz honra a um grande chefe. Agora ouve. Mathilde teve a insolita lembrança de te vestir com azas de beija-flor, para te fazer voar pelos espaços imaginarios da sua phantasia. Bem vês que ficavas irrisorio! Um guerreiro juruna!... O modo por que te vejo espantar os olhos indica-me que percebes admiravelmente! Bom; a sobrinha do coronel sympathisava comtigo; porém, o tio, que não sabe d'esse gracejo, quer que ella seja minha mulher. Tu comprehendes que não pódes casar com ella! Era caso de se seccar o Curumú de espanto, e do bom tio Duarte, apesar da sua pachorra, te encaixar duas magnificas balas na cabeça.

LOURENÇO, *friamente*

Rosa do Surubiú consente em ser companheira do branco? É justo; a jacitára não se enleia no pau de arco; a marapenima não mistura as suas côres atartarugadas com as da marapaúba. Os fructos do guaraná são vermelhos e não se criam no Curumú.

FRANCISCO

Discorres como se fosses academico! Res-

ta-me apenas para te impingir a parte mais difficil do discurso. Eu não quero offender-te... mas... se tu fosses dar um passeio até ao Xingú?... ou mesmo até mais longe?...

LOURENÇO

É preciso partir?!

FRANCISCO, enthusiasmado

És sublime de penetração! e fazes progressos admiraveis na arte de comprehender! Se eu não fosse casar-me, escripturava-te e ía mostrar-te como prodigio, por esse mundo fóra. Seria muito mais divertido!... mas não póde ser; tem paciencia. Reflecte, porém, no desgosto que teria o mano Duarte, ou como é que tu lhe chamas, se suspeitasse que a sobrinha te tinha achado, provisoriamente, um selvagem poetico?!

LOURENÇO

Quem disse á japecanga, que fosse offerecer o aroma das suas flores verde-brancas aos cachos vermelhos e dourados que pendem d'aquellas palmeiras? Quem manda o cipó de cheiro abraçar-se nos troncos das sucupiras? Quem pediu áquelles maracujás que estendessem os seus rosarios de fructos e flores sobre as aguas do lago, onde servem de collar ao jacaré?

FRANCISCO, áparte, com admiração comica

Este diabo é realmente interessante! Estou quasi a apaixonar-me tambem por elle! Se me convencesse de que Mathilde ainda conservava alguns restos de tolice romantica, era eu quem abalava!... (Alto.) Bem sei que não tens culpa; és distinctissimo no teu genero e até sympathiso comtigo! Por isso mesmo é que te peço, que partas ámanhã, hoje... immediatamente. É um grande serviço que fazes a todos os teus amigos, no numero dos quaes poderás incluir-me... se partires no mesmo instante.

LOURENÇO, com sentimento

Tens rasão, branco; o gentio não é d'aqui; não póde ficar no lago dos indios mansos, onde a sua presença não é já necessaria. Quando emmudeceu Voz de Caraxoé, teria elle partido logo, se o não prendesse um juramento... Não nasci n'estes matos!... Que importa que os meus olhos vissem crescer aquellas murtas, e estas bananeiras?! que as minhas mãos tivessem plantado alem o ananaz, querido de Rosa do Surubiú e o curauá para as cordas do meu arco?! Partir! não ver mais estes sitios; não tornar a colher para ella as flores com que o cipó corôa estes coqueiros! (Andando á roda da scena.) Deixar para sempre tudo isto!... Adeus, pois, ver-

des cacáoeiros e formosas goiabeiras, que eu vi tantas vezes, como agora, carregadas de fructos!... Doces mangas e laranjas, que me saciavam a sêde; plantas aromaticas, que eu trazia da floresta para o jardim das brancas; tejupar hospitaleiro do chefe, que me chamava irmão; lago de aguas profundas, que me recordavas o Xingú... adeus tudo! (Pegando nas duas mãos de Francisco.) Tu sabes o que é partir do logar, onde se costuma ver todos os dias nascer o sol, que alegra os olhos dos animaes e das plantas? Que importa ser gentio? Oh! eu sinto que perdi entre os teus amigos o amor da vida errante!... Partir!... Ai! partir!...

FRANCISCO, áparte, meio commovido

Se elle continúa assim, enternece-me e acabo por lhe pedir que fique! (Alto.) Lourenço, é necessario ser homem!... A tua partida é dolorosa, mas necessaria. Prometto-te que havemos de ter muitas saudades tuas; pódes levar ao menos essa consolação. Porém... não hesites; voltarás a visitar-nos, passado algum tempo... d'aqui a dez ou doze annos. Tu és um grande chefe; vae receber a herança de teu pae. Os jurunas estão suspirando por ti e não é justo deixa-los entregues ao desespero.

LOURENÇO, recobrando energia

O Cedro Vermelho partirá; os seus guerreiros precisam quem os leve ao combate.

FRANCISCO

Essa rasão é fortissima; elles devem estar impacientes. Põe-te já a caminho.

LOURENÇO

Seja; o juruna é fiel ao que promette.

FRANCISCO

Palavra de gentio honrado? Eu te desculparei com o coronel. Muda-te, sem dizeres nada a ninguem; as despedidas são tristes... e fastidiosas.

LOURENÇO

O branco entrega-me o prisioneiro, e eu parto com elle no mesmo instante.

FRANCISCO, áparte, desapontado

Que desillusão! (Alto.) O tapuio pertence á justiça.

LOURENÇO, resolutamente

Não partirei sem o meu inimigo.

SCENA IX

FRANCISCO, LOURENÇO, DUARTE

FRANCISCO, baixo, a Duarte

Se não manda já o tapuio para a villa, temos historia!

LOURENÇO, a Duarte

A vingança do juruna está esperando.

DUARTE

Os teus costumes são absurdos e barbaros; eu não posso nem quero imita-los.

LOURENÇO, impaciente

Exijo o prisioneiro!

DUARTE, com firmeza

Já te disse que é inutil insistir.

LOURENÇO, com força

Quero o assassino de meu pae!

DUARTE

Não me impacientes.

LOURENÇO, exaltando-se

Bracelete de Ferro caíu assassinado, quando defendia a tua filha!

DUARTE

Ha de ser vingado, mas não por ti.

LOURENÇO, furioso

O matador do chefe juruna morrerá ás minhas mãos!

DUARTE, baixo, a Francisco

Sáia com disfarce; chame seis pretos, arme-os, e vá pelo cafezal levar os dois tapuios á villa; diga lá que os mettam na cadeia, por minha ordem. (Alto a Lourenço.) Lembra-te de que foste baptisado, e que a religião christã prohibe-te que derrames o sangue de teus irmãos.

LOURENÇO, indignado

Os indios muras são tupinaéns; não são parentes dos jurunas, descendentes dos nobres tupys.

FRANCISCO, saíndo, áparte

Ah! Mathildinha! Tambem eu ía idealisando a féra!... mas estou curado. Oxalá que te succeda o mesmo! (Sáe.)

SCENA X

LOURENÇO, DUARTE

LOURENÇO, vendo saír Francisco

O chefe manda esconder o tapuio?

DUARTE

Não é necessario; confio que não ousarás tirar-m'o á força.

LOURENÇO

Responde como homem esforçado e não como covarde. Queres entregar o assassino ao filho do assassinado?

DUARTE, com energia

Nunca!

LOURENÇO, indo espetar na porta da casa uma das suas frechas

Está quebrada a alliança! (Parte um ramo de arvore, que atira aos pés do coronel.) Já não sou teu irmão, nem tu és meu tio; nunca mais dormirei debaixo da tua palha; não tornarei a fumar no teu cachimbo, nem a comer da tua mandioca; e quando as minhas frechas te rasgarem o corpo, será já tarde para aprenderes a ser justo como convem a um guerreiro.

DUARTE, colerico

Lourenço!

LOURENÇO

O branco desfez o pacto e o gentio é livre! No lago e no rio, no bosque e na campina, encontrarás de hoje em diante mais um inimigo! Quem defende os traidores é traidor como elles... (Volta-se rapidamente, deita-se, pondo o ouvido no chão, levanta-se de um pulo e parte a correr para a floresta.)

SCENA XI

DUARTE, MIQUELINA

MIQUELINA, vindo do lago e vendo sair Lourenço

Lourenço?! Lourenço?! Elle vae-se embora! (Áparte.) Ainda não lhe pude dar o tamacuaré!... (Alto.) O senhor Duarte sabe se o gentio volta? Eu poderei casar com elle?

DUARTE, voltando-lhe as costas, encolerisado

Faltava cá esta com as suas tolices!

MIQUELINA, despeitada

O gentio não é escravo!

SCENA XII

DUARTE, MIQUELINA, THOMÉ

THOMÉ

Senhora Miquelina?...Vamos d'aqui. Não quer ir na minha canôa? Eu largo já para a outra banda.

MIQUELINA

Espere um bocado. (Áparte.) É preciso não lhe dar de mão, porque se o gentio não quizer casar commigo, casa o Thomé.

THOMÉ

Que teima! Parece que o outro lhe deu feitiço! Elle não póde casar senão com gentias.

MIQUELINA, encolhendo os hombros

Ora!...

THOMÉ

Digo-lhe isto! É a lei d'elles.

MIQUELINA

Quem lh'o disse?

THOMÉ

Toda a gente.

MIQUELINA, a Duarte

Aquillo é verdade?

DUARTE, afastando-se

Vae bugiar!

SCENA XIII

DUARTE, MIQUELINA, THOMÉ, FRANCISCO

FRANCISCO, entrando a correr

Senhor coronel? Senhor coronel? Fugiu o tapuio!

DUARTE, com espanto

Fugiu?! Qual d'elles? Como?!

FRANCISCO

O Braz.

DUARTE, querendo saír e gritando

Ó gente?! João?! Anastacio?! (Parando.) Agora ninguem mais lhe põe a vista em cima.

THOMÉ, com alegria

Ainda bem que não foi o Antonio!

DUARTE, recordando-se

Lourenço saíu d'aqui a correr... Provavelmente, sentiu-o!

FRANCISCO, áparte

Começará outra vez a caçada?... Não contem commigo!...

SCENA XIV

DUARTE, MIQUELINA, FRANCISCO, THOMÉ, MATHILDE, JOÃO

MATHILDE, entrando precipitadamente

Meu tio? Senhor Francisco?... Acudam!... (Todos correm para ella.)

DUARTE

A quem? Aonde?!

FRANCISCO, áparte

Que será isto agora?!

MATHILDE

Na ponta do mangue... Braz e Lourenço!

FRANCISCO

O encontro do leão e do tigre?! Ainda bem! Já era tempo.

MATHILDE

Matam-se ambos!...

FRANCISCO, áparte

Talvez seja bom... para o desenlace.

DUARTE, chamando para o lado de casa

Ó Luiza? Luiza? Chama todos os pretos! (Sáe uma preta de casa e atravessa a scena correndo para a banda do lago; apparece João.) João?! Dá cá as minhas pistolas... Ah! é tarde!

SCENA ULTIMA

DUARTE, MATHILDE, FRANCISCO,
MIQUELINA, THOMÉ, JOÃO, LOURENÇO,
PRETOS, PRETAS

LOURENÇO, entra lentamente, com o braço direito erguido, empunhando o tangapema de Bracelete, ligeiramente inclinado para diante

Paz ao odio jurado, chefe branco!... Paz... Rosa do Surubiú... (Vae arrancar a frecha que espetára na porta, quebra-a e arremessa-a para longe.) Não violei a hospitalidade do tejupar amigo; posso chamar-te ainda irmão e tio... porque honrei as tradições gloriosas dos tupinambás. 'Não mates os teus irmãos! Não perdões aos teus inimigos!' (Querendo saír.) Agora, posso partir...

MATHILDE, approximando-se d'elle

Partir para onde? Ah!... tanto sangue!

LOURENÇO, voltando atráz

O Cedro Vermelho prometteu o seu inimigo aos jacarés e aos sucurijús.

DUARTE

Que é do tapuio?

LOURENÇO

Na ponta do mangue ha um logar, onde o lago é profundo e sombrio... deve ser por ali bom caminho para o corpo de um indio mura descer ao paiz da morte... Mandei-o levar a alma escrava á sombra do Bracelete de Ferro. A faca traiçoeira, com que elle queria assassinar o portuguez que o prendeu, não tornará a servir covardes.

FRANCISCO, baixo, a Duarte

A Providencia livrou-me, por eu não ser ainda casado!

LOURENÇO, voltando-se para o lago

Bracelete de Ferro, meu pae, dorme em paz, consolado e repousando a cabeça sobre o teu matador! (Encostando-se á espada para não caír.) O Cedro Vermelho já póde apparecer sem deshonra no meio dos seus guerreiros e dizer-lhes: O homem que perdeu o vigor, caíu sem um gemido... (Cambaleia.) como chefe intrepido!... E eu vinguei a sua morte!...

MATHILDE, querendo segura-lo

Amparem-n'o!

FRANCISCO, baixo, detendo-a com o gesto

Seja coherente; é inutil trahir-se diante de seu tio.

MATHILDE, baixo, a Francisco, supplicante

Não interprete mal os meus sentimentos. (Francisco faz-lhe um gesto de quem não a comprehende.)

LOURENÇO, encarando João

Tu és o Jutahi Preto? (João approxima-se d'elle commovido; pegando-lhe na mão.) Foste sempre bom companheiro!... Lizo como o pau mulato e fiel como os jurunas! O Cedro Vermelho é teu irmão... Adeus, Jutahi Preto!

JOÃO, afasta-se chorando

Coitadinho! Matou tapuio, e tapuio matou elle!

LOURENÇO, a Francisco

Filho dos carybas... o teu coração é como os livros, que fallam com Rosa do Surubiú!... Quizeste fecha-lo, quando fallavas com o gentio... mas o olhar do Cedro Vermelho viu-o no fundo do teu peito, como através das aguas transparentes do Tapajós se avistam os cardumes de peixe. Tu és valente, generoso e leal... Não escondas com o riso escarnecedor dos brancos as virtudes dos guerreiros sabios!... Entre os meus, serias honrado como tupinambá... Se voltares ao paiz onde nasceste, poderás affirmar que viste morrer o juruna

como homem esforçado, imitando o Bracelete de Ferro!

FRANCISCO, commovido

Vae em paz, amigo; os meus estupidos gracejos não impedirão que eu chore a tua perda!

LOURENÇO, pegando na mão de Duarte

Se te offendi, foi por ser fiel aos usos da minha nação; tinha de vingar meu pae!... Tu és bom... Esquece-te e perdôa. (Duarte afasta-se sensibilisado e sem responder.) Rosa do Surubiú?... é tão longe a taba juruna!... sem o teu auxilio, o corpo do guerreiro será comido pelos urubús famintos.

MATHILDE, com impeto generoso

Dormirás o teu ultimo somno debaixo da mungubeira que protege as cinzas queridas de minha santa mãe!

LOURENÇO

Manda sepultar-me no logar mais alto da ponta do mangue, com o rosto voltado para o lago, onde se esconde o matador do velho cacique; elle não ousará saír das aguas, sabendo que na terra proxima está o Cedro Vermelho e o tangapema que o derrubou no abysmo dos mortos.

MATHILDE, tentando conter as lagrimas

Farei tudo... como desejas.

LOURENÇO

Adeus!... não chores; o orvalho dos olhos desbotaria as rosas do teu rosto. O juruna aprendeu a supportar a dor com o sabio chefe tupy... e não tem pavor da morte! Prende as tuas lagrimas; quando se tiram as aguas perfumadas da raiz do cauré, o cipó desfallece e morre. (A Miquelina.) Adeus, Garça do lago...

MIQUELINA, enxugando os olhos

Adeus! (Áparte.) Antes eu lhe tivesse dado o quitute de tamacuaré!...

THOMÉ, puxando por ella

Vamos embora. (Miquelina empurra-o e fica olhando para Lourenço.)

LOURENÇO, vendo Thomé

Um indio mura! (Começa a delirar.) As minhas armas?! O meu tangapema de angelim e as frechas envenenadas dos cambebas!... Gentios do Solimões, do Jauari, do Maués, do Tupinambaranas e do Tapajós, o Cedro Vermelho desafia os vossos guerreiros mais valentes!...

THOMÉ, recuando

Endoudeceu! (Alguns pretos e pretas, que tinham acu-

dido ao chamamento de Duarte, approximam-se curiosamente da scena, e fazem circulo ás outras personagens.)

DUARTE

Afastem-se; é o delirio que principía.

FRANCISCO, querendo levar Mathilde comsigo

Poupe-se a este doloroso espectaculo.

MATHILDE, baixo, supplicante

Oh! deixe-me ficar! Perdôe...

FRANCISCO, áparte, largando-a

Nunca hei de entender esta mulher!

LOURENÇO, brandindo a espada

Vinte parintins pagam com a vida a morte de cada um dos meus!... A mim, valentes da cachoeira! a mim, todos!... Eu sou Cedro Vermelho, o terrivel! E tu, quem és? Um chefe?... não; tu és o pirata do grande rio, o descendente dos canibaes tapuyas, envilecido pelo servilismo! Quando vivias como salteador, tinhas ainda a nobre independencia do homem livre... agora, és vil esfaqueador e escravo dos brancos!... Frechas! mais frechas! (Fazendo gestos de quem despede frechas do arco.) Caíu o cacique mundurucú!... Avança, piága juruna!... Toca o maracá sagrado, que eu faço tremer com os sons do

meu boré a serra dos Parecis!... O incendio da floresta alumia as aguas do Guaporé, vermelhas com o sangue inimigo! Victoria! Victoria, pelos jurunas!... (Cáe; todos correm para elle; larga a espada.)

MATHILDE, ajoelhando

Meu Deus, meu Deus, valei-lhe!

LOURENÇO, mudando de gesto e de tom

Oh! como estou cansado!... Um chefe! Não digas aos indios servis, que o Cedro Vermelho caíu. A arvore, que nas margens do Amazonas desafiára os raios de Tupá, foi derrubada traiçoeiramente pela corrente das aguas, que lhe excavaram o pé!... (Com terna expressão.) Voz de Caraxoé, as tuas mãos milagrosas preparam debalde a raiz da ururina e o leite ensanguentado da ucuúba... Estas feridas não teem cura!... (Como recordando-se e apalpando o pescoço.) Ah! não tinha commigo o legado precioso... (Mathilde levanta-se.) e por isso o teu Deus me puniu!... Perdôa-me!... Anjo das florestas, para que fallas de amor ao juruna? Julgas que elle é frio e insensivel como as pedras que banha a corrente do Acarahi?... Cala-te... o guerreiro jurou a tua mãe moribunda, que te defenderia... contra as tuas proprias paixões! O seu juramento impoz silencio ao coração do homem valeroso... Cala-te! Cala-

te!... Eu seria infiel aos mortos, se te levasse commigo para as regiões que banha o Tucuruí. (Francisco olha com espanto para Mathilde, que lhe responde com um gesto de innocencia.) Não vás, pobre garça!... O teu vôo não tem força para salvar as penedias d'onde se despenha o Xingú! É perigoso o salto das cachoeiras... e as nuvens de prata, com que ellas encobrem o sol, molhariam as tuas pennas, fazendo-te caír no rio! (Mathilde e Miquelina entre-olham-se.) A terra do juruna é tão distante!... Os espinhos das florestas rasgariam cruelmente os teus pés delicados!... (Ergue meio corpo, esfregando os olhos.) É quasi noite... e o sol não chegou ainda ao meio da sua carreira! Tenho sêde... Desde muito tempo que não chove!... e o Xingú passa tão longe!...

FRANCISCO, a João

Dá-lhe agua! (Mathilde agradece com um olhar a Francisco; João sáe, traz uma cuia de agua, que quer dar a Lourenço, este rejeita-a.)

LOURENÇO, olhando fito para Mathilde

Porque vae aquella estrella correndo? Será uma alma errante, que procura o caminho do céu? O teu Deus tambem conhece os indios bravos? Dizia-me tua mãe, que Elle era bom e que dava hospitalidade igual aos homens de todas as côres... é verdade? Eu quero conhece-lo; ensina-me como se póde subir á

sua presença. Qual é a luz que guia para lá as sombras dos mortos? (Ergue-se sobre os joelhos e esfrega novamente os olhos.) A noite approxima-se, como o bando de urubús que avista de longe o veado morto na planicie!... Escurecem as clareiras, os rios, os lagos, o sol!... A voz do jacurutú annuncia o fim da vida!... Não o ouves, Rosa do Surubiú? Caraibebé, porque te escondes dos olhos do juruna? Caraibebé quer dizer Anjo, na lingua de meus paes... Reza por mim... (Mathilde ajoelha, põe as mãos e ora.) Sinto desprender-se do meu corpo alguma cousa, que procura as tuas orações... (Levanta-se com supremo esforço.) O velho chefe ensinou seu filho a desprezar a dor, que derruba os fracos... (Com o olhar fito para o céu.) Escuta!... Ouço nos cimos dos coqueiros o canto saudoso de um caraxoé, que chama por mim!... (Apalpando o pescoço.) Perdi o talisman!... (Mathilde levanta-se e deita-lhe o rosario ao pescoço. Pega na cruz, beija-a e cruzando depois as mãos sobre ella, contra o peito.) Que é isto que me foge?!... O filho dos tupys foi baptisado!... (Com um grito.) Ah!... é a alma de Lourenço... que se despede... do Cedro Vermelho!... (Morre, Francisco recebe-o nos braços e deita-o brandamente no chão; Mathilde abraça-se a Duarte, escondendo o rosto no seio d'elle.)

FRANCISCO, contendo a custo as lagrimas

A morte d'este barbaro heroico exigia funeraes condignos; como não podemos fazer-lh'os, roguemos a Deus por elle. (Descobre-se;

Duarte imita-o.) Ajoelhem todos! (Todos se ajoelham.) Em nome das grandes virtudes antigas, da nação que produz taes filhos e do soberano que a governa, supplico ao senhor coronel, que mande ao menos amortalhar na bandeira do seu paiz o corpo do chefe juruna. (Duarte, suffocado em chôro, faz um gesto solemne de assentimento; Mathilde aperta com terno enthusiasmo a mão de Francisco, que se ajoelha ao lado d'ella; oram todos fervorosamente; cáe o panno.)

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDICE

INDICE DAS NOTAS E ESCLARECIMENTOS [1]

[1] Para commodidade de quem ler o drama, se collocou aqui este indice, que, em rigor, deveria ir no 2.º tomo. Basta ver-se o numero da pagina, que se estiver lendo, se acha na 1.ª columna, á esquerda, e sabe-se immediatamente, seguindo para a direita, o titulo e numero da nota, bem como a que paginas esta se encontra no 2.º tomo.

AO SEGUNDO ACTO

TOMO I			TOMO II	
PAG.	LIN.		NOT.	PAG.
96	8	Tucurui	XVIII	185
»	11	Palmeiras que defendem	XIX	»
»	27	Crescem o cravo e a salsa	XX	»
97	1	Curimbó, guaraná.......	XXI	186
»	2	Baunilha, envireira, niá ..	XXII	195
»	4	Favas do cumarú e puxiri	XXIII	197
»	9	Jabotis	XXIV	199
»	12	Pacas e cotias..........	XXV	»
»	26	Mais direito que marupá..	XXVI	200
98	12	Boré	XXVII	»
»	13	Ellas correm	XXVIII	201
99	7	Balsamo da cabureíba...	XXIX	202
»	21	Jaborandís.............	XXX	203
100	4	A chuva de estrellas	XXXI	»
»	27	Consentirá a branca.....	XXXII	»
101	26	Magoaris	XXXIII	211
104	3	Andirobeira............	XXXIV	212
»	7	Tupinaen	XXXV	213
105	4	Lourenço pega em cobra	XXXVI	»
»	6	Pau mulato.............	XXXVII	215
»	14	Porco ou caititú.........	XXXVIII	»
107	23	Armou parceiro	XXXIX	216
112	4	Jurutauhi..............	XL	»
114	»	Urari	XLI	217
»	5	Pennas de urubú-tinga ..	XLII	220
»	17	Grasnar do hiumára.....	XLIII	223

AO TERCEIRO ACTO

115	11	Folhas de bananeira.....	I	224
»	13	Moquém com lume	II	»
»	14	Perna de veado a moquear	III	225
»	21	Espingarda lazarina.....	IV	»
116	13	Festa de S. Thomé......	V	226
117	1	Póde ser que no porto ...	VI	227

AO QUARTO ACTO

AO QUINTO ACTO

ERROS QUE SE DEVEM CORRIGIR

Pag	Lin.		
105	24	vem	veem
128	12	faz	faze
131	15	E noite	É noite
167	25	similhante	similhantes
»	»	ovo	ovos
184	18	araticúcúpanan	araticúpanan
202	15	Flor de mamauarana	Flor do lago
224	20	capuiáras	capiuáras
232	25	mas quem	mas quem o